

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KELLY SERAFINI

GULNARA LOBATO DE MORAIS PEREIRA:
TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES À TRADUÇÃO NO BRASIL

CURITIBA

2024

KELLY SERAFINI

GULNARA LOBATO DE MORAIS PEREIRA:
TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES À TRADUÇÃO NO BRASIL

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Literários, Setor de Ciências Humanas, na Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Milena Ribeiro Martins

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Serafini, Kelly

Gulnara Lobato de Moraes Pereira : trajetória e contribuições à tradução no Brasil. / Kelly Serafini. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Milena Ribeiro Martins.

1. Pereira, Gulnara Lobato de Moraes (Tradutora), 1912-1986.
2. Tradução e interpretação. 3. Lobato, Monteiro, 1882-1948.
I. Martins, Milena Ribeiro, 1973-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanoéla Nogueira Dias CRB-9/1607



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **KELLY SERAFINI** intitulada: **GULNARA LOBATO DE MORAIS PEREIRA: TRAJETÓRIA E CONTRIBUIÇÕES À TRADUÇÃO NO BRASIL.**, sob orientação da Profa. Dra. MILENA RIBEIRO MARTINS, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 26 de Agosto de 2024.

Assinatura Eletrônica

26/08/2024 15:38:26.0

MILENA RIBEIRO MARTINS

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

05/09/2024 10:41:16.0

GERMANA MARIA ARAÚJO SALES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)

Assinatura Eletrônica

26/08/2024 15:33:12.0

CILZA CARLA BIGNOTTO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS)

Rua General Carneiro, 460, 10º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5102 - E-mail: pgletras@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 391701

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 391701

Dedico às mulheres que enfrentaram inúmeras situações preestabelecidas pela sociedade e, mesmo contrariando o que era dito, conquistaram seu espaço. Em especial, dedico à minha mãe, que sempre se mostrou resiliente, amorosa e incansável diante das adversidades da vida.

Agradecimentos

Agradeço, principalmente, a Deus, pela força, persistência e fé na vida, nas pessoas e nos sonhos.

À minha orientadora Milena Ribeiro Martins pelas conversas, orientações, mas também pela compreensão e paciência nos momentos em que havia alguma dificuldade a ser superada. Foram mais de dois anos de contato e algumas disciplinas cursadas. Posso afirmar que conviver esse curto tempo tornou-me uma pessoa, estudante e pesquisadora melhor.

Aos professores do programa do mestrado de Letras da UFPR, especialmente àqueles que tive o prazer de conhecer e conviver enquanto cursava as disciplinas.

Ao Professor Waltencir Alves de Oliveira, da UFPR, pela gentileza em presidir a banca de qualificação. Agradeço as professoras Germana Maria Araújo Sales, da UFPA e Cilza Carla Bignotto, da UFSCar, pela gentileza em participar da banca de qualificação e defesa. As contribuições foram fundamentais para o seguimento da minha pesquisa.

Aos colegas do grupo de pesquisa que, gentilmente, contribuíram com sugestões na etapa final desta dissertação.

À minha amada família, Maria Joanete e Wagner, pela compreensão da minha ausência em diversos períodos durante dois anos do curso, mas também por estarem ao meu lado, através de palavras de conforto e motivação em momentos de desânimo e cansaço.

Aos diretores das escolas nas quais trabalhei nos dois anos, Fátima Pittol e Roberto Marachin Primo, pela generosidade e auxílio de diversas formas.

Ao coordenador professor Doutor Mauro Castilho e aos estagiários Luís Eduardo Bragança Tolosa e Felipe Arneiro de Almeida Pedroso do Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade de Taubaté, em Taubaté/SP, pelo ajuste em relação ao horário de funcionamento do Centro para a realização da pesquisa.

À Fundação Casa de Rui Barbosa, em especial na pessoa do Cláudio César Batista Vitena, pelos inúmeros *e-mails* trocados até o momento da pesquisa presencial no Rio de Janeiro.

Aos livreiros e sebos mencionados abaixo, que disponibilizaram o seu tempo para responder perguntas sobre os livros que a Gulnara traduziu e tornaram possível

a construção do inventário apresentado nesta dissertação. Fica registrado o meu sincero agradecimento e admiração aos seguintes livreiros: Sebo em 2 rodas, na pessoa de Tati Carvalho; Sebo Curupira; Sebo Oliveira de Diadema/SP; Sebo Universo Cultural de Joinville/SC, na pessoa do Denilson; Sebo Estante do Estudante de Fortaleza/CE, na pessoa do Elias Silva Echôa; Sr. Sebo de Ribeirão Preto/SP, na pessoa da senhora Doroteia; Sebo Autônomo de São Paulo, na pessoa de Mateus Gregório; Sebo Bugiganga, na pessoa de Rodolfo Santiago; Lusitano Sebo e Antiquário de Serrania/MG; Sebo Capricho de Londrina, na pessoa do senhor Luiz Antonio Basques; Casa Sebo da Cris de Itajurá/MG, na pessoa de Cristina; Livraria Calil Antiquário, na pessoa de Maristela Montesanti Calil; Sebo Balaio Digital de Porto Alegre/RS, na pessoa de Carlos Besen; Sebo Tucambira de São Paulo, na pessoa de Bernardo Ajzenberg; Acervo Sebo e Livraria, de Avaré/SP, na pessoa do senhor Darcio Bortoloso Júnior; Livraria Salim de Osasco/SP, na pessoa de Marino Pereira; Livraria Pacobello Sebo de Santo André/SP, na pessoa de Eduardo; Livraria Brasília, na pessoa do senhor Marcelo.

De fato, pesquisa nunca é feita sozinha. Muito obrigada.

“Mulheres por mulheres sejam traduzidas.”

Monteiro Lobato em carta do dia 7 de outubro de 1943 à Gulnara.

RESUMO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa sobre a atuação profissional de Gulnara Lobato de Moraes Pereira (1912-1986), sobrinha e nora de Monteiro Lobato (1882-1948), tradutora de dezenas de obras para editoras como Companhia Editora Nacional e José Olympio a partir de 1941. Apresentamos um panorama da tradução no Brasil nas primeiras décadas do século XX, bem como uma breve linha do tempo das principais editoras que publicaram traduções de tradutoras mulheres e suas principais coleções. Buscamos explicitar a relação entre Gulnara e Lobato fundamentando os vínculos por meio das cartas, que continham conselhos sobre traduções, sugestões profissionais, ofertas de trabalho, além da natural preocupação familiar. Além disso, criamos um inventário com os livros que ela traduziu para o português, pretendendo inseri-la nos estudos sobre a história da tradução no Brasil e nos estudos sobre mulheres tradutoras do início do século XX. Dentre os referenciais teóricos e históricos usados para a compreensão da história do livro e da tradução, destacamos José Paulo Paes (1990), Lia Wyler (2003), Alessandra El Far (2004), Laurence Hallewell (2005), Lauro Amorim (2005) e Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2019). Para os estudos sobre as editoras, destacamos Cilza Bignotto (2018), Gustavo Sorá (2010), Aníbal Bragança (2016) e Elizabeth Toressini (2021).

Palavras-chave: tradução; mulheres; Gulnara Lobato de Moraes Pereira; Monteiro Lobato.

ABSTRACT

This dissertation is the result of research on the professional performance of Gulnara Monteiro Lobato de Moraes (1912-1986), niece and daughter-in-law of Monteiro Lobato (1882-1948). She was the translator of several works for publishers as Companhia Editora Nacional and José Olympio from 1941 and later. Seeking to intertwine the relationship between Gulnara and Lobato, investigating the bonds through letters, that not only deal with family issues, but also contain advice on translations, professional suggestions, job offers, in addition to the natural family concern. This work also presents an inventory of the books Gulnara translated with the aim of inserting her name in studies on the history of translation in Brazil, creating an inventory with the books she translated into Portuguese, intending to insert her in studies of the history of translation in Brazil and in studies on women translators from the beginning of the 20th century. The theoretical references approached in order to understand of the history of the book and of translation, we highlight José Paulo Paes (1990), Lia Wyler (2003), Alessandra El Far (2004), Laurence Hallewell (2005), Lauro Amorim (2005) and Marisa Lajolo and Regina Zilberman (2019). For theoretical studies on the publishers, we highlight Cilza Bignotto (2018), Gustavo Sorá (2010), Aníbal Bragança (2016), Elizabeth Toressini (2021).

Keywords: translation; women; Gulnara Lobato de Moraes Pereira; Monteiro Lobato.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – INVENTÁRIO DAS OBRAS TRADUZIDAS POR GULNARA	61
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 PANORAMA DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NO BRASIL.....	13
1.1 A tradução no Brasil: história e impasses	13
1.2 O século XX e a popularização dos livros traduzidos	18
1.2.1 Monteiro Lobato e a Companhia Editora Nacional	20
1.2.2 Editora Globo.....	23
1.2.3 José Olympio Editora.....	25
1.3 Editoras, coleções, traduções e tradutores	27
2 As mulheres na sociedade, nas editoras e nas traduções	35
3 Quem foi Gulnara Lobato de Moraes Pereira?	40
3.1 Gulnara Lobato de Moraes Pereira: Tradutora	43
3.2 Sua escrita, suas cartas	50
3.3 Inventário das obras traduzidas por Gulnara	58
3.3.1 Quantidade de traduções	69
3.3.2 Editoras.....	70
3.3.3 Coleções.....	71
3.3.4 Idioma	71
3.3.5 Autores	71
3.3.6 Gêneros Literários	72
3.3.7 Cotradução	73
3.4 Localização do seu nome nas edições publicadas	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS	84
ANEXO 1 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	90
ANEXO 2 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	93
ANEXO 3 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	94
ANEXO 4 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	96
ANEXO 5 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	98
ANEXO 6 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	100
ANEXO 7 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	101
ANEXO 8 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	103
ANEXO 9 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	105

ANEXO 10 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	106
ANEXO 11 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	108
ANEXO 12 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	110
ANEXO 13 – CARTA DE LOBATO À GULNARA.....	112
ANEXO 14 – ENTREVISTA DE GULNARA PARA O SUPLEMENTO DO JORNAL A MANHÃ EM 1946	114
ANEXO 15 – CARTA EMITIDA EM NOME DA SARAIVA À JOSÉ OLYMPIO EDITORA TRATANDO DAS TRADUÇÕES DA OBRA DE LEÃO TOLSTÓI.	116
ANEXO 16 – RECIBO DA TRADUÇÃO MEMÓRIAS, DE MARIA: GRÃ-DUQUESA DA RÚSSIA EM FEVEREIRO DE 1942.....	117
ANEXO 17 – CARTA DE GULNARA ENVIADA À ANTÔNIO OLAVO, EM 14 DE MAIO DE 1954	118
ANEXO 18 – CARTA ENVIADA À GULNARA EM 13 DE MAIO DE 1976.....	121
ANEXO 19 – CARTA ENVIADA À GULNARA EM 21 DE SETEMBRO DE 1976	122
ANEXO 20 – CARTA DE GULNARA AO JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 14 DE JANEIRO DE 1946.....	124
ANEXO 21 – CARTA ENVIADA À JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 28 DE NOVEMBRO DE 1946	127
ANEXO 22 – CARTA ENVIADA À JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 10 DE SETEMBRO DE 1963	130
ANEXO 23 – CARTA ENVIADA A JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 27 DE NOVEMBRO DE 1985	134
ANEXO 24 – CARTA ENVIADA AO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO NA DATA DE 3 DE DEZEMBRO DE 1985	138
ANEXO 25 – TEXTO DO FERNANDO SABINO PUBLICADO NO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.....	140

INTRODUÇÃO

A presença da mulher no campo da tradução é pouco estudada, mesmo que haja vários nomes de mulheres que exerceram a profissão de tradutora no Brasil. Entre os poucos estudos no campo da tradução que documentam a presença das mulheres no Brasil, há o de Maria Clara de Castellões de Oliveira (2015), que chega a um expressivo número de 102 mulheres tradutoras que atuaram nas décadas de 1930 e 1940 e possuíam vínculo com figuras masculinas; e o de Maria Eduarda dos Santos Alencar (2016), que também apresenta uma lista de tradutoras contendo 225 mulheres, numa pesquisa que abrange os séculos XIX e XX.

Com o objetivo de criar o perfil biográfico de Gulnara Lobato de Moraes Pereira (1912–1986), localizá-la na história da tradução e inventariar as obras que ela traduziu, desenvolvemos esta dissertação da seguinte forma:

No capítulo 1, descrevemos um panorama sobre a história da tradução no Brasil, iniciando com a chegada da Família Real, em 1808, até as principais editoras envolvidas na publicação e popularização das traduções, especialmente na primeira metade do século XX, quando Gulnara começou a atuar como tradutora. Juntamente com esse panorama, apresentamos as coleções desenvolvidas pelas três principais editoras que se tornaram importantes para a publicação das obras traduzidas por mulheres.

No capítulo 2, discutimos a participação das mulheres na sociedade, nas editoras e nas traduções. Pretendemos, nesse capítulo, reunir as poucas pesquisas em torno desse assunto e apresentá-las a fim de compreender a condição das mulheres nesse período da história e na sociedade.

O capítulo 3 é dedicado aos resultados da pesquisa sobre Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Apresentamos o perfil biográfico utilizando diversas referências disponíveis: livros, *sites*, entrevistas, cartas e o inventário com suas traduções, organizadas em um quadro com as seguintes informações: título traduzido, autor, editora que publicou a tradução no Brasil, ano da publicação no Brasil, título original, ano da publicação no idioma original, coleção (se houver), idioma original, tradução conjunta (se houver) e local, juntamente com uma análise dos dados que foram encontrados. O encerramento do capítulo conta com fotos de capas, fichas

catalográficas e frontispícios de algumas obras de diferentes editoras, com o objetivo de destacar a presença de seu nome referenciado como tradutora.

A expectativa é que os elementos e argumentos reunidos corroborem a relevância das mulheres para a tradução no Brasil entre os anos 1940 e 1980, bem como a apresentação do perfil biográfico de Gulnara Lobato de Moraes Pereira e de seu inventário de obras tragam seu nome para as discussões nos campos da literatura e tradução.

1 PANORAMA DA HISTÓRIA DA TRADUÇÃO NO BRASIL

1.1 A tradução no Brasil: história e impasses

Na expectativa de contribuir com a história da tradução no Brasil e com a história das mulheres, nossa pesquisa foi fundamentada nos estudos de José Paulo Paes (1990), Lia Wyler (2003), Alessandra El Far (2004), Laurence Hallewell (2005) e Lauro Amorim (2005).

Os estudos da tradução no Brasil enfrentam dificuldades impostas por inúmeras razões: a ausência de um estudo sobre a historiografia da tradução no país, a falta de informações sobre tradutores e/ou obras traduzidas e até mesmo a invisibilidade do tradutor, quando seu nome não é devidamente divulgado. Em *Tradução: a ponte necessária*, José Paulo Paes (1990, p. 9) justifica os impasses afirmando que “o reduzido número de bibliotecas públicas existentes entre nós, a par da pobreza de seus acervos e da deficiente catalogação deles, são limitações por demais conhecidas para que seja preciso insistir no assunto”. Por “assunto”, Paes refere-se à história da tradução literária no Brasil, que enfrenta o descaso em relação ao livro traduzido juntamente com a falta de levantamento das obras literárias traduzidas no país. O estudioso discorre sobre a condição precária da tradução nos primeiros 400 anos no Brasil e aponta que a mudança aconteceu somente a partir dos anos de 1930. Seu texto é bastante elucidativo, pois percorre tanto a tradução de prosa de ficção quanto poesia, bem como as principais editoras, e refere-se a vários nomes de tradutores.

Em questões concernentes à tradução, a vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, gerou grandes mudanças. A partir do momento em que a Colônia começou a abrigar os novos habitantes “Reais” e os de algum modo ligados à monarquia, inovações foram introduzidas na sociedade. José Paulo Paes (1990, p. 13) lista os benefícios, afirmando que

A impressão de jornais e livros só se tornaria possível após a vinda de D. João VI para cá, quando o Brasil finalmente se abre para o mundo, inclusive o mundo das ideias. Em 1808 fundou-se no Rio a Imprensa Régia, a nossa primeira tipografia, já que as tentativas anteriores de aqui instalar prelos haviam sido severamente coibidas pelo governo colonial. Dois anos depois de sua fundação, a Imprensa Régia imprimia um livro traduzido pelo conde de Aguiar, o *Ensaio sobre a crítica*, do poeta inglês Alexander Pope [...].

Entre 1808 e 1890, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se muito atrativa aos escritores e intelectuais, não apenas por ser sede da Corte Portuguesa, mas também por abrigar um número crescente de tipografias e livrarias. Esse crescimento é apontado por Wyler (2003, p. 83-84) com os seguintes números: “[...] as tipografias se multiplicaram de uma (a Impressão Régia) para sessenta e sete; as livrarias, de duas para quarenta e cinco [...]”.

Esse período foi bastante fértil para quem trabalhava com livros, o que permitiu o desenvolvimento de vários editores, como: Pierre Plancher; Bossange e Aillaud, representados por Souza e Laemmert; Paula Brito; Baptiste-Louis e Hyppolyte Garnier.

Dentre os nomes citados, B.L. Garnier e os irmãos Laemmert se destacaram no século XIX por serem filiais de grandes livrarias europeias. Entretanto, “é interessante notar como os livreiros proeminentes nesse período foram aqueles que não se restringiram à venda de livros e apostaram também nos trabalhos de edição e impressão” (El Far, 2004, p. 34), além da venda de outras mercadorias: itens de papelaria e uma miscelânea de artigos importados, como charutos, guarda-chuvas e bengalas.

O francês Baptiste-Louis Garnier (1823–1893) trabalhou desde muito jovem na livraria que pertencia à sua família. Anos mais tarde, ele se transferiu para o Brasil, “pensando com razão que num país novo e cheio de ambição haveria lugar propício para o desenvolvimento dessa especialidade comercial” (Garnier, 1913 *apud* Hallewell, 2005, p. 222), e permaneceu, num primeiro momento, na condição de filial da Livraria Garnier Frères de Paris, mas logo obteve sua independência.

Na primeira metade do século XIX, a expansão econômica possibilitou o desenvolvimento de diversos campos, inclusive do ainda incipiente mercado editorial. O público leitor, ainda que reduzido, começou a se interessar por romances nacionais e estrangeiros. Já em 1860, “quando B.L. Garnier começou a publicar obras de ficção, é que teve início uma ampla produção de romances no Brasil, na forma de livros” (Hallewell, 2005, p. 238).

Garnier construiu um nome tão significativo a ponto de Hallewell (2005, p. 238) destacar que “praticamente não houve um romancista brasileiro de importância que não acabasse tendo a maioria de suas obras publicadas por ele”. Compõem esta lista

nomes como: “José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Silvio Romero, Olavo Bilac, Arthur de Azevedo, Bernardo Guimarães, Machado de Assis e Graça Aranha” (Bignotto, 2008, p. 174).

De acordo com Hallewell (2005), Garnier esteve ativo como editor entre os anos de 1860 e 1890. No período de 30 anos, ele editou 655 obras de autores brasileiros, e no campo da tradução foi responsável por preencher o mercado brasileiro com traduções de obras francesas por meio de

[...] um amplo programa de traduções impressas na França, em que obviamente predominaram os autores mais populares daquele país: Alexandre Dumas, Victor Hugo, Xavier de Montepin, Octávio Feuillet, Arsène Houssaye, Emílio Gaboriau, Julio Verne, Alfredo de Musset, Tófilo Gautier, o naturalista Edmundo Perrier, o astrônomo Camilo Flammarion, e o químico Henri Debray (Wyler, 2003, p. 87).

Alexandra Santos Pinheiro destaca os nomes dos tradutores da Editora Garnier, bem como suas remunerações: “Salvador de Mendonça, Fernandes Reis, Jachinto Cardoso, Abranches Gallo e outros, para os quais pagava 400 réis por milheiros de letras, o que regulava por 250 a 280\$ por volumes de Verne” (Pinheiro, 2004, p. 6-7).

Além de contribuir para o desenvolvimento da indústria editorial no Brasil, Garnier se destacou devido a práticas que, segundo Paixão (1996 *apud* Bignotto, 2018, p. 173), favoreceram-na, “[...] como pagamento regular dos direitos autorais, boa remuneração aos tradutores, formação de um corpo fixo, qualificado, de redatores e revisores e um investimento maciço em literatura, tanto europeia quanto nacional”.

Embora Garnier fosse uma das únicas editoras a fazer esse pagamento, seus livros continuavam a ser impressos em Paris. Pinheiro (2004, p. 6) apresenta motivos para o seguimento dessa conduta:

O primeiro deles era que a sua firma tinha origem em Paris; o segundo refere-se à tentativa de se conquistar um maior público leitor que, por sua vez, preferia os produtos franceses. A terceira razão era de ordem tecnológica, ou seja, após a introdução dos navios a vapor nas rotas do Atlântico Sul, reduziu-se de 75 para 22 dias a viagem para a Europa. O quarto motivo era econômico, já que a impressão francesa era mais barata e de melhor qualidade da que era feita no Rio de Janeiro.

Para entendermos as razões para a impressão de seus livros na Europa, corroborando as razões elencadas por Pinheiro, podemos citar a falta de condição

das tipografias brasileiras, o valor do produto mais atrativo e o prestígio de um produto francês.

Após a morte de Baptiste-Louis Garnier, a editora ficou sob responsabilidade de seu irmão François-Hippolyte, retornando ao seu status inicial de filial da Garnier Frères. Entretanto, o legado deixado por Baptiste-Louis Garnier permaneceria. Segundo Bignotto, os “[...] volumes de capa amarela e títulos em fontes sóbrias seriam associados tão fortemente ao prestígio de Garnier e dos autores publicados por ele que praticamente se tornaram símbolos materiais da alta literatura nacional” (Bignotto, 2008, p.183).

Outro nome que se destaca como significativo para a história do livro no Brasil, e, conseqüentemente, de grande importância para o mercado das traduções, é o dos irmãos Laemmert.

Filhos de um clérigo protestante alemão, Eduard e Heinrich foram apresentados desde muito cedo aos estudos sobre mercado editorial. Logo após terminar seus estudos iniciais, Eduard Laemmert trabalhou com Hector Bossange em Paris, na França. Em 1827, Bossange abriu uma filial de sua livraria no Rio de Janeiro e escolheu Laemmert, com 21 anos, para representá-lo na sociedade, enquanto Francisco Luís Caldas de Souza, português, representava J. P. Aillaud, livreiro francês com forte interesse pela língua portuguesa. Todavia, com o encerramento do contrato da sociedade entre Bossange e Aillaud, em 1833, Laemmert decidiu ficar no país, motivado “pelo liberalismo do regime e, principalmente, pela ausência de censura” (Hallewell, 2005, p. 256).

Com domínio da língua e suporte financeiro, Eduard Laemmert inaugurou seu próprio negócio, a Livraria Universal. Desde sua chegada ao Brasil, Heinrich Laemmert trabalhou com o irmão, mas “somente em 1838 é que constituíram uma sociedade com o novo nome de ‘E. & H. Laemmert, mercadores de livros e música” (Hallewell, 2005, p. 256).

Além das vendas dos livros, os irmãos Laemmert investiram em edição e impressão, de modo que a tipografia recentemente adquirida levou o mesmo nome da livraria. A prática desenvolvida pela tipografia foi considerada excepcional, e, a cada década, o número de títulos publicados aumentava, como Hallewell (2005, p. 261) informa:

[...] da década de 1850, a Laemmert tinha produzido 250 títulos; no começo da década de 1860, quase 400; em 1874, mais de 500 e quando a firma abandonou a edição de livros, em 1909, havia produzido um total de 1440 obras de autores brasileiros, além de cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano.

Dentre a quantidade de obras publicadas, as traduções constituíam boa parte do catálogo; as que tinham maior destaque eram as oriundas do idioma francês devido à forte importância da ciência e cultura do país. Entretanto, o alemão também era um idioma a ser considerado; supõe-se que Eduard traduziu *Amorosas Paixões do Jovem Werther*, de Goethe (Hallewell, 2005). A editora publicou outras traduções, como: *Paulo e Virgínia*, de Bernardin de Saint-Pierre, “*Tesouros de meninos, Tesouros de meninas* e [...] *História de Simão de Nântua*” (Lajolo & Zilberman, 2019, p. 243). Contou ainda com tradutores como Carlos Jansen Müller e Olavo Bilac, responsáveis pela tradução de obras direcionadas ao público infantil, como *Aventuras Pasmosas de Celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos Seletos de Mil e Uma Noites* (1892?), e “*Juca e Chico*, de Fantásio (pseudônimo usado por Olavo Bilac nessa tradução)” (Arroyo, 2011, p. 255).

Ainda que houvesse uma sucessão de editores antes, apenas quando Garnier e Laemmert atuaram no mesmo período ficou claro quão restrito esse mercado era. Alessandra El Far informa que:

A história da edição no século XIX no Brasil – marcada pela sucessão de nomes como Pedro Plancher, Paula Brito, B. L. Garnier, os irmãos Laemmert e, mais tarde, Francisco Alves – indica que o restrito mercado editorial brasileiro, mostrava suas brechas apenas quando algum empresário entrava em visível processo de paralisia ou decadência. Quando atuavam simultaneamente, como foi o caso de Garnier e Laemmert, os editores selecionavam um terreno aparentemente estável, delimitando áreas distintas de interesse para evitar a concorrência direta e a disputa pelos leitores de igual predileção (El Far, 2004, p. 41).

Esse espaço literário foi cuidadosamente delimitado, segundo Hallewell (2005, p. 261), a Garnier: “[...] concentrou-se em literatura e nos escritores franceses da moda que escreviam sobre ciência popular.” Enquanto “[...] a história e a ciência séria eram objeto, principalmente, do interesse da Laemmert, como se poderia esperar em vista da nacionalidade de seus proprietários” (Hallewell, 2005, p. 262).

Por vários anos, tanto Garnier quanto Laemmert desbravaram um mercado desconhecido e em expansão, abrindo assim portas para novos livreiros e novos ares

para os leitores e criando oportunidades para a ampliação da atuação de tradutores no Brasil.

1.2 O século XX e a popularização dos livros traduzidos

A primeira metade do século XX foi de bastante agitação devido a grandes eventos, como a instauração da República, a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o estabelecimento do Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial, os quais impactaram em diversos níveis a sociedade, provocando mudanças também na produção e no consumo de livros.

Segundo Hallewell (2005, p. 324), em relação às dificuldades provenientes da Primeira Guerra Mundial (1914–1918), o “crédito tornou-se difícil, a comunicação com a Europa era cada vez mais errática à medida que a escassez de espaço nos navios se tornava crucial, enquanto os preços cobrados pela impressão subiam vertiginosamente”, motivos esses que levaram às primeiras alterações na forma de imprimir livros no Brasil.

Entre as décadas de 1920 e 1940, mais transformações ocorreram nos principais campos da sociedade brasileira impulsionadas pelo contexto da Era Vargas, do Estado Novo e, internacionalmente, pela Segunda Guerra Mundial. Sergio Miceli (2001, p. 77), em *Intelectuais à brasileira*, assinala as mudanças provocadas em cada plano, começando pelo plano

[...] econômico (crise do setor agrícola voltado para a exportação, aceleração dos processos de industrialização e urbanização, crescente intervenção do Estado em setores-chaves da economia etc.), social (consolidação da classe operária e da fração de empresários industriais, expansão das profissões de nível superior, de nível técnico especializados e de pessoal administrativo nos setores público e privado etc.), político (revoltas militares, declínio político da oligarquia agrária, abertura de novas organizações partidárias, expansão dos aparelhos do Estado etc.) e cultural (criação de novos cursos superiores, expansão da rede de instituições culturais públicas, surto editorial etc.).

Assim como a sociedade, a produção nacional de livros também sofreu alterações. Se, na República Velha, a prática era a importação do livro impresso, ou seja, a impressão era feita em Portugal ou na França e o produto chegava ao Brasil pronto para venda, anos depois, em virtude das novas condições geradas pela Crise de 1929 e, mais adiante, pela Segunda Guerra Mundial (1939–1945), o livro adquiriu

uma nova concepção, e os editores passaram a obter os direitos em sua língua original e buscar nomes para realizar a tradução, como aponta Sergio Miceli (2001, p. 147):

[...] em vez de venderem as edições originais de obras estrangeiras, os editores adquirem os direitos de tradução das obras, vale dizer a produção destinada ao mercado interno acaba suplantando a produção estrangeira diretamente importada na língua original.

A busca pelas edições das obras originais proporcionou “uma abertura maior para a entrada dos livros de língua inglesa, provenientes dos Estados Unidos da América. Aos poucos, esse movimento fez com que o [idioma] inglês passasse a ser a principal língua de tradução no Brasil” (Rodrigues; Oliveira, 2020, p. 5), deixando de lado, assim, as peças teatrais e os folhetins traduzidos do francês.

O crescimento expressivo do mercado editorial no Brasil na primeira metade do século XX foi motivado pela criação de novas editoras, pelo aumento do público leitor na classe média, pela maior oferta de livros de diferentes gêneros, além de algumas inovações que redefiniram o trabalho intelectual, como postula Miceli (2001, p. 148):

Aquisição de rotativas para impressão, diversificação dos investimentos e programas editoriais, recrutamento de especialistas para os diferentes encargos de produção e acabamento, inovações mercadológicas nas estratégias de venda [...], mudanças na feição gráfica dos livros, com o intento de ajustar o acabamento das edições às diferentes camadas do público, e, sobretudo, empenho das principais editoras em verticalizar o processo produtivo e diversificar suas atividades.

No mesmo contexto, as editoras começaram a criar setores exclusivos à revisão, tradução e ilustração, oportunizando “[...] a contratação de especialistas, como, por exemplo, consultores e leitores, paginadores, capistas, e também propiciando a formação de um pequeno grupo de escritores profissionais, os romancistas” (Miceli, 2001, p.148-149).

Entre as editoras que despontaram no século XX e destacaram-se pelo seu trabalho com a publicação de livros traduzidos, salientamos: em São Paulo, a Companhia Editora Nacional, sob responsabilidade de Monteiro Lobato e Octales Marcondes Ferreira; em Porto Alegre, a Editora Globo, sob incumbência de Erico Verissimo e Henrique Bertaso; e no Rio de Janeiro, a José Olympio Editora, a cargo de José Olympio.

Enquanto o mercado editorial do Rio de Janeiro se desenvolvia desde a chegada da Família Real, em São Paulo a situação era bastante diferente. O interesse pela produção de livros era pequeno; para Hallewell (2005), podia ser comparado ao sentimento de melancolia. O resultado disso se refletia na quantidade de livrarias. Segundo o historiador, “No fim do século XIX, [...] São Paulo ainda tinha apenas oito livrarias: a metade das existentes no Rio de Janeiro em 1820!” (Hallewell, 2005, p.344). Essa realidade levaria anos para ser modificada.

No que diz respeito às atividades editoriais de Monteiro Lobato, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que ele desbravou mais um pouco a cena editorial paulista.

1.2.1 Monteiro Lobato e a Companhia Editora Nacional

Nascido em 18 de abril de 1882, em Taubaté, São Paulo, Monteiro Lobato formou-se em direito em 1904 e em 1907 assumiu a promotoria de Areias.

Com o falecimento do seu avô, Visconde de Tremembé, em 1911, Lobato recebeu de herança a fazenda Buquira. Após tentativas sem sucesso de tornar a fazenda lucrativa, Lobato vende-a e, com o valor obtido, adquire a *Revista do Brasil*, lugar onde já publicava seus textos desde 1916.

A compra da *Revista do Brasil* favoreceu a entrada de Lobato no campo da edição de livros. Após essa compra, ele participou ativamente do mercado editorial, estabelecendo parcerias que, entre os anos de 1919 e 1925, resultaram no desenvolvimento de uma editora em São Paulo. Cilza Bignotto (2008, p. 11) descreve as parcerias por meio de uma linha do tempo:

Em 1919, Lobato associou-se ao tipógrafo Olegário Ribeiro e outros sócios para formar a Olegário Ribeiro, Lobato & Cia., dissolvida poucos meses depois. No início de 1920, estabeleceu, com Octalles Marcondes Ferreira, a Monteiro Lobato & Cia., que agregou novos sócios e teve o capital ampliado em 1922. Com o crescimento do negócio, em 1924 surgiu a Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, sucessora da Monteiro Lobato & Cia. A empresa faliu em julho de 1925; de seus despojos, surgiria, menos de dois meses depois, a Cia. Editora Nacional.

Para Hallewell (2005, p. 368), a importância das editoras de Lobato ultrapassa as primeiras décadas do século XX:

De fato, Lobato & Cia., ou sua sucessora, a Companhia Editora Nacional, ocupou o primeiro lugar entre as firmas brasileiras dedicadas exclusivamente à edição de livros, desde 1921 até princípios da década de 1970, sem interrupção. Na São Paulo de 1920, era a única firma dedicada exclusivamente à edição de livros.

Pesquisas posteriores às de Hallewell demonstram como a cena editorial brasileira era mais plural e complexa do que se sabia até então. Ao lado da editora de Lobato, destacavam-se também a Livraria Leite Ribeiro, Benjamin Costallat & Miccolis, Francisco Alves, Editorial Hélios, dentre outras (Martins, 2020).

Além de São Paulo e Rio de Janeiro, esse mercado também se desenvolveu significativamente em outras capitais, como a pesquisadora Martins (2020, p. 220) lista: “Curitiba (PR), Porto Alegre (RS), Belo Horizonte (MG) e Recife (PE)”.

Em relação às ações a respeito da editoração e aos livros, Hallewell (2005, p. 363-364) fundamenta a importância de Lobato afirmando que

Deve-se dizer que a importância de Monteiro Lobato vai muito além dos autores que ele publicou. O que realizaram editoras posteriores, como a José Olympio, somente foi possível porque puderam trilhar o caminho que Lobato já havia explorado. Durante os sete anos de sua primeira aventura editorial, ele conseguiu revolucionar todos os aspectos da indústria. Lançar novos autores e pagar os direitos autorais compensadores são apenas dois desses elementos. Já discutimos sua inovadora abordagem do problema fundamental da distribuição. Sua atitude com respeito à propaganda também se mostrou original a seus contemporâneos: percebendo que já não era suficiente depender da cortês recomendação verbal do livreiro a cada freguês potencial, baseada quase sempre no conhecimento íntimo de uma clientela bastante limitada, lançou-se uma ampla publicidade em jornais.

Contribuindo com o que foi exposto por Hallewell, Lajolo (2000, p. 32) aponta e analisa outras condutas praticadas por Lobato:

Monteiro Lobato preocupa-se – e muito – com a materialidade dos livros de sua editora. Investe na qualidade gráfica dos volumes, moderniza as capas, encomenda desenhos especiais para a ilustração e faz o possível para que o lançamento de seus editados seja acompanhado de resenhas e de críticas na imprensa. Paralelamente a estas providências que toma enquanto editor, em suas discussões sobre livros começa a tomar corpo uma linguagem comercial entretecida de metáforas econômicas que não o abandonarão jamais. Vão segui-lo pelo resto da vida, não obstante a leve dor na consciência que de vez em quando provocam.

A preocupação com a materialidade do livro, com estratégias para a distribuição dos livros, publicação de autores menos conhecidos e incorporação de

diversas obras escritas originalmente em inglês são importantes procedimentos que Lobato adotou em sua atuação como editor.

Em meados de 1930, após retornar dos Estados Unidos, a tradução passou a ser seu principal interesse. Segundo Wyler (2003, p. 120), “Lobato traduzia em média vinte páginas por dia, de dois a três livros por mês [...]”. Muito mais do que simplesmente uma atividade de trabalho, a tradução serviu como fonte de renda e fuga em momentos difíceis, como após o falecimento do seu filho Edgard.

Nesse contexto asfixiante Lobato mergulha de cabeça nas duas atividades que lhe davam prazer e traziam um pouco de alento, passando a dividir-se entre a literatura infantil e a tradução de obras estrangeiras – transformadas agora na sua única fonte de renda (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 2001, p.334).

Com isso, Lobato preencheu mais uma lacuna do mercado literário brasileiro ao apresentar a literatura estrangeira, principalmente a escrita em inglês. A lista de obras traduzidas por ele é bastante extensa, contando com títulos como:

Caninos Brancos (1933), *O Lobo do Mar* (1934), *O Grito da Selva* (1935) e *A Filha da Neve* (1947), de Jack London; *Aventuras de Huck* (1934), de Mark Twain; *Pollyanna* (1934), de Eleanor Porter; *O Homem Invisível* (1934) e *A Ilha das Almas Selvagens* (1935), de H. G. Wells; *Moby Dick* (1935), de Herman Melville; *Tarzan* (1935), de Edgar Rice Burroughs; *Scarface: O Tzar dos Gangsters* (1935), de Armitage Trail; *Por Quem os Sinos Dobram* (1942) e *Adeus às Armas* (1942), de Ernest Hemingway; *Diamante Negro, História de um Cavalo* (s/d), de Anna Sewell, dentre outros (cf. Lajolo, s/d; Bottmann, 2011) (Martins, 2017, p. 23).

Suas traduções apresentaram aos leitores brasileiros autores como Conan Doyle, Lewis Carroll e Rudyard Kipling. Na seção Traduções e Adaptações, do site monteirolobato.com (2023, não paginado), encontramos uma relação de outras obras traduzidas por Lobato, corroborando seu perfil de tradutor prolífico.

Uma das netas de Lobato, Joyce Lobato de Campos, em depoimento a Marcia Camargos, relata a rotina de traduções do avô e acrescenta que, em períodos de crises financeiras, Lobato contava com a ajuda de suas filhas Ruth, Martha e da sobrinha Gulnara nas traduções. Ela lembra:

Meu avô levantava lá pelas três ou quatro da madrugada e ficava escrevendo até umas dez da manhã. Respondia cartas e fazia traduções. Ruth, Martha e Gulnara ajudavam nesse trabalho. Ele distribuía um pouco para cada uma,

depois relia para corrigir. Quando as crises financeiras se agravavam, todo mundo traduzia, menos vovó, que não sabia inglês (Camargos, 2007, p. 46).

Durante sua vida pública, Lobato esteve envolvido com o mercado editorial, livros e traduções. Por décadas, ele exerceu a função de editor e realizou diversas traduções de clássicos da literatura, totalizando centenas de títulos. Mesmo quando não era mais proprietário de editora, Lobato sempre esteve envolvido com questões relativas aos livros.

1.2.2 Editora Globo

Longe das grandes cidades da época, São Paulo e Rio de Janeiro, foi criada, em Porto Alegre, uma editora que fatalmente contribuiria para a distribuição e publicação de livros traduzidos das línguas inglesa, francesa e alemã.

Nos últimos anos do Império, Porto Alegre “[...] era uma pequena cidade de 25 mil almas, sem abastecimento público de água nem serviços de esgoto, sem iluminação de rua após dez horas da noite, com apenas dois bancos e três livrarias” (Hallewell, 2005, p. 432). Enquanto isso, o estado do Rio Grande do Sul despontava como o terceiro polo industrial do país, com destaque para a produção de carne, vinho, manteiga, tecidos de lã e calçados. Em consequência do significativo desenvolvimento, a população também cresceu (Torresini, 2021).

No final de 1883, Laudelino Pinheiro de Barcellos abriu a Livraria do Globo na Rua da Praia, depois transformou-a numa tipografia. Em 1890, com a expansão dos negócios, José Bertaso foi contratado com doze anos para ajudar na limpeza, no caixa e no balcão da livraria; contudo, nunca mais saiu de lá, exercendo diversas funções até tornar-se proprietário (Torresini, 2021).

Juntou-se a ele Mansueto Bernardi, que dirigiu a *Revista do Globo* até o início de 1931, quando foi convidado pelo então presidente Getúlio Vargas a ocupar o cargo de diretor da Casa da Moeda, no Rio de Janeiro.

Com a saída de Bernardi, Henrique, filho de José Bertaso, que desde muito cedo trabalhava como caixeiro na empresa, tornou-se o responsável pela Seção Editora, enquanto Erico Verissimo, que já era um colaborador, assumiu como diretor da revista. Ele “trabalha[va] praticamente sozinho”, exercendo atividades como tradução de “contos e artigos de publicações americanas, francesas, inglesas,

italianas e argentinas, mandando também reproduzir suas ilustrações” (Torresini, 2021, p. 68).

Ainda editando os livros que Mansueto havia planejado, Henrique “achava, que a editora precisava ser reformulada, modernizada, dinamizada, livrar-se de seu ranço provinciano” (Verissimo, 2011, p. 30), a fim de provar ao seu pai e aos demais sócios que uma editora poderia existir e prosperar fora do eixo Rio-São Paulo. Para isso, criou a coleção Amarela, em 1931, com diversos livros policiais. E depois, ao longo da história da editora, foram criadas outras coleções: Nobel, Universo, Globo, Verde, Biblioteca dos Séculos (Verissimo, 2011).

As décadas de 1930 a 1950 foram consideradas o período áureo para a literatura estrangeira traduzida no Brasil e também para a Editora Globo.

Os números comprovam o grande sucesso e a aceitação das obras traduzidas: “[...] a Globo havia traduzido 48 obras de ficção entre 1925 e 1930, traduz 213 obras entre 1931 e 1937” (Torresini, 2021, p. 79), da mesma forma que “[...] entre 1938 e 1939 [o número de traduções] é de 130 e, em 1940, é de 187 títulos [...]” (Torresini, 2021, p. 87). Em 1943 foram publicadas 109 obras traduzidas e, nos dois anos seguintes, a editora produziu um total de 230 obras (Torresini, 2021).

Juntamente com o número expressivo de obras publicadas, a lista de autores não fica restrita a poucos nomes. A editora foi responsável por publicar, pela primeira vez no Brasil, autores como: “[...] E.C. Bentley, Raymond Chandler, Agatha Christie, Sidney Horley, E. Phillips Oppenheimer, Ellery Queen, Sax Rohmer, Rex Stout, S. S. Van Dine e, mais do que qualquer outro, Edgar Wallace [...]” (Hallewell, 2005, 440-441). E a lista dos nomes continua, com ênfase em autores anglo-americanos como:

John Galsworthy, Joseph Conrad, G. K. Chesterton, Somerset Maugham, Willa Carter, Edith Wharton, Katherine Mansfield, Sinclair Lewis, James Joyce, Aldous Huxley, Robert Graves, John Steinbeck, William Faulkner, Graham Greene, Charles Morgan, Liam O’Flaherty e Virginia Woolf, ao lado de outros mais leves, muito lucrativos, como Vicki Baum (*Hotel Berlim*), Louis Bromfield (*As Chuvas Vieram, Noite em Bombaim*), Pearl Buck (*The Good Earth* apareceu em 1939 como o título *China, Velha China*), Norman Douglas (*Vento Sul*), James Hilton (*Adeus Mr. Chips*), Richard Llewellyn (*Como Era Verde o Meu Vale*) (Hallewell, 2005, p.441-442).

Além da extensa lista de autores anglo-americanos, Torresini (2021, p. 98) acrescenta “novos autores são registrados, tais como: Alexandre Dumas, com

Histórias de um Quebra-nozes e Os Três Mosqueteiros; Edgar Allan Poe com *Poesia e Prosa*; Flaubert com *Obras Completas* e Nietzsche com *A Vontade do Poder*.”

Mesmo alcançando sucesso com as traduções dos livros já mencionados, Henrique pensava em um novo projeto editorial. Uma de suas novas aventuras foi a literatura infantil:

Publicara *Heidi*, de Johanna Spyri, com ilustrações em tricromia de João Fahrion. E também esse ‘clássico’ que é a *Ilha do tesouro*, de R. L. Stevenson. E *Meninos d’água*, de Charles Kingsley, e os incomparáveis *Alice no país das maravilhas* e *Através do espelho*, de Lewis Carroll, não foram esquecidos (Verissimo, 2011, p. 39-40).

Com o rico acervo de obras traduzidas e publicadas, a Editora Globo, depois dos anos 1940, foi muito além da literatura ficcional, “[...] lança obras ligadas às ciências humanas, dicionários, gramáticas e livros de ensino de língua estrangeira. Aparecem, também, os livros de culinária e lazer. Por tudo isso, a editora situa-se entre as maiores do Brasil” (Torresini, 2021, p. 89).

Em 1948, com a morte de José Bertaso, “a editora desvia seu rumo e se dedica à publicação de manuais técnicos, à obra de Erico Verissimo e àqueles autores cujo trabalho não necessita de um grande investimento a não ser uma periódica edição” (Torresini, 2021, p. 104-105). No mesmo ano, os herdeiros e a nova administração optaram por torná-la uma sociedade anônima – Livraria do Globo S.A.. Posteriormente, tanto a livraria quanto a editora passaram a integrar um grande fundo editorial.

Mesmo que Gulnara Lobato de Moraes Pereira não esteja no rol de tradutores da Editora Globo, a menção à editora é indispensável para este trabalho pela sua centralidade no que diz respeito à tradução de obras estrangeiras no Brasil, principalmente a partir dos anos 1930; ainda mais quando encontramos, em suas listas de tradutores, nomes de mulheres que atuaram como tradutoras nesse período, como veremos adiante.

1.2.3 José Olympio Editora

José Olympio Pereira Filho nasceu em 19 de dezembro de 1902, em Batatais, interior do Estado de São Paulo.

Iniciando sua caminhada profissional/editorial na Casa Garraux, com a função de “abrir caixotes de livros novos, limpar a poeira das estantes e outros pequenos serviços semelhantes [...]” (Hallewell, 2005, p. 476), logo foi promovido a ajudante de balconista e, em 1926, chegou à posição de gerente.

Imerso no ambiente literário, José Olympio adquiriu dois acervos de livros raros: a Biblioteca de Alfredo Pujol, com mais de 10 mil livros, e a de Estêvão de Almeida. Com essas duas grandes aquisições, ele adentrou nesse ambiente em que permaneceu por 50 anos, de 1931–32 até 1984.

A ousadia de José Olympio destaca-se em sua primeira publicação, *Conhece-te pela psicanálise*, uma tradução de *How to psychoanalyse yourself*, de Joseph Ralph, feita por José de Almeida Camargo, de modo que, “para José Olympio, o projeto de editar livros foi simultâneo à sua independência como livreiro, como demonstra o lançamento do seu primeiro título sob o selo com seu nome, apenas um mês depois de inaugurada a livraria” (Sorá, 2010, p. 75). Entretanto,

o jovem editor percebeu que tinha de mudar-se para o Rio. O seu lugar era no Rio. Em 1933, [ainda em São Paulo] publicou só oito livros. Em 1934, já publicou trinta e dois. Em 1935, cinquenta e nove. E em 1936 sessenta e seis títulos. Era já o maior editor do Brasil (Villaça, 2001, p. 78).

A mudança para o Rio aconteceu em meados de 1934, e por lá ele permaneceu até 1955.

Vários autores, publicados anteriormente por outras editoras, foram reconhecidos pelo sinete editorial da José Olympio. Hallewell (2005, p. 489) menciona nomes como:

Gilberto Amado, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Lúcio Cardoso, Otávio de Faria, Amando Fontes, Gilberto Freyre, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Cornélio Penna, Lúcia Miguel-Pereira, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Plínio Salgado, José Geraldo Vieira e ainda, mais tarde, os próprios Gastão Cruls, Agripino Grieco e Augusto Frederico Schmidt.

Contudo, o interesse pela tradução de ficção estrangeira, especialmente do inglês, advinha de um longo caminho já percorrido pela Editora Globo. Enquanto esta se dedicava à publicação de clássicos, a José Olympio trazia *best-sellers* americanos, tais como *A Cidadaela*, de A. J. Cronin, e *Pequena História do Mundo*, de H. G. Wells.

A responsável pela seleção de livros estrangeiros na José Olympio era Vera Pacheco Jordão, esposa de José Olympio. Dentro da editora, “Vera dedicou-se [...] à seção de livros estrangeiros, aos *best-sellers*, às traduções. Precisamente por causa de seu domínio de línguas e sua ampla cultura universal” (Villaça, 2001, p. 139), principalmente em traduções do francês e inglês, idiomas que ela conhecia bem, atuando de forma vigilante, lúcida e culta, e escolhendo as obras a serem traduzidas e os tradutores.

Tanto na Editora Globo quanto na José Olympio, as traduções eram confiadas aos autores já editados pelas casas, e normalmente os livros publicados eram organizados em coleções, como apresentaremos adiante.

Na Editora Globo, as coleções de maior sucesso foram a Amarela e a Nobel. Por sua vez, na José Olympio Editora, as coleções Fogos Cruzados, O Romance da Vida e Menina e Moça foram as que ganharam bastante destaque.

Em 50 anos, a José Olympio Editora construiu um patrimônio literário sólido, entretanto, isso não foi empecilho para que a empresa entrasse com pedido de falência e, sem conseguir mudar a situação, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) assumiu o controle. Após anos em busca de compradores e devido às poucas empresas interessadas pela aquisição da editora, o BNDE aceitou a proposta de Henrique Sérgio Gregori, o qual assumiu o controle da editora em 1984 (Hallewell, 2005). Anos mais tarde, em 2001, ela foi comprada pela editora Record. Em seu acervo, havia mais de 6 mil títulos.

As editoras citadas nesta seção contribuíram de forma relevante para a popularização da literatura estrangeira por meio de suas traduções.

1.3 Editoras, coleções, traduções e tradutores

Companhia Editora Nacional, Editora Globo e José Olympio Editora dominaram o mercado editorial na primeira metade do século XX, eram as maiores do Brasil. Elas também desenvolveram diversas coleções, ora para publicar os livros novos traduzidos, ora para facilitar a sua própria organização interna. Maria Rita de Almeida Toledo (2010, p.139) atribuiu às coleções duas potencialidades:

As coleções de livros são compreendidas como modalidade específica de impresso, que carrega em sua materialidade dupla estratégia de intervenção

cultural: a intervenção editorial, que, por meio da reorganização dos textos, objetiva a ampliação do mercado do livro; a intervenção no campo cultural, que é fruto da seleção e adaptação do conjunto de textos e autores, assim como a prescrição de seus usos em um programa para a formação do leitor destinatário da coleção.

Observando as duas estratégias de intervenção citadas, cada editora criou suas próprias coleções, observando seu público leitor e o nicho da literatura ao qual pertencia. É relevante mencionar que muitas dessas coleções, cujos contos e romances foram traduzidos por mulheres, eram voltadas ao público feminino.

A Companhia Editora Nacional publicou coleções como Biblioteca das Moças, Biblioteca do Espírito Moderno, Para Todos e Terramarear. Por sua vez, a Editora Globo publicou as coleções Amarela, Nobel, Nobel Gigante e Universo. E, por fim, a José Olympio publicou as coleções Feira das Vaidades, Fogos Cruzados, Grandes Romances para a Mulher, O Romance da Vida e O Romance para Você (Rodrigues; Oliveira, 2020).

Dentro da Editora Companhia Nacional, a prática de publicar coleções repercutiu não somente na materialidade do livro, mas sobre o público leitor, permitindo a segmentação do público e dos livros:

Em 1939, o fundo de edições já se encontrava praticamente todo organizado em coleções. Cada coleção era definida de acordo com o público que pretendia atingir: Biblioteca das Moças, 'a mais criteriosa coleção para moças, publicada em nossa língua'; Biblioteca do Espírito Moderno, 'visa coordenar para o público leitor brasileiro, dentre as obras consagradas pela aceitação pública, aquelas que mais diretamente buscam condensar, esclarecer e popularizar a herança cultural da espécie'; Coleção *Terramarear*, 'não basta aprender a ler. É preciso que o menino leia! Mas ler que livros? Ler livros da Coleção *Terramarear*, livros especialmente feitos para os meninos, para a juventude em geral' etc. (Toledo, 2010, p. 142).

Uma vez definido o público, buscava-se determinar outros aspectos relevantes à organização interna da editora, por exemplo: a pessoa deveria acompanhar o mercado editorial dentro e fora do Brasil buscando selecionar potenciais manuscritos, além de pensar estratégias para conquistar novos leitores.

A Editora Globo utilizou as coleções para apresentar inúmeras obras estrangeiras no início dos anos 1930. Henrique Bertaso concebeu coleções como Amarela, Globo e Nobel. Amorim (2000, p. 42) destaca o seu papel significativo na criação das coleções já citadas:

Henrique Bertaso é o responsável direto pela idealização e concretização de uma série de coleções inovadoras, algumas muito bem-sucedidas. Além da Coleção Amarela, já citada, foi dele a ideia de criar a Coleção Globo, uma espécie de 'coquetel' literário, a Coleção Nobel, formadora de toda uma geração de leitores, e outras tantas coleções, [...].

Outro aspecto positivo quanto às coleções diz respeito à materialidade gráfica, o aspecto visual das obras, de modo que:

[...] por meio de coleções, os livros, enquanto objeto, são padronizados: formatos, diagramação, papel, tipologia, programação visual da capa e miolo são previamente determinados e aplicados para *todos* os originais da coleção, o que elimina grande parte do trabalho de produção (Amorim, 2000, p. 71-72, grifo do autor).

A coleção Amarela, publicada em 1931, era

Composta por livros de Edgar Wallace e de outros autores norte-americanos, praticamente desconhecidos dos leitores brasileiros, caracteriza-se por suas novelas policiais, de crime, mistério e aventuras, bastante populares e de leitura acessível, em edições baratas e de larga tiragem (Torresini, 2010, p. 249).

Esta coleção contou com 158 títulos e 38 autores diferentes, dentre eles: *Círculo Vermelho*, de Edgar Wallace, *A Filha de Fu-Manchu*, de Sax Rohmer, *Um Crime de Encomenda*, de Ellery Queen, e *O Assassinato de Roger Ackroyd*, de Agatha Christie. A coleção foi responsável por projetar a editora em nível nacional, sendo a mais importante a publicar romances policiais no Brasil. Sua composição é apresentada por Torresini (2021, p. 70) nos seguintes termos:

A Coleção Amarela, que inaugura o ciclo das bem-sucedidas coleções da Globo, compõe-se de novelas policiais, de crime, mistério e aventura bastante populares, de autores praticamente desconhecidos no Brasil. São novelas de leitura acessível, voltadas para o grande público.

Dentre os autores mais frequentes na coleção Amarela, destacam-se: Edgar Wallace, com trinta e cinco títulos, "Agatha Christie (dez títulos), Sax Rohmer (doze), Ellery Queen (nove), E. S. Gardner (oito), F. W. Crofts (oito) e Sydney Horler (seis)" (Amorim, 2000, p. 77). Compunham a lista de tradutores importantes nomes ligados às letras, como:

[...] Leonel Vallandro (dez títulos), Hamilcar de Garcia (cinco), Erico Verissimo (quatro), Mário Quintana (quatro), Lino Vallandro (três), Marques Rebelo (dois), Homero de Castro Jobim (dois), James Amado (um), Herbert Caro/Isaac Soares (um) (Amorim, 2000, p. 81).

Em um artigo, Bottmann e Karam (2017) reuniram várias informações sobre a coleção Amarela. Nele encontramos alguns nomes de tradutoras: Ligia Junqueira, Silvia Mendes Cajado, Marina Guaspari, Suzana Burtin-Vinholes, Pepita de Leão, Marieta Silva, Carmen de Revoredo Dias, Ernestina Black, Luiza Ferreira, Lilia Guaspari, Silvia Guaspari, Lídia Brockmann, Adelaide Silveira, Cecília Villalva, Candida Villalva. Por vezes, algumas tradutoras foram responsáveis por mais de uma tradução.

A coleção Nobel, por sua vez, foi a que alcançou maior repercussão dentro da Editora Globo, contando com 128 títulos e publicada entre 1933 e 1958. Para Amorim (2000, p.92),

além de introduzir no Brasil obras importantes da literatura mundial, algumas quase que em lançamento simultâneo, a Coleção Nobel registra também a consideração com que a Globo tratou a questão da tradução. É na Nobel que encontramos, no conjunto, o melhor corpo de tradutores de todas as coleções. Grandes nomes das letras e tradutores de alto nível são responsáveis pela versão dos textos.

Os grandes nomes mencionados por Amorim compõem um rol com: Virginia Woolf, Thomas Mann, Roger Martin du Gard, Katherine Mansfield, William Faulkner, Somerset Maugham, Aldous Huxley, James Hilton, John Steinbeck e outros.

A lista de tradutores é extensa; Amorim (2000, p. 92) a constrói a partir da quantidade de traduções realizadas por cada um: “[...] Mário Quintana (vinte títulos), Leonel Vallandro (quinze), Erico Verissimo (cinco), Lino Vallandro (cinco), Moacyr Werneck de Castro (cinco), Oscar Mendes (quatro), Vidal de Oliveira (quatro), Agenor Soares de Moura (quatro)”.

Além dos nomes conhecidos citados, Amorim (2000, p. 95) complementa a lista com:

[...] Theodemiro Tostes, Marques Rebelo, Miroel Silveira, Carlos Dante de Moraes, José Geraldo Vieira, Casemiro Fernandes, Genolino Amado, José Lins do Rego, James Amado, Otávio Mendes Cajado, Cecília Meireles, Homero de Castro Jobim, Sérgio Milliet e outros.

Entre os nomes dos tradutores, encontramos apenas um nome de mulher, o de Cecília Meireles. Contudo, Santos (2017, p. 109) apresenta novas informações sobre a presença de tradutoras na coleção Nobel, afirmando que

de 128 obras, apenas treze foram traduzidas por mulheres, sendo que sete delas exerciam, outrossim, a profissão de escritora, deixando como representantes da categoria de tradutora apenas Berenice Xavier, Felipa Muniz e Lourdes Sousa de Alencar, companheira de Manuel Bandeira e co-tradutora do quinto livro da série *À la recherche du temps perdu*, de Proust, a saber, *A prisioneira*.

Por meio dos dados, percebemos que a quantidade de traduções de tradutoras ainda eram poucas.

A Editora Globo contou com outras coleções em seu catálogo, porém, para o escopo deste trabalho, as que contribuem para a análise são as duas já mencionadas, devido ao fato de, nas coleções Amarela e Nobel, encontrarmos diversos nomes de tradutoras que nos auxiliam a entender o espaço ocupado por mulheres tradutoras nesse nicho.

A atuação da José Olympio Editora nos 50 anos de serviços editoriais é duradoura. As coleções serviam como ferramenta de organização dos livros publicados e como apresentação de autores e tradutores. Entre as coleções mais populares, elencamos: Fogos Cruzados, O Romance da Vida e Menina e Moça.

A coleção Fogos Cruzados “reunia os maiores romances do mundo” (Hallewell, 2005, p. 515); o primeiro volume foi *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen, traduzido por Lúcio Cardoso e publicado nessa coleção em dezembro de 1940. Ao longo dos anos, a editora também publicou traduções das maiores obras de ficção russa do século XIX: *Irmãos Karamázov*, *Demônios*, *Eterno Marido*, *Adolescente* e *O Jogador*, escritas por Fiódor Dostoiévski e com ilustrações de Axel de Leskoschek (Hallewell, 2005). Segundo Wyler (2003, p. 113), a coleção continuou “reunindo grandes clássicos como *Dom Quixote* e, mais adiante, coleções de obras completas de vários autores a começar por Dostoiévski, ilustradas por artistas como Oswaldo Goeldi, Tomás Santa Rosa e Luiz Jardim”.

Os tradutores dessa coleção são “Rachel de Queiroz, Rosário Fusco, José Geraldo Vieira, Boris Schnaiderman, Olívia Krähenbühl, Vivaldo Coaracy, Wanda Miguel de Castro, Costa Neves, Ledo Ivo e Gulnara Lobato de Moraes Pereira” (Hallewell, 2005, p. 516). Assim como aconteceu nas listas de tradutores da Editora

Globo, em meio aos nomes dos tradutores da José Olympio Editora, começaram a despontar nomes de mulheres tradutoras.

Outra coleção de grande sucesso foi *Menina e Moça*, publicada entre 1940 e 1960, e pensada aos moldes da coleção francesa *Bibliothèque de Suzette* (1919–1965) da Editora Gautier-Languereau, na França, “o que nos faz pensar em uma forma de modelar o gosto segundo a cultura francesa, considerada chique e de muito bom gosto ao longo do século XIX, representação que perdurava na metade do século XX” (Silva, 2010, p. 100). Por mais que já houvesse a intenção de se desprender do domínio cultural da França, em contrapartida ainda havia um entendimento de que “os romances, contudo, para que pudessem ser considerados de bom-gosto e inofensivos eram traduzidos por renomados escritores da Livraria José Olympio Editora, como Rachel de Queiroz [...]” (Silva, 2010, p. 102). Ainda havia um resquício da crença de escritores renomados serem mais aptos para realizarem as traduções.

Os livros da coleção possuíam pouco mais de 150 páginas, e as histórias abordavam assuntos comuns da vida dos leitores, com ensinamentos e advertências morais, apresentando um determinado comportamento que “oscilava entre o idealizado modelo francês de conduta e a orientação religiosa. As obras que compunham a coleção dirigiam-se à menina e à moça, entre 9/10 a 17 anos de idade, visando à formação de um público leitor específico” (Silva, 2010, p. 92).

Ainda sobre a coleção *Menina e Moça*, Gustavo Sorá (2010, p. 275) transcreve um breve texto retirado da quarta capa do livro *Os Párias*, de Humberto de Campos, o qual afirma que a coleção é uma

série de livros interessantes para meninas de nove a treze anos. Escolhidos entre as melhores coleções francesas, inglesas e alemãs; traduzidos por professores e tradutores de alto critério, são atraentes, próprios para formar nas meninas e meninos o hábito de leitura. Pais, abram a seus filhos o mundo maravilhoso da imaginação. Ponham sem receio entre as mãos infantis o livro sadio, escrito para a mentalidade juvenil.

No catálogo da Livraria José Olympio (1949 *apud* Silva, 2010), há uma relação das obras publicadas da coleção *Menina e Moça*:

1- *Sir Jerry, Detetive*; 2- *Aventuras de Cartola*; 3- *O Jardim das Glicínias*; 4- *A Fugitiva*; 5- *O Mistério de Kerjone*; 6- *As Estranhas Férias de Sir Jerry do Velho Martin*; 7- *O Quarto Misterioso*; 8- *Os Louros Fantasmas de Soudranc*; 9- *O Segredo do Velho Martin*; 10- *O Inevitável Sir Jerry*; 11- *Senhorita Indesejável*; 12- *O Mistério do Castelo de Morande*; 13- *O Segredo da Torre*;

14- *Sir Jerry na Bretanha*; 15- *Memórias de um Gato Aventureiro*; 16- *O Tesouro Maravilhoso*; 17- *A Casa dos Cravos Brancos*; 18- *Nanette, a Acendedora de Lâmpadas*; 19- *A Perigosa Missão de Sir Jerry*; 20- *A Herdeira de Ferlac*; 21- *A Princesa de Neve*; 22- *O Pequeno Rei de Bengala*; 23- *A Herança do Cigano*; 24- *A Conquista da Torre Misteriosa*; 25- *Afilhada das Abelhas*; 26- *Os Robinsons da Montanha*; 27- *O Exílio de Solange*. Mensalmente aparecem novos volumes.

Dessa lista de 27 livros que integraram a coleção *Menina e Moça*, conseguiu-se identificar, após as pesquisas para a construção do inventário das obras traduzidas por Gulnara, que ela traduziu cinco deles: 1 – *Sir Jerry, Detetive*; 6 – *As estranhas Férias de Sir Jerry*; 10 – *O inevitável Sir Jerry*; 14 – *Sir Jerry na Bretanha* e 19 – *A perigosa Missão do Sir Jerry*, escritos por Mad. H. Giraud, pseudônimo de Madeleine Gélinet. Além dos cinco já referenciados, identificou-se também a tradução de *O misterioso desaparecimento de Sir Jerry*, da mesma autora, que se apresenta como uma continuação da história do Sir Jerry.

No quadro de tradutores das duas coleções de maior destaque da José Olympio – *Fogos Cruzados* e *Menina e Moça* –, é possível perceber a presença de diversos nomes de mulheres tradutoras, como Ana Maria Martins, Gulnara Lobato de Moraes Pereira, Lygia Estrada, Rachel de Queiroz e Wanda Murgel de Castro.

Diante do percurso histórico apresentado, vê-se a necessidade de esclarecer que, por muito tempo, a profissão de tradutor não possuía regulamentação bem definida no Brasil. Inicialmente, os tradutores eram pessoas que tinham contato com o campo das letras: intelectuais, escritores e jornalistas, principalmente homens. Podemos citar nomes como Monteiro Lobato, Erico Verissimo, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade, que exerciam a profissão de tradutor paralelamente à de escritor. Ainda assim, percebemos poucos nomes de tradutoras junto com os nomes masculinos, mas este é o princípio do caminho percorrido por várias mulheres dentro desse campo.

Do mesmo modo que a criação de cursos de profissionalização aconteceu de maneira tardia, Wyler (2003, p. 140) afirma que “uma das consequências da expansão do mercado de trabalho foi a abertura de bacharelados de tradução no Rio de Janeiro e em São Paulo, a partir da década de 1960”. Nesse mesmo período, Paulo Rónai fundou a Associação Brasileira de Tradutores e Intérpretes (ABRATES) e, mais adiante, foi fundada outra associação, a Associação Nacional de Tradutores (SINTRA). Ambas visavam a discussão e o estudo sobre tradução.

Nesse capítulo, buscou-se descrever a história do percurso do mercado editorial, principalmente no aspecto das traduções. Analisamos como cada trabalhavam as três principais editoras que publicavam traduções. Para cada uma das editoras mencionadas, trouxemos as mais importantes coleções, que contavam com traduções em suas publicações.

No próximo capítulo, discutiremos a presença e a importância das mulheres nesse campo literário e nas traduções.

2 AS MULHERES NA SOCIEDADE, NAS EDITORAS E NAS TRADUÇÕES

Historicamente, as mulheres tinham o seu espaço social limitado pelas regras e costumes de cada época, muitas vezes sem acesso à educação ou à oportunidade de trabalho fora do espaço doméstico. As primeiras funções atribuídas a elas foram dona de casa, esposa e mãe.

Norma Telles (2022, p. 408), em *Escritoras, escritas e escrituras*, afirma que, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras décadas no século XX, as mulheres brasileiras eram

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres do século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores.

A condição da mulher na sociedade brasileira alterou-se a passos lentos; alguns direitos levaram anos para serem conquistados, como o direito ao voto, ao divórcio e os direitos trabalhistas. A mudança aconteceu motivada pelos acontecimentos elencados por Maluf e Mott (2021, p. 315):

[...] o desenvolvimento industrial e urbano, o acesso a uma melhor escolaridade, a divulgação pela imprensa de uma participação maior das mulheres no espaço público depois da Primeira Guerra, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, o avanço do feminismo e as frequentes reivindicações das mulheres por maiores oportunidades, acabaram por abrir algumas novas profissões para as brasileiras fora do lar.

As novas profissões ofertadas a elas foram as de “professora, enfermeira, datilógrafa, taquígrafa, secretária, telefonista, operária das indústrias têxtil, de confecções e alimentícia” (Maluf; Mott, 2021, p. 315).

As conquistas do passado, como o letramento e as oportunidades de trabalho fora do ambiente doméstico, são avanços indispensáveis para que hoje possamos estudar a presença das mulheres na sociedade e/ou na literatura, seja como escritoras, tradutoras ou até mesmo na função de editoras.

A tradução sempre esteve presente no Brasil; porém, os objetivos da tradução foram se alterando ao longo dos anos. Com as guerras e a implantação do Estado

Novo no Brasil, ocorreram alterações na sociedade e, conseqüentemente, na maneira de realizar a tradução.

Nos estudos literários e da tradução, a presença e os trabalhos dos tradutores foram discutidos e divulgados. Entretanto, não foi isso o que aconteceu com as mulheres. Por diversos anos, elas não foram devidamente referenciadas em grandes estudos da literatura ou da tradução. Apenas recentemente a presença e os trabalhos dessas tradutoras se tornaram objetos de estudo em pesquisas nos campos da literatura e tradução. Dois estudos que se destacam por apresentarem uma lista expressiva de tradutoras são o de Oliveira (2015), que reuniu 102 nomes de mulheres que traduziam textos literários de língua inglesa nos anos de 1930 e 1940 no Brasil; e o de Alencar (2016), o qual apresentou uma lista de 225 tradutoras dos séculos XIX e XX, enfatizando as autoras nordestinas.

Oliveira (2015, p. 134) destaca três pontos que colaboraram para as mulheres ingressarem no campo de tradução:

[...] por possuírem relações de parentesco com figuras importantes do contexto político, jornalístico e artístico da época, por já terem certa produção autoral ou por simplesmente terem conhecimento da língua inglesa, as mulheres passaram a ocupar um relevante papel na história da tradução no Brasil.

Sobre as relações familiares, a estudiosa apresenta uma relação com as tradutoras que tinham algum grau de parentesco com intelectuais de letras, a saber: Dinah Silveira de Queiroz, Elsie Lessa, Gulnara de Moraes Lobato, Isa Silveira Leal, Lúcia Benedetti, Lúcia Miguel Pereira, Maluh Ouro Preto, Maria Julieta Drummond de Andrade, Maslowa Gomes Venturi, Berenice Xavier, Luiza Barreto Leite, Maria da Saudade Cortesão, Maria Elisa Penido Haack, Maria Judith Cortesão, Ruth Leão, Tati de Azevedo de Melo Moraes e Ruth Lobato (Oliveira, 2015).

Em seu texto, a pesquisadora relaciona cada tradutora com o nome de um intelectual, escritor ou jornalista mediante os vínculos familiares. Dos diversos nomes da lista, convém mencionar o de Gulnara de Moraes Lobato, sobrinha e nora de Monteiro Lobato, assim citado por Oliveira:

Não passam também despercebidas as relações entre Gulnara de Moraes Lobato e Monteiro Lobato. Além de sua sobrinha (era filha do poeta Heitor Lobato) (*sic*), fora também sua nora. Posteriormente, Gulnara casou-se com

o escritor Antônio Olavo Pereira, irmão do editor José Olympio (Oliveira, 2015, p.132-133).

Além de mencionar a relação de parentesco entre eles, ela traz a informação sobre o segundo casamento de Gulnara, com Antônio Olavo Pereira. A pesquisadora enfatiza este como sendo um fator decisivo para as mulheres adentrarem o meio da tradução ou para o fato de elas já produzirem obras autorais. Novamente ela aponta alguns nomes:

[...] Entre elas, além de Rachel de Queiroz, temos: Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Elsie Lessa, Ester de Viveiros, Esther Mesquita, Gulnara de Moraes Lobato, Helena de Irajá Pereira, Hermengarda Leme Leite, Isa Silveira Leal, Lia Correia Dutra, Lúcia Junqueira Smith, Lúcia Benedetti, Lúcia Miguel Pereira, Maluh Ouro Preto, Maria Eugenia Celso, Maria Julieta Drummond de Andrade e Maslowa Gomes Venturi (Oliveira, 2015, p. 132).

Entre os relacionados, encontramos mais uma vez o nome de Gulnara, muito próximo a autoras reconhecidas, como Cecília Meireles e Rachel de Queiroz.

Cecília Meireles traduziu para a Editora Globo de 1947 a 1961, principalmente para a coleção Nobel, sendo responsável por assinar as traduções de *Orlando* e *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. Em sua produção autoral, dedicou-se a escrever poemas, e seus livros foram publicados entre 1919 e 1964.

Rachel de Queiroz traduziu de 1933 até 1970, contabilizando mais de 50 títulos traduzidos de autores como: Honoré de Balzac, Emily Brönte, Jane Austen e Agatha Christie. Seus livros foram publicados entre 1930 e 2002. Ela escreveu diferentes gêneros textuais, como romance, crônica, peças de teatro e infantojuvenil.

Até o momento, o único livro que Gulnara escreveu foi uma biografia do seu tio, Monteiro Lobato. Publicada em 1982 para comemorar o centenário de nascimento de Lobato, a obra *O Menino Juca* inclui aquarelas de Rui de Oliveira e foi editada pela Berlendis & Vertecchia Editores. Foi escrita a pedido de Donatella Berlendis, editora da seção de literatura infantil da editora e organizadora do Museu da Infância, em Taubaté, com o objetivo de “oferecer ao público infanto-juvenil livros que de fato fossem dignos de apreciação, não apenas com textos e ilustrações primorosas, como também bem-acabados” (Berlendis & Vertecchia, 2023, não paginado).

Em uma nota da própria escritora que se encontra na ficha catalográfica do livro, ela conta que os fatos narrados são verídicos e foram recolhidos por meio dos

testemunhos de familiares como Ester Lobato de Moraes, Judite Monteiro Lobato e Generosa Lobato.

Sua maior contribuição, de fato, foram suas traduções, que serão objeto de apresentação e discussão no próximo capítulo.

Em complemento aos pontos mencionados anteriormente, Oliveira segue sua análise por meio de outras três listas que complementam o seu estudo: a de autores, de editoras e de coleções.

A pesquisadora em suas listas traz os seguintes dados: 161 nomes de autores traduzidos; 27 editoras atuaram publicando romances ou contos traduzidos nas décadas de 1930 e 1940, sendo José Olympio, Companhia Editora Nacional e Editora Globo as que mais publicaram: 46 romances e 1 conto, 38 romances e 20 romances, respectivamente.

Pelo levantamento feito por esta pesquisadora, 11 editoras publicaram as traduções em coleções. As editoras que se destacam novamente são a Companhia Editora Nacional, com as seguintes coleções: Biblioteca das Moças, Biblioteca do Espírito Moderno, Para Todos e Terramaear; a Editora Globo, com Noel Gigante, Amarela, Nobel e Universo; e a José Olympio, com O Romance para Você, Feira das Vaidades, Grandes Romances para a Mulher, Fogos Cruzados e O Romance da Vida.

Por sua vez, Alencar (2016) busca resgatar a participação das mulheres nos séculos XIX e XX, vinculando os estudos da tradução com as teorias feministas. Para cada um dos séculos escolhidos, ela analisa quatro critérios: a quantidade de tradutoras, o número de traduções, os idiomas traduzidos e os autores, levando em conta a divisão homens e mulheres. Na pesquisa, os dados são apresentados em gráficos. Ao final, ela apresenta uma lista de 225 tradutoras, sendo 33 que nasceram ou atuaram no século XIX e 192 no século XX. No século XIX foram traduzidos 90 títulos, sendo quase a metade do francês e 56 deles escritos por homens.

Foram encontradas 192 tradutoras e 1149 obras do século XX. Nesse século, os idiomas francês e inglês ocupam o mesmo destaque, sendo os mais traduzidos. Ainda há um domínio dos autores homens, agora são 882 obras escritas por eles. Alencar (2016) apresenta nomes principalmente de tradutoras e escritoras nordestinas; contudo, em nenhum momento o nome de Gulnara é mencionado.

Outro ponto importante que Oliveira (2015, p. 139) vincula é a atividade tradutória exercida por mulheres e o desenvolvimento de outras atividades intelectuais autorais:

Embora, em um primeiro momento, a tradução tenha sido a única forma possível para muitas mulheres de darem vazão à sua veia criativa, tendo, dessa forma, as resgatado de um silêncio socialmente imposto, ela abriu para muitas delas a possibilidade de trazerem a público textos de sua própria lavra.

Dos nomes que Oliveira (2015) relacionou, muitas delas, posteriormente, tornaram-se escritoras.

A tradução trouxe às mulheres a oportunidade de exercerem outra profissão além daquelas que inicialmente eram disponíveis a elas: professora, secretária, dentre outras.

Sherry Simon, em *Gender in Translation*, declara que a tradução serviu também como “uma importante forma de expressão para as mulheres – permitindo a elas entrarem no mundo das letras, promover causas políticas e se engajar em relações de escrita estimulantes¹” (Simon, 1996, p. 23, tradução nossa).

A tradução é considerada, por inúmeros estudiosos, uma forma de expressão, uma ferramenta de poder e a abertura de novas possibilidades para as mulheres dentro do campo editorial.

Ainda que haja poucos estudos sobre a prática tradutória das mulheres, Oliveira (2015) e Alencar (2016) nos apresentam mais de uma centena de nomes de tradutoras. Essas listas possibilitam que novas pesquisas sejam realizadas visando o resgate dos trabalhos feitos por elas, além de localizá-las dentro do sistema literário e de atribuir a elas o devido mérito.

¹ Texto original: “[...] a strong form of expression for women – allowing them to enter the world of letters, to promote political causes and to engage in stimulating writing relationships.”

3 QUEM FOI GULNARA LOBATO DE MORAIS PEREIRA?

Um dos objetivos desta dissertação é a construção de uma biografia de Gulnara Lobato de Moraes Pereira, apresentando dados pessoais e sua trajetória profissional. Enquanto pesquisávamos, encontramos várias lacunas de ordem documental, principalmente quanto a informações pessoais básicas, como sua cidade natal, as datas e os locais dos seus dois casamentos e as datas e os locais dos nascimentos de seus dois filhos.

A primeira menção ao nome de Gulnara com que tivemos contato foi como destinatário nas cartas publicadas no livro *Cartas Escolhidas*, de Monteiro Lobato (1959). As correspondências nos ajudaram a entender melhor a relação entre ela e Lobato, mas, ainda assim, precisamos pontuar que os documentos são resultado de uma seleção, ou seja, são as escolhas do organizador da obra. Não tivemos acesso a nenhuma carta escrita por ela endereçada a Monteiro Lobato. Contudo, as cartas são de grande valor para esta pesquisa e serão analisadas posteriormente.

Além do livro citado, outras referências foram consultadas: *O livro no Brasil*, de Laurence Hallewell (2005); *Brasileiras*, de Gustavo Sorá (2011); e o *site* da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, no qual foram consultados os periódicos: *Carioca*, *O Cruzeiro: Revista*, *A Manhã*, *Revista do Livro*, *Diário de Notícias*, *Vamos Lêr* e *Diário do Pernambuco*, juntamente com dois *sites* que reúnem inúmeras informações sobre Lobato: lobato.com.vc, assinado por Cléo Monteiro Lobato, e o museumonteirolobato.art.br, sob responsabilidade do Governo do Estado de São Paulo e da cidade de Taubaté.

Os dois fundos, o da José Olympio Editora, no Rio de Janeiro e o do Antônio Olavo Pereira, em Taubaté, também foram consultados para a escrita desta dissertação.

Durante a pesquisa, encontramos duas entrevistas: uma publicada no Suplemento do Jornal *A Manhã* (1946), e a segunda concedida ao Museu da Imagem e do Som (1982), materiais essenciais para a construção da biografia dessa tradutora.

Sob iniciativa do Museu da Imagem e do Som e do Centro de Literatura Infanto Juvenil, Gulnara e Antônio Olavo Pereira foram entrevistados para o Projeto Memória de Monteiro Lobato, no dia 02 de outubro de 1982. A entrevista foi conduzida por Marisa Lajolo e Nilce Santana Martins, e gravada no museu em São Paulo. Encontra-

se disponível no acervo digital em duas partes: a primeira com mais de 60 minutos e a segunda com 40 minutos (Pereira, 1982, não paginado). A pequena descrição atribuída pelo museu a esta gravação sumariza a contribuição de cada um dos entrevistados; Gulnara relatou seu convívio e a influência de Lobato em sua carreira, enquanto Antônio comentou sobre o engajamento político e a relação com a religião.

Durante a entrevista, Gulnara respondeu às perguntas de forma clara e sem rodeios. Na mesma gravação, ela mencionou que cantava e namorava em inglês com Edgard, recém-chegado dos Estados Unidos. Afirmou que fez um ano de francês, porém não comentou sobre seu conhecimento em espanhol.

Apresentamos a biografia de Gulnara como resultado das pesquisas realizadas nas referências já citadas.

Gulnara Monteiro Lobato de Moraes é filha de Esther Monteiro Lobato de Moraes, irmã de Monteiro Lobato (chamada de Teca pela família) e Heitor de Moraes, poeta. Nasceu em 1912 e faleceu em 27 de agosto de 1986, aos 74 anos, em São Paulo (Lobato, 2023, não paginado).

Gulnara casou-se em 1934, aos 22 anos, com seu primo Edgard de Halley Monteiro Lobato, de 24 anos, filho mais velho de Lobato; eles tiveram um filho, Rodrigo Monteiro Lobato, nascido em 18 de julho de 1937 (Azevedo; Camargos; Sacchetta, 2001, p. 354). Edgard faleceu aos 33 anos em decorrência de uma tuberculose, em 13 de fevereiro de 1943 (Lobato, C., 2023, não paginado).

Gulnara casou-se novamente, com Antônio Olavo Pereira. Eles se conheceram na clínica onde tanto Edgard quanto Antônio faziam tratamento para a tuberculose. Em outubro de 1943, poucos meses após o falecimento de Edgard, Lobato escreveu uma carta a Gulnara na qual não poupou bons comentários sobre Antônio. Segundo ele, “o Olavo é um excelente rapaz – uma das melhores coisas que andou lá pelos Campos de Jordão. Em geral quem era amigo de Edgard prestava. Ele era sincero e inimigo de gente de mau caráter” (Lobato, 1959, p. 118).

Em nenhuma fonte pesquisada foi encontrada a data exata do casamento de Gulnara e Antônio. A única fonte que delimita a questão do tempo sobre o casamento é Cleo Monteiro Lobato, em uma publicação sobre as mulheres na vida de Lobato. Sobre Gulnara, ela escreve que

Cerca de três anos após ter ficado viúva, Gulnara se casou com o escritor Antonio Olavo Pereira com quem teve outro filho, Tolavito (Antonio Olavo

Pereira Jr) e conviveu por quarenta anos, morando no bairro da Aclimação, em São Paulo pertinho de nós (Lobato, 2023, não paginado).

Estima-se que eles se casaram nos últimos anos da década de 1940.

Antônio se dedicou à literatura; seus primeiros escritos foram publicados na revista *O Malho*, do Rio de Janeiro, quando ele tinha apenas 20 anos de idade (Sorá, 2010, p. 250). A atividade literária foi retomada depois do período doente, e suas obras foram bastante elogiadas pelo público e pela crítica. Escreveu romances como *Contra-mão* (1950), *O Químico da Terra* (1953), *Marcoré* (1957), *Fio de Prumo* (1965), e *Uma Certa Borboleta Azul* (1990), este último direcionado ao público infantil (Sorá, 2010, p. 251).

Em pesquisas iniciais, deparamo-nos com informações desencontradas sobre o nome de Gulnara. No estudo de Oliveira (2015), encontramos Gulnara de Moraes Lobato; no entanto, a maioria das traduções foi assinada por ela como Gulnara Lobato de Moraes Pereira.

Buscando respostas para isso, chegamos à entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som (Pereira, 1982, não paginado), em que ela mesma esclarece a ordem dos seus sobrenomes, sendo Lobato o sobrenome materno e Moraes o sobrenome de seu pai. Portanto, seu nome de solteira era Gulnara Monteiro Lobato de Moraes e, quando se casou com Edgard Monteiro Lobato, passou a assinar Gulnara de Moraes Lobato.

Contudo, como ela já traduzia antes de se casar, foi aconselhada por Monteiro Lobato a manter Gulnara Lobato de Moraes, seu nome de solteira. O sobrenome Pereira, o qual encontramos na maioria dos livros, foi inserido após o seu segundo casamento, com Antônio Olavo Pereira.

Além de tradutora, função que exerceu por mais de 50 anos, Gulnara escreveu uma biografia ficcional de Lobato voltada ao público infantil, intitulada *O Menino Juca*, em 1982.

Uma vez apresentados os dados biográficos obtidos sobre Gulnara, nas páginas a seguir analisaremos as cartas de Lobato (1959), remetidas a ela, que compõem o livro *Cartas Escolhidas*, e os documentos depositados no fundo Antônio Olavo Pereira, sob responsabilidade da Universidade de Taubaté. Por fim, apresentaremos o inventário com as obras traduzidas.

3.1 Gulnara Lobato de Moraes Pereira: Tradutora

Com o perfil biográfico já estabelecido, cabe-nos agora definir quem era Gulnara como tradutora, a sua face profissional. Foram levantadas diversas informações para que possamos reconstruir seu caminho na tradução.

As fontes essenciais para a construção do perfil de tradutora foram: *Cartas Escolhidas*, de Monteiro Lobato (1959), as entrevistas dela para o Jornal *A Manhã* (1946) e a entrevista para o Museu da Imagem e do Som de São Paulo (1982), além do fundo Antônio Olavo Pereira, da Universidade de Taubaté.

Foram feitas pesquisas *in loco* em dois fundos diferentes: a primeiro no fundo José Olympio Editora, localizado na Fundação Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro; e a segunda no fundo Antônio Olavo Pereira, localizado na Universidade de Taubaté, em Taubaté.

No primeiro fundo, infelizmente, o resultado da pesquisa não foi produtivo. Por se tratar de um fundo da editora que mais publicou as suas traduções, e haver uma relação familiar, havia a expectativa de encontrar cartas trocadas entre Gulnara e José Olympio, contratos, recibos, ou até pequenos trechos de traduções. Entretanto, encontramos apenas uma única carta escrita por Gulnara a José Olympio, recomendando-lhe uma oração.

Já no segundo fundo, o resultado foi de grande contribuição para a pesquisa. Lá foram encontrados inúmeros documentos de diversos anos: cartas recebidas e enviadas de cunho pessoal e profissional, cartões postais, caderno de receitas e um caderno com registros das traduções feitas por ela entre 1979 e 1986. Vários dos documentos serão apresentados nesta dissertação; contudo, há outros que não cabiam nesta pesquisa.

As cartas que serão analisadas abaixo estão presentes no livro *Cartas Escolhidas*, de Monteiro Lobato (1959). No prefácio, Edgard Cavalheiro, organizador, biógrafo e amigo de Lobato, elucida pontos relevantes sobre as cartas escolhidas: “o que apresentamos está, no entanto, muito longe de representar um décimo da sua produção no gênero” (Cavalheiro, *apud* Lobato, 1959, p. 7), mesmo porque “Lobato jamais deixou o mais insignificante bilhete sem resposta” (Cavalheiro, *apud* Lobato, 1959, p. 8). Cavalheiro explica que escolheu organizar as cartas cronologicamente

porque elas têm assuntos variados (comerciais, políticos, literários e domésticos) que se entrelaçam e, muitas vezes, mais de um assunto na mesma carta.

Temos acesso então às 13 cartas endereçadas à sua sobrinha e nora entre os anos de 1943 e 1947, sendo a primeira datada de poucos meses após o falecimento de Edgard. Várias cartas encontram-se sem data completa, há apenas a informação do ano; seguiremos, portanto, a ordem cronológica apresentada no livro. São cartas selecionadas, de modo que não podemos afirmar se são as únicas, se houve outras cartas antes de 1943 e qual foi o teor daquelas escritas por Gulnara. Sobre as cartas publicadas, sabemos que elas tratam de diversos assuntos. Em meio às conversas e preocupações familiares com Rodrigo, Edgard, Teca ou até com Olavo, encontramos relevantes orientações de Lobato contribuindo para a prática tradutória.

As correspondências mais significativas para esta pesquisa são as datadas de abril a outubro de 1943 e as de 1944. Usaremos os trechos que discutem as questões tradutórias, e optamos por manter a grafia das palavras tal qual estão redigidas no livro. Todas as cartas encontram-se transcritas na íntegra nos Anexos de 1 a 13.

A primeira carta destinada à Gulnara é do dia 03 de abril de 1943 (Anexo 1), menos de dois meses após o falecimento de Edgard. Nas linhas iniciais, Lobato informa que estava concentrado nas publicações de seus livros e nos negócios na Argentina, e, por causa disso, ofereceu a ela o trabalho de tradução de *O Mundo Pitoresco*, uma coleção em nove volumes editada pela Casa Jackson, de autoria de diversos autores, com a seguinte explicação:

Trata-se duma obra em espanhol em 9 volumes, de muitas gravuras e pouco texto – um total de 1300 págs, com 650 palavras cada uma. Tenho de entregar isso em 3 meses e pois sou forçado a distribuir o trabalho, fazendo eu apenas a revisão. O preço é 10\$, e espanhol é mais fácil do que inglês; mas há umas exigências cacetes, quanto a linhas, comprimento de linhas, etc. coisas, que só podem ser explicadas de viva voz (Lobato, M., 1959, p. 100).

Não encontramos nenhum dado, menção ou estudo sobre essa tradução que aponte que a ela foi de fato feita e assinada por Gulnara.

Na sequência da carta, lemos a seguinte orientação sobre alguma tradução na qual, provavelmente, ela vinha trabalhando:

Jeep não tem correspondência em português por tratar-se de coisa nova, criada agora; os próprios americanos batizaram-no com uma palavra nova, de criação soldadesca. Conserve o *jeep* entre aspas. E *releasing cord* pode traduzir como e o *harness* com ... Deixo em branco os espaços para botar as palavras a lápis, depois que o Charles da Livraria Civilização me der os termos técnicos adotados aqui. Ele é pára-quedista. Passarei por lá e verei (Lobato, M., 1959, p. 101).

Alguns parágrafos abaixo, Lobato retoma o assunto, agora a incentivando por meio de argumentos financeiros:

Trabalho não te faltará. Se o Neves não tiver coisa melhor, você pegará o do Jackson – e por três meses estará garantida. Fazendo 10 páginas por dia, dêsses livros espanhóis, você produzirá 300 por mês – ou sejam 3 contos. E atrás dêsses trabalhos virão outros e tudo correrá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis (Lobato, M., 1959, p. 102).

Ainda nessa carta, Lobato (1959, p. 102) a orienta: “escreva ao [Artur] Neves sobre mais tradução e reclame o novo livro da [Madame Leandro] Dupré e a História da Grécia. Ou fica para reclamá-los quando vier. O 1.º vol. da Grécia já está nas livrarias”. Sabendo que Gulnara traduzia antes de 1943, ou seja, antes dessa carta, podemos supor que as trocas de cartas sejam anteriores a 1943, bem como as possíveis orientações de Lobato.

A segunda carta é de 30 de agosto de 1943 (Anexo 2). Lobato, nas primeiras linhas, faz comentários sobre doenças; ainda assim, não esquece de tocar no assunto das traduções:

Quanto à tradução, o melhor é que me mande já o volume quase completo – nós completamos aqui, a Rute faz isso. Fica faltando o último, e esse V. decidirá se pode ou não traduzir, e em caso afirmativo quando pode entregá-lo. Se não tiver ânimo, diga e também me devolva esse último volume. No caso do Hugo o melhor é V., quando sarar, traduzir um capítulo e ver quanto tempo leva – e então com base nisso discutirei o preço na Editora (Lobato, M., 1959, p. 105).

Observa-se o caráter coletivo ou colaborativo da tradução segundo a proposta de Lobato, pelo menos nesse momento da atuação de Gulnara nesse campo, motivado seja pela mencionada doença, seja pela pouca experiência da tradutora.

Sabemos, por cartas, depoimentos e por meio da entrevista ao Museu da Imagem e do Som de São Paulo, que Ruth também realizou algumas traduções. Contudo, não é possível apontar sobre qual tradução eles estavam falando;

possivelmente ainda estavam discutindo a tradução tratada na carta do dia 03 de abril de 1943.

Na carta de 07 de outubro de 1943 (Anexo 3), as questões de saúde parecem ter sido superadas e as notícias melhoraram. Essa correspondência nos auxilia na construção da ideia de mentoria e aconselhamento por parte de Lobato. É a carta de que mais conseguimos extrair elementos e, por consequência, a que mais demonstra como ele elogia seu trabalho, aconselha e a incentiva a continuar:

[...] A mim me agradou a carta por uma razão especialíssima: o estar muito bem escrita, com todas as qualidades de estilo e desembaraço indispensáveis em que vai fazer vida, ou ganhá-la, com a arte de escrever. E como você me atribui parte do sucesso, como professor prático que fui, dou-me os parabéns, porque ter uma discípula que entusiasma o mestre é a maior das recompensas e consôlo. Mas agradeça os dons ao Heitor, que foi quem te legou os jeitinhos que são o segredo de tudo. Sem essas qualidades inatas, ninguém faz nada nesse campo, por mais professôres que tenha. [...] (Lobato, M., 1959, p. 109).

No trecho acima, lemos os elogios que Lobato atribuiu a ela devido a sua habilidade na arte da escrita e por ser uma aprendiz entusiasmada, o que, para ele, eram pontos positivos para quem quer viver de literatura e/ou tradução. Ainda nesse trecho, Lobato não nos deixa esquecer que o pai da Gulnara, Heitor de Moraes, era poeta. E continua:

[...] E vou mostrar essa carta ao Artur e ao Edgard Cavalheiro para que eles te tenham em alta consideração 'como escritora' e te procurem quando quiserem boas traduções. Ligada assim às três maiores casas editôras do país, você terá sempre serviço bem pago e conveniente. Quando comparo o que ganha uma moça que tem 'ótimo ordenado', com o que pode ganhar uma tradutora diligente, acho que tôdas as vantagens pendem para esta. Não está sujeita a prisão, ou a horários, pode residir onde lhe der na veneta. Ganha mais do que qualquer secretária. E beneficia-se com um lucro imaterial, mas valiosíssimo, que é o do nome que vai fazendo. Quantos mais livros aparecerem com teu nome como tradutora, mais pontos sobe você na bolsa das Cotações dos Valores Não-Materiais, e dum ponto em diante isso começa a *capitalizar-se*, isto é, a render. Falo com absoluto conhecimento da matéria. Persista e aplique-se e aperfeiçoe-se sempre em estilo que as vantagens são enormes. Ótimo que pegue o lote de George Sand. *Mulheres por mulheres sejam traduzidas*. E o conselho último que dou é que nunca relaxe o serviço. *Faça sempre o melhor que possa*. No fim dêsse caminho é que fica a estação Triunfo. [...] (Lobato, M., 1959, p. 109-110, grifo do autor).

Logo no início do trecho acima, Lobato cita nomes importantes para a época no campo da editoração: Artur Neves, chefe da Companhia Editora Nacional, e Edgard

Cavalheiro, responsável pela filial paulista da Editora Globo a partir de 1942 ou 1943 (D'Onofrio, 2012), além de amigo e posteriormente seu biógrafo.

Lobato (1959, p. 109) incentivou a sobrinha a permanecer “ligada assim às três maiores casas editoras do país”. Pelos estudos desenvolvidos, acredita-se que ele estivesse se referindo à Companhia Editora Nacional, por meio da pessoa de Artur Neves, à Editora Globo, devido à menção a Edgard Cavalheiro, e, ainda que não citada em carta, podemos adicionar à lista a José Olympio Editora. Não se tem conhecimento das razões pelas quais as traduções de Gulnara nunca foram publicadas pela Globo, mesmo com duas menções à editora nas cartas de Lobato a ela.

Ainda sobre o fragmento, Lobato enfatiza as vantagens que ela teria ao se dedicar à tradução; cita diversos motivos, como a liberdade de trabalhar onde quisesse, uma remuneração melhor do que a de outras profissões ocupadas por mulheres e os valores imateriais, como a construção de um nome reconhecido. Por fim, ele a encoraja a traduzir George Sand. De fato, Gulnara traduziu os cinco volumes da biografia de George Sand publicados pela José Olympio entre os anos de 1945 e 1947, apenas dois anos após essa carta. Considerando-se a extensão desse trabalho, é provável que a tradução da escritora francesa tenha prosseguido de forma constante, sem intervalos significativos.

Em outra carta de 1943 (Anexo 4), Lobato utiliza o espaço da correspondência para escrever algumas orientações sobre diversos assuntos: alimentação saudável, criação do filho Rodrigo e trabalho. Sobre este último aspecto, Lobato aconselha-a:

Ponha-se a traduzir, sem forçar a mão. Vá indo progressivamente. Comece com 5 páginas diárias, sempre à mesma hora para treinar o hábito, e vá subindo. Pare quando o instinto cego lá dentro de você disser que é hora de parar – e ele diz isso sob forma de começo de cansaço (Lobato, M., 1959, p. 113).

Poucas linhas abaixo, Lobato (1959, p. 113) escreve: “não mostrei sua carta à Purezinha para não agravar a aflição do aflito. Lá na editora cuidarei de obter novas traduções – você não perca o pé na José Olympio. Andar a dois carrinhos é sábio”. Pela primeira frase, concluímos que, depois da morte de Edgard, ela e o filho possam ter passado por algum grau de dificuldade para que Purezinha estivesse aflita. Sem perder tempo, Lobato a incentivou a nutrir a relação com a José Olympio Editora, que, anos mais tarde, publicou inúmeras traduções de Gulnara.

Na carta de 1944 (Anexo 6), sem data, Lobato cita a possibilidade de lhe arrumar traduções na Editora Globo: “Sare e depois conversaremos sobre traduções. Poderei arranjar as da Globo de Pôrto Alegre, bem pagas. Inda agora recusei uma a 15 cruzeiros a página – e podê-la-ia arranjar para você, se V. estivesse em condições” (Lobato, M., 1959, p.126); algo que não chegou a acontecer de acordo com as nossas pesquisas.

Na correspondência do dia 21 de novembro de 1947 (Anexo 12), alguns meses antes de Lobato falecer, ele escreve em tom de profecia: “estão vocês agora perfeitamente acomodados e se o rendimento não aumentar, em qualidade e quantidade, então, então, então...” (Lobato, M., 1959. p. 240-241). Depois desta pesquisa, podemos confirmar que os números de traduções de Gulnara, depois de 1947, realmente aumentaram.

Os documentos apresentados ajudam na construção de Lobato como um mentor para Gulnara em sua profissão e prática tradutória. Posteriormente, em uma entrevista disponível no acervo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo (Pereira, 1982, não paginado), ela confirmou a relação de mentoria.

As cartas escritas em 1943 (Anexo 5), 1945 (Anexo 7), 1946 (Anexos 8, 9 e 10) e 1947 (Anexos 11 e 13) presentes em *Cartas Escolhidas* (1959) retratam a relação familiar, por isso não foram analisadas nesta dissertação, mas se encontram transcritas nos anexos.

Não tivemos acesso a outras cartas trocadas entre eles; estas podem ter sido perdidas, apagadas pela ação do tempo ou guardadas sem publicação. Nesses poucos trechos, podemos presenciar uma preocupação genuína de Lobato com Gulnara ao apontar uma nova perspectiva de vida profissional para que ela pudesse sustentar a si e ao seu filho.

Para complementar a imagem da Gulnara como tradutora, encontramos, na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, uma entrevista publicada no suplemento *Letras e Artes* do jornal *A Manhã*, datada do ano de 1946. A entrevista encontra-se transcrita, na íntegra, no Anexo 14.

Para o jornal, apenas bons tradutores interessavam, de modo que Gulnara foi apresentada como uma pessoa incansável, e suas traduções “prima[va]m pela fidelidade e a consciência literária” (Pereira, G., 1946, p. 4).

Em 1946, Gulnara já exercia a profissão de tradutora havia alguns anos. Durante a breve entrevista, ela respondeu a importantes perguntas sobre a sua profissão; afirmou que sua primeira tradução foi *Milhão Perdido*, de Edgard Wallace, e que as traduções nas quais mais se empenhou foram *História de Minha Vida*, de George Sand, e *Vida na Grécia*, de Will Durant. Ainda, de acordo com a entrevista, sabemos que seu trabalho não tinha horário regular, mas que, em média, produzia 20 páginas por dia, e que ela não havia produzido nada autoral até o momento. Foi apenas em 1982 que ela escreveu um livro.

É importante observar que Gulnara concorda com Lobato na qualificação da profissão do tradutor, caracterizada por ela como “uma profissão em que se pode trabalhar em casa ou em qualquer outro lugar fazendo nós mesmos o nosso horário, livre de patrão ou de qualquer imposição incômoda” (Pereira, G., 1946, p. 4). Em seguida, ela ecoa Virginia Wolf quanto à necessidade de as mulheres terem um espaço próprio para sua atuação intelectual: “Só desejava um cantinho para trabalhar sossegada, o que nem sempre é possível a uma dona de casa” (Pereira, G., 1946, p. 4).

A segunda entrevista encontrada aconteceu por iniciativa do Museu da Imagem e do Som e do Centro de Literatura Infanto Juvenil. Gulnara e Antônio Olavo Pereira foram entrevistados para o Projeto Memória Viva de Monteiro Lobato no dia 02 de outubro de 1982. A gravação tem mais de uma hora e está disponível no acervo digital do museu (Pereira, G., 1982, não paginado).

Nos primeiros 15 minutos, após as devidas apresentações e o esclarecimento sobre o seu nome, fato já mencionado nesta dissertação, ela conta que começou a traduzir a convite de Lobato, após o retorno dele dos Estados Unidos em 1931. Gulnara diz que o dinheiro das traduções auxiliou a superar as dificuldades financeiras devido à doença de seu pai, Heitor de Moraes.

Entre 1939 e 1940, ela retomou as traduções com mais dedicação do que nos primeiros anos, sob a tutela mais presente de Lobato, pois, nesse período, moravam perto e, à noite, Gulnara ia até a casa dele para receber as aulas. Ainda na entrevista, ela conta sobre a tutoria afirmando que

[...] ele me assistiu mesmo [...] então, eu ia pertinho da minha casa, eu ia... Eu trabalhava o dia todo e à noite eu ia pra lá e ele me dava então as minhas aulas de como eu deveria fazer e não. Me lembro dessas aulas dessa orientação que ele me deu [...] (Pereira, G., 1982, não paginado).

Durante a entrevista, Gulnara afirma ter traduzido um conto de Dostoiévski e duas novelas de Tolstói, sem citar títulos ou data, e três volumes da Biblioteca Life, além de *A Matéria*, *Roma Antiga* e *O Mar*, contudo não mencionou data, editora ou idioma. No momento dessa entrevista, ela declarou que fazia 50 anos que traduzia, ou seja, começou a exercer o ofício em 1932, e afirmou que, desde 1976, dedicou-se à tradução de obras religiosas.

3.2 Sua escrita, suas cartas

Na incansável busca por mais documentos, dados e informações sobre Gulnara, encontramos o Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH) da Universidade de Taubaté (UNITAU), que preserva o Fundo Antônio Olavo Pereira. Nesse fundo, além dos documentos sobre Antônio, seu marido, encontramos diversos outros documentos: correspondências recebidas e enviadas, recibos, telegramas, cartões postais, caderno de tradução, caderno de receitas, cartões, agenda pessoal, um acervo de fotografias e alguns poemas escritos por ela.

Por meio de uma pesquisa *in loco*, constatamos que vários desses documentos eram relevantes para os objetivos desta pesquisa, principalmente aqueles que relatam sua prática tradutória.

Os documentos disponíveis para consulta datam, essencialmente, de 1940 até 1986. De todo o material disponível, os escolhidos para análise nesta dissertação, e que nos ajudam a construir a persona de Gulnara como tradutora, foram quatro correspondências para José Olympio e uma para Antônio Olavo, uma correspondência direcionada ao jornal *Folha de São Paulo*, um recibo da José Olympio Editora, que trata do pagamento da tradução do livro *Memórias* da escritora Maria, Grã-Duquesa da Rússia, além de duas cartas cujos remetentes não conseguimos identificar.

Todos os documentos citados encontram-se organizados nos anexos desta dissertação. As transcrições foram feitas tal qual consta nos documentos. Buscou-se a redação mais fiel possível de acordo com os originais. A grafia das palavras, a ausência de acentos gráficos, gralhas e erros de concordância e de digitação foram aspectos respeitados.

O único documento que trata sobre os pagamentos de suas traduções é o recibo da tradução de *Memórias* de Maria, Grã-Duquesa da Rússia (Anexo 16), em 05 de fevereiro de 1942. O recibo é redigido em primeira pessoa, a editora pagante foi a José Olympio e o valor foi de dois contos oitocentos e vinte e um mil réis pela tradução. Esse livro foi traduzido a partir do francês e publicado em 1946.

A carta de 14 de maio de 1954 (Anexo 17) foi escrita para Antônio Olavo Pereira, seu marido, chamado no meio familiar de Tolavo. A carta tem duas laudas e meia de extensão, datiloscrita com pequenas correções feitas a lápis e assinada à mão. Naquela ocasião, Antônio viajara para o Rio de Janeiro havia uma semana, a pedido de José Olympio. Gulnara aproveitou para atualizar seu marido sobre os assuntos familiares, contando o que acontecera na casa de Daniel e a busca de tratamento para a queda de cabelo de Rodrigo, seu filho com Edgard Monteiro Lobato, de 17 anos. Em meio aos comentários sobre o que estava acontecendo em casa, lemos um pedido para que Antônio retornasse logo, pois Gulnara desejava assistir a uma peça e, sem ele, ela não iria.

Logo no início da carta, Gulnara menciona brevemente a tradução de um livro do autor A. J. Cronin em que estava trabalhando naquele momento, quando se justifica ao marido por não ter lhe escrito antes, afirmando: “[...] Era para escrever ontem a você, mas tenho pegado firme no Cronin [...]” (Pereira, G., 1954). No ano de 1954, foram publicadas três obras desse autor traduzidas por Gulnara: *Noites de Vigília*, *Uma Estranha Mulher* e *Algemas Partidas*. Em virtude de ela não mencionar o título na carta, não sabemos afirmar a qual das obras ela estava se referindo naquele momento.

As duas próximas correspondências que merecem destaque são do ano de 1976, pois tratam de questões relativas às traduções, uma de maio e outra de setembro.

Na carta de 13 de maio de 1976 (Anexo 18), escrita à mão em papel de correspondência interna da José Olympio Editora, lemos um pedido de tradução da obra *Paris Sur l'Homme*, pois “[...] o prazo contratual para publicação está se vencendo, pedimos portanto a você que traduza o mais ligeiro possível [...]” (Querida [...], 1946). Juntamente com a oferta de tradução, a remetente, cujo nome não foi identificado, informa o valor pago por lauda traduzida, Cr\$ 20,00. Buscando no inventário que será apresentado, podemos confirmar que a tradução dessa obra foi

realizada por Gulnara em parceria com Antonieta Dias de Moraes, com o título em português: *Aposto no homem (o otimismo como um desafio)*, publicada em 1978 pela José Olympio.

Acreditamos que, devido às circunstâncias em relação aos prazos, Gulnara deve ter sido acionada, pois demonstrava confiança, credibilidade e rapidez em suas traduções. De acordo com as nossas pesquisas, essa foi sua última tradução publicada pela José Olympio. No entanto, ela ainda realizou traduções para outras editoras.

A outra carta, de 21 de setembro de 1976 (Anexo 19), é datiloscrita e trouxe um pedido de tradução de um remetente não identificado, mas era em favor do Padre Eduardo, sobre retiros dirigidos, algo que, segundo o remetente, não seria difícil para ela. O remetente considerou: “primeramente [*sic*], pensei em fazer uma tradução para pedir-lhe o favor de poli-la. Mas depois resolvi enviar o texto como no original, pois polir minha tradução seria mais difícil de que fazer a sua!” (Nossa [...], 1976).

Nesse período, Gulnara já demonstrava interesse por assuntos religiosos, o que a levaria, nos próximos anos, a traduzir quase que exclusivamente textos com essa temática.

Suas cartas mais longas são aquelas endereçadas a José Olympio, seu cunhado e editor. No fundo Antônio Olavo Pereira, podemos encontrar mais cartas trocadas entre eles do que as que serão analisadas. Aquelas comentadas a seguir têm menções sobre suas traduções. São quatro cartas, datadas de janeiro de 1946, novembro de 1946, setembro de 1963 e novembro de 1985, que mesclam assuntos pessoais com profissionais, inclusive comentários sobre traduções, assim como nas cartas de Lobato analisadas anteriormente. Diante dessas correspondências, podemos afirmar que a tradutora manteve contato com José Olympio durante toda a sua vida, mesmo que a quantidade de traduções feita para a editora dele tenha diminuído.

Cronologicamente, a primeira carta (Anexo 20) a José Olympio é de 14 de janeiro de 1946. É uma carta de quase três laudas, datiloscrita, com um breve comentário depois da despedida e assinatura feitos à mão. O assunto da carta basicamente é a reforma da casa em Tremembé, iniciando pelas compras dos lotes ao redor de sua casa para ampliá-la. O planejamento da reforma era “com o dinheiro do último volume de George Sand, que estamos terminando, e mais o que nos acaba

de chegar, somaremos 10 contos, -e [sic] suficiente para completar o pagamento do terreno maior” (Pereira, G., 1946).

Ainda nessa carta, ela se lamenta sobre a falta de construtores em sua cidade e encerra-a mencionando voltar aos trabalhos de tradução: “Bem, Zezé. Aqui me despeço. A George está me olhando do seu silencio impresso e preciso voltar ao trabalho” (Pereira, G., 1946). De acordo com seu relato, ela estava finalizando o quinto e último volume de *História de minha vida*. É importante lembrar que Lobato já havia dito a ela para investir em George Sand em uma carta no ano de 1943. Três anos depois, o fato se confirma com a carta de Gulnara.

Em uma de suas cartas no ano de 1947, Lobato escreve o seguinte comentário: “estão vocês agora perfeitamente acomodados e se o rendimento não aumentar, em qualidade e quantidade, então, então, então...” (Lobato, M., 1959, p. 240-241). Essa correspondência foi recebida poucos meses depois da enviada a José Olympio, o que nos leva a acreditar que a reforma aconteceu, e que não apenas José Olympio, mas também Lobato tinham conhecimento dos planos futuros e estima por ela e sua família.

O documento de 21 de novembro de 1946, com uma lauda e meia, datiloscrito e assinado à mão, também teve como remetente a pessoa de José Olympio (Anexo 21). Nas linhas iniciais, Gulnara demonstrou preocupação com José Olympio. Acreditamos que seja por causa do divórcio com Vera Pacheco após dez anos de casados. Nos parágrafos seguintes, o assunto voltou a ser as traduções, especificamente as que pertenciam à coleção Menina e Moça:

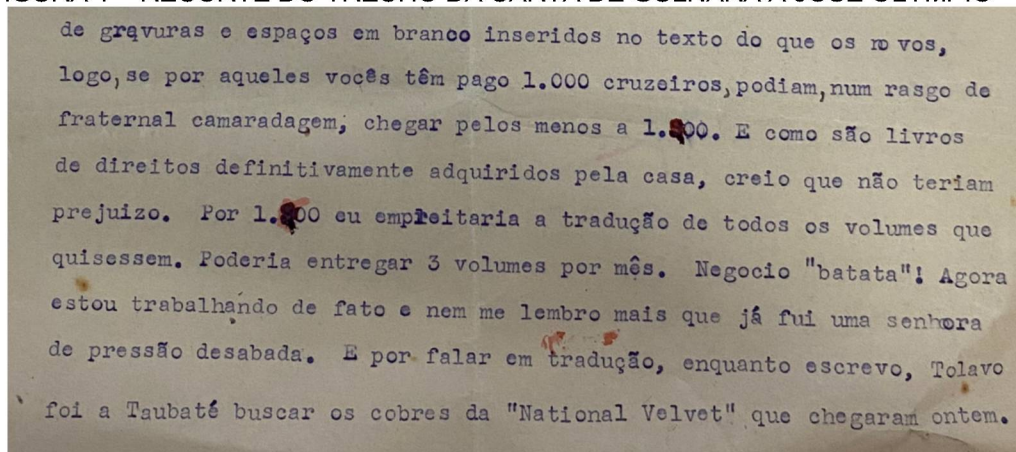
Foram hoje os dois primeiros livrinhos da M. e Moça de nova serie, que traduzi, e estou com o terceiro por três dias apenas. São muito melhores do que os antigos e creio que vão melhorar muito a coleção. Só que são muito maiores do que os da serie antiga, tanto que vim pedir a você para ver se nos paga um pouco mais. Os antigos têm cincoenta por cento a mais de gravuras e espaços em branco inseridos no texto do que os novos, logo, se por aqueles vocês têm pago 1.000 cruzeiros, podiam, num rasgo de fraternal camaradagem, chegar pelo menos a 1.[trecho ilegível]00. E como são livros de direitos definitivamente adquiridos pela casa, creio que não teriam prejuízo. Por 1.[trecho ilegível]00 eu empreitaria a tradução de todos os volumes que quisessem. Poderia entregar 3 volumes por mês (Pereira, G., 1946).

Ela escreveu que enviara as traduções realizadas dos dois primeiros livros e já se dedicava ao terceiro título. Diante das novas obras que compunham a coleção, ela enalteceu a melhora da qualidade e aproveitou a oportunidade para pedir um

aumento no valor para cada tradução realizada, apoiando-se nas diferenças entre os livros já publicados e os novos, que ela própria citou.

Devido às rasuras do texto (FIGURA 1), não sabemos com exatidão qual era o novo valor pedido por Gulnara, podemos deduzir algo entre 1.200, 1.300 ou até 1.900 cruzeiros.

FIGURA 1 – RECORTE DO TRECHO DA CARTA DE GULNARA A JOSÉ OLYMPIO



Fonte: A autora, a partir de carta disponível no Fundo Antônio Olavo, no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade de Taubaté (2024)

Nesse período, era prática comum que o pagamento das traduções fosse feito uma única vez, no momento da tradução. O tradutor não tinha direito a um pagamento conforme as vendas dos livros ou reedições das obras.

Na mesma carta, Gulnara escreveu sobre o pagamento da tradução de *National Velvet*, traduzido em português como *Mocidade é assim mesmo*, de Enid Bagnold, com valor reajustado:

E por falar em tradução, enquanto escrevo, Tolavo foi a Taubaté buscar os cobres da 'National Velvet' que chegaram ontem. O cheque chegou numa carta do Daniel. Fiquei muito satisfeita e grata a você por ter concedido o aumento que eu andava desejando no preço das minhas páginas. Você é um anjo (Pereira, G., 1946).

Na segunda lauda dessa carta, Gulnara usou o espaço livre de meia lauda para escrever outra carta, novamente endereçada a José Olympio, na data de 05 de dezembro do mesmo ano. No final, lemos o comentário sobre os novos valores de suas traduções, em que ela afirma: "Olhe: o pedido de aumento da tabela de tradução

é para quando a casa se transformar em sociedade, pois então estará em melhores condições financeiras” (Pereira, G., 1946).

A terceira correspondência enviada para José Olympio é de 10 de setembro de 1963 (Anexo 22). Com três laudas e datiloscrita, a carta traz informações de uma tradução que Gulnara pode ter feito, que ela chama de “Enciclopédia”.

Zezé – Há muitos dias que ando com vontade de conversar com V. para lhe contar algo de sumamente extraordinário que me aconteceu, mas a luta final de Enciclopédia tem-me obrigado a um ritmo de trabalho tão absurdo, que quando deixo o escritório, quase todas as noites por volta de 1 ou 2 horas da madrugada (uma noite destas, para entregar a tempo o 1º Volume trabalhei até as 5 da manhã!) (Pereira, G., 1963).

Ainda sobre esse livro, ela não deixa passarem despercebidas as questões burocráticas do contrato:

Ainda não assinei contrato com o Nogueira porque as transações com a D. Honorina também se arrastaram e, a despeito da eficiente mediação do Tolavo, parece que só esta semana deverão encerrar-me com a assinatura do novo contrato que fizeram. Por este contrato ela irá receber Cr\$800,00 por Coleção em vez de Cr.\$ 1.500,00 como rezava o contrato anterior e parece que a minha porcentagem será de Cr.\$ 1.500,00 a 1.700,00, portanto maior que a dela. Afinal de contas, quem acabou fazendo a Enciclopedia fui mesmo eu. Só depois de assinado o contrato dela, poderei firmar o meu. Assim que o fizer mandarei contar a V. Mas chega de falar em Enciclopedia e vamos à nossa conversa (Pereira, G., 1963).

O livro citado nessa carta não consta no inventário construído para esta dissertação, pois não foram encontradas informações suficientes sobre a obra. Podemos afirmar que durante sua vida profissional, que são mais de 50 anos, Gulnara traduziu muitas obras que não foram encontradas nesta pesquisa.

A carta de 27 de novembro de 1985 (Anexo 23) enviada a José Olympio, com quatro páginas e datiloscrita, tem poucas correções a lápis e assinatura à mão. Mais uma vez, traz informações sobre sua vida pessoal, mas também considerações sobre seu trabalho como tradutora:

Em matéria de trabalho, do meu lado, terminei a tradução de uma tese de Teologia escrita por um jesuíta espanhol radicado no Brasil sobre o Discurso sobre Deus na Obra de um filósofo judeu contemporâneo que parece estar causando tremendos debates entre teólogos do mundo inteiro. Foram trezentas páginas, formato grande, maciças, impressas em tipos microscópicos que me obrigaram a trabalhar com fortes lentes para não me perder num verdadeiro labirinto de notas e citações em francês e espanhol. O autor escreve - diz o Tolavo que agora está revendo o meu trabalho - no

estilo do Rui, com períodos tão longos que quando eu chegava ao fim de alguns deles, precisava voltar para procurar o sujeito dos verbos perdido pelo caminho. Ossos do ofício, seu Zezé! Mas um ofício tão amado que, por mais difícil e mal pago, é um grande apoio para a minha vida. Tolavo teimou em rever a tradução, pois até hoje não confia em mim como revisora ou auto-revisora – e está pensando para chegar ao fim da empreitada. Enquanto não chega novo trabalho, faço versos se me vem inspiração, [...] (Pereira, G., 1985).

De acordo com nossas pesquisas, entre os anos de 1985 e 1988, foram publicadas nove traduções feitas por Gulnara pela Editora Loyola e com temática religiosa. Contudo, não é possível afirmar se a tradução à qual ela se refere em carta, sobre a tese em teologia de um jesuíta, é uma das traduções relacionadas nesse o período.

Gulnara escreveu sobre a importância que a tradução tinha para ela, mesmo sendo um trabalho difícil e mal pago. Na espera de um novo trabalho de tradução, ela escrevia poemas e, no fundo Antônio Olavo Pereira, foram encontrados alguns, mas não sabemos se eles chegaram a ser publicados.

Encerramos as análises dos materiais encontrados no fundo Antônio Olavo Pereira com a carta do dia 03 de dezembro de 1985 (Anexo 24), que possui uma lauda e meia, datiloscrita e assinada à mão. Trata-se de uma resposta a um texto do escritor Fernando Sabino publicado no jornal *Folha de São Paulo*.

Motivada pelo trecho no qual Sabino citou seu tio, Monteiro Lobato, Gulnara não hesitou em se apresentar, evidenciar sua relação com Lobato e esclarecer como seu tio agia em relação à prática tradutória. A carta foi redigida em tom formal, educado e firme, e está transcrita na íntegra a seguir:

Sr. Redator: Li, na semana passada, em 'Dito e Feito', com a curiosidade que a boa prosa de Fernando Sabino sempre nos desperta acrescida de um interesse profissional, as considerações feitas aos erros das nossas traduções. Sou tradutora há mais de cinquenta anos e reconheço que minha classe não é, por vezes, das mais respeitáveis, quem sabe por ser, sem dúvida, a mais mal paga e a que maiores desafios tem que enfrentar. Acontece que, em meio à leitura, deparei com uma pequena referencia a Monteiro Lobato – tradutor – referência injusta a que, embora feita sob a ressalva de não estar afirmando nada, deixará por certo alguma sombra de dúvida ou suspeita em torno do nome de um brasileiro cuja honestidade, entre outros tantos valores públicos e inegáveis, chegou a leva-lo à prisão, da qual, aliás, só concordou em sair, doente e fraco, forçado pela família e pelos amigos, pois recusava-se a aceitar indulto sem ter cometido senão o crime de falar verdades. Acontece que Lobato foi meu tio, meu sogro, meu amigo, meu mestre dedicado, exigente e zeloso. Conheci-o, pois, muito bem. A ele devo a profissão que exerço desde os 21 anos e que, ainda hoje, aos 74, me apaixona e procuro honrar com o gosto e o senso de dever e seriedade que ele me transmitiu. Convivi com Lobato, o meu querido Tio Juca, na intimidade

de nossa família e quero testemunhar a absoluta falta de fundamento da suspeita insinuada por Fernando Sabino. Entre tantas lições deixadas por Monteiro Lobato aos brasileiros, acho que a maior e a mais nobre foi a do trabalho – contínuo, febril, rigorosamente honesto, cioso do nome que ele bem sabia que levava e já não lhe pertencia. No período de sua vida em que se dedicou mais intensamente ao ofício, meu tio começava a traduzir às 4 horas da manhã, todos os dias, e só quando completava a tarefa marcada – quase sempre 40 páginas! – levantava-se da máquina para ir tomar o seu prato de leite com farinha que lhe antecedia o almoço. Vi-o, vezes sem conta, pálido, enrolado no seu ‘robe’ de lã, nas frias manhãs paulistas ou de Campos do Jordão com os dedos das mãos morenas quase brancos e lívidos de tanto martelarem as teclas da sua máquina. Certamente não teria precisado viver cem anos para traduzir algumas dezenas de livros em tão acelerado ritmo. Quanto a rever e assinar traduções alheias, posso afiançar que isso jamais aconteceu. Minhas traduções, desde a primeira, em 1931, ainda que revistas e orientadas inicialmente por ele, sempre foram assinadas por mim. Tive, sim, a honra de assinar com ele dois dos volumes da História da Civilização de Will Durant, os referentes à Grécia Antiga. Seu filho Edgard, com que fui casada em primeiras núpcias, traduziu muito poucos livros em sua breve vida e suas irmãs Ruth e Martha também, mas tudo o que eles traduziram foi por eles mesmos assinados. A suspeita veiculada desavisadamente por Fernando Sabino, é, pois, descabida e contra ela deixo o meu testemunho, sem que isso importe em nenhum ressentimento contra o seu autor. Agradeço desde já à redação desse jornal a acolhida que, espero, me seja dada, e despeço-me cordialmente (Pereira, G., 1985).

Em seu texto, Gulnara não poupa elogios ao caráter do seu tio, atribuindo a ele adjetivos como dedicado, exigente e zeloso. Ela enaltece que a maior lição que Lobato deixou foi a do trabalho contínuo e honesto. Relata ainda a rotina que o tio seguia firmemente a fim de realizar as traduções, motivo que, segundo ela, foi o que levou à grande quantidade de traduções feitas por ele.

Uma vez encontrada a carta da Gulnara, fomos em busca do texto de Fernando Sabino, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, no dia 24 de novembro de 1985, na seção “Dito e Feito” (Anexo 25).

Sabino escreveu sobre a qualidade das traduções publicadas e citou algumas confusões feitas por tradutores nas obras de William Blake e Elizabeth Bishop. Após apresentar essas confusões, ele relatou o fato de que alguns tradutores de renome se utilizavam do trabalho de pequenos tradutores desconhecidos em suas traduções. Ao final desse parágrafo, Sabino levantou o nome de Monteiro Lobato ao declarar que: “Não se pode afirmar que assim procedia um tradutor ilustre como Monteiro Lobato, por exemplo, mas já se calculou que ele teria de viver mais de cem anos para dar conta de todas as traduções que assinou” (Sabino, 1985, p. 104-105).

Não podemos afirmar que a resposta escrita por Gulnara foi publicada na seção “Painel do Leitor” do jornal, da mesma maneira que não sabemos se essa carta foi realmente enviada ou se é uma cópia.

O material coletado ajudou-nos a compreender melhor Gulnara como tradutora, mãe, cunhada, esposa e até mesmo mulher do seu tempo. Revela importantes dados sobre como ela enfrentava as dificuldades da vida e como se posicionava em sua profissão, sem desamparar a sua família, além de como a tradução, em tantos momentos, oportunizou a ela uma condição de vida melhor.

Este é um recorte feito do conteúdo das cartas depositadas no Centro de Documentação e Pesquisa Histórica. Sabemos que não são os únicos materiais e que muitos deles se perderam com o tempo ou permanecem guardados. Os materiais já apresentados e aqueles que serão, posteriormente, como o inventário e as fotos dos livros, ajudam a recolocar a figura da Gulnara dentro dos debates acadêmicos.

3.3 Inventário das obras traduzidas por Gulnara

Um dos objetivos específicos desta pesquisa é fazer um levantamento tão completo quanto possível das obras traduzidas por Gulnara Lobato de Moraes Pereira, o qual nomeamos inventário. As dificuldades para a sua construção foram, sobretudo, devido à ausência de informações sobre os livros traduzidos.

Buscando preencher as lacunas, utilizamos os catálogos digitais das bibliotecas das seguintes universidades: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade Federal Fluminense (UFF). A Biblioteca Pública do Paraná, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin também foram consultadas. O repositório Hathi Trust foi importante, pois lá encontramos informações sobre diversos livros que não estavam disponíveis em outras bibliotecas. Outra forma de coletar algumas informações foi por meio dos livreiros (sebos) do Brasil, que contribuíram enviando fotos das obras que eles tinham em seu acervo.

Alguns livros, principalmente os disponíveis na Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR e na Biblioteca Pública do Paraná, foram consultados

presencialmente. Nesses, encontramos marcas do tempo como folhas amareladas, capas desgastadas e até mesmo capas refeitas, com informações reorganizadas e coladas novamente na folha, mas nada que impedisse a leitura e o manuseio dos livros.

Depois das pesquisas realizadas, construímos o QUADRO 1, na qual todas as informações obtidas foram organizadas da seguinte maneira: título traduzido; autor; editora; ano da publicação da tradução; título original; ano de publicação no idioma original; coleção pertencente; idioma em que foi escrito originalmente, cotradutores (quando houvesse) e lugar onde os dados foram encontrados. Nesse último campo, foram utilizadas palavras-chave para referenciar o local onde encontramos as informações. Alguns livros fazem parte de dois ou até três espaços de consulta. Para as universidades, optamos por usar as suas respectivas siglas já conhecidas, para a Biblioteca Pública do Paraná, criamos a sigla BPP, e para a Biblioteca Nacional, BN. Para nomes extensos, como o repositório Hathi Trust e para a Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, fizemos uso dos termos HATHI e MINDLIN, respectivamente. Por fim, optamos por referenciar a dissertação de Alessandra Oliveira dos Santos Beltramin do seguinte modo: sobrenome, ano e página.

O inventário é composto de 76 obras e organizado por décadas, iniciando na década de 1940 até os anos 1990.

Os livros que ficaram sem dados quanto ao ano de publicação no Brasil, mas que a Gulnara mencionou em alguma entrevista, foram apresentados após o último registro com data. O primeiro desses livros é *Milhão Perdido*, de Edgar Wallace, mencionado por ela, na entrevista ao suplemento do Jornal *A Manhã*, como sua primeira tradução. Os outros dois livros, *Roma Antiga* e *A Matéria*, Gulnara mencionou como seu trabalho tradutório na entrevista para Marisa Lajolo e Nilce Santana Martins em 1982, disponível no Museu da Imagem e do Som. Sobre o primeiro título, nada foi encontrado; contudo, sabemos que ela traduziu *Roma Imperial* para a José Olympio em 1969. Logo, pode ter acontecido uma simples confusão de títulos nesse caso. Sobre o livro *A Matéria*, encontramos poucas informações e não conseguimos a confirmação de Gulnara como sua tradutora.

Dificuldade parecida foi encontrada quanto às informações das suas traduções *Noites de Vigílias*, de A.J. Cronin e as obras russas *Uma História Lamentável*, *O eterno marido e várias novelas*, de Dostoiévski e *A morte de Ivan Ilitch*,

de Tolstói. A respeito de diversas obras, não encontramos dados sobre suas primeiras edições, de modo que consideramos a segunda ou outra edição disponível.

A seguir, apresentamos o inventário das obras traduzidas por Gulnara e, posteriormente, a análise deste.

QUADRO 1 – INVENTÁRIO DAS OBRAS TRADUZIDAS POR GULNARA

Lista de obras traduzidas por Guinara Lobato de Moraes Pereira organizadas por décadas (1940–1990)

Década de 1940									
TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>O mistério dos irmãos siameses</i>	Ellery Queen [pseudônimo Frederick Dannay e Manfred B. Lee Dannay]	Companhia Editora Nacional	1941	<i>The Siamese Twin Mystery</i>	1933	Coleção para todos	Inglês		HATHI
<i>Momento em Pekim: Romance da vida chinesa hoje</i> (Vol. 1 e vol. 2)	Lin Yutang	Companhia Editora Nacional	1941	<i>Moment in Peking</i>	1939	Biblioteca do Espírito Moderno, v. 9	Inglês	Com Monteiro Lobato	UFPR, BN UNICAMP,
<i>Amor entre as nuvens</i>	Louise Logan	Companhia Editora Nacional	1943	<i>Nurse Merton, Army Spy</i>	1942	Biblioteca das moças, v. 110	Inglês		UNICAMP, HATHI
<i>História da Civilização Parte 1 - Nossa Herança Oriental</i>	Will Durant	Companhia Editora Nacional	1943	<i>The Story of Civilization – Our Oriental Heritage</i>	1935	Biblioteca do Espírito Moderno	Inglês	Revista por Monteiro Lobato	UNICAMP, UFPR, HATHI
<i>História da Civilização Parte 2 - Nossa Herança Clássica – A vida na Grécia</i>	Will Durant	Companhia Editora Nacional	1943	<i>The Story of Civilization – The Life of Greece</i>	1939	Biblioteca do Espírito Moderno	Inglês	Revista por Monteiro Lobato	UFPR
<i>A casa misteriosa</i>	Mme. Ch. Peronnet [Mme. Louise (Floquet) Peronnet]	José Olympio	1944	<i>La Maison Mystérieuse</i>	1920	Menina e Moça, v. 6	Francês		UNICAMP
<i>A história da minha vida</i> [em 5 volumes]	George Sand [pseudônimo de Amantine]	José Olympio	1945 - 1947	<i>Histoire De Ma Vie</i>	1874	Memórias, diários e confissões	Francês		UNICAMP

	Aurore Lucile Dupin]								
<i>A Pequena Detective</i>	Arlette de Maillene	José Olympio	1945	<i>Le Petite Dame De Compagnie</i>		Menina e Moça, v. 9	Francês		BN
<i>Memórias</i>	Rabindranath Tagore	José Olympio	1946	Reminiscences	1912	Memórias, diários e confissões, v. 16	Inglês		UNICAMP, UFPR
<i>História da Civilização - Parte 3</i>	Will Durant	Companhia Editora Nacional	1946	<i>The Story of Civilization. Pt.3: Caesar and Christ</i>	1944	Biblioteca do Espírito Moderno	Inglês	Revista por Monteiro Lobato	HATHI
<i>Memórias: (educação de uma princesa)</i>	Maria, grã-duquesa da Rússia	José Olympio	1946	<i>Education d'une Princesse</i>	1931	O romance da Vida, v. 23	Francês		UNICAMP, BN
<i>Cara ou coroa - Oliver Wiswell</i>	Kenneth Roberts	Companhia Editora Nacional	1947	<i>Oliver Wiswell</i>	1940	Biblioteca do Espírito Moderno, v. 17	Inglês		HATHI, MINDLIN
<i>As estranhas férias de Sir Jerry</i>	Mad. H. Giraud [pseudônimo de Madeleine Gélinet]	José Olympio	1947	<i>Les Étranges Vacancy De Sir Jerry</i>	1936	Menina e Moça, v. 6	Francês		UNICAMP
<i>Mocidade é assim mesmo</i>	Enid Bagnold	José Olympio	1947	<i>National Velvet</i>	1935		Inglês		MINDLIN
<i>Sir Jerry na Bretanha</i>	Mad H. Giraud	José Olympio	1947	<i>Sir Jerry et L'Affreux Léonard</i>	1937	Menina e Moça, v. 14	Francês		MINDLIN
<i>Sir Jerry detetive</i>	Mad. H. Giraud	José Olympio	1947	<i>Sir Jerry Détective</i>		Menina e Moça, v. 1	Francês		BN
<i>O Misterioso desaparecimento de Sir Jerry</i>	Mad. H. Giraud	José Olympio	1948	<i>La Misterieuse Disparition De Sir Jerry</i>	1938	Menina e Moça, v. 28	Francês		BN
<i>A morte de Ivan Ilitch / Amo e Servidor</i>	Leão Tolstói	Edição Saraiva	1948		1886	Saraiva			UNICAMP
<i>Um leão está nas ruas: romance</i>	Adria Locke Langley	José Olympio	1949	<i>A Lion Is in The Streets</i>	1945	Fogos Cruzados, v. 94	Inglês		BPP, UNICAMP

<i>Carlota Joaquina: a rainha intrigante</i>	Marcus Cheke	José Olympio	1949			O romance da Vida, v. 44			UNICAMP
<i>Memórias de Sarah Bernhardt: minhas duas vidas</i>	Sarah Bernhardt	José Olympio	1949	<i>Ma Double Vie</i>	1907	Memórias, diários e confissões	Francês		UNICAMP

Década de 1950									
TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>Como vencer na vida</i>	Napoleon Hill	José Olympio	1950	<i>How to Sell Your Way Through Life</i>	1939		Inglês		HATHI
<i>É fácil ser feliz</i>	David Dunn	Pensamento	1950	<i>Try Giving Yourself Away</i>	1953		Inglês		HATHI
<i>Almas em Conflito</i>	A.J. Cronin	José Olympio	1951	<i>The Spanish Gardener</i>	1950	Saragana, v. 32; Fogos Cruzados, v. 106	Inglês		UNICAMP, BPP, UFPR, BN
<i>A perigosa missão do capitão Jerry</i>	Mad. H. Giraud	José Olympio	1952	<i>La Périlleuse Mission Du Capitaine Jerry</i>	1940	Menina e Moça, v. 19	Francês		UFMG
<i>Labirinto de paixões</i>	Franck Yerby	José Olympio	1953	<i>A Woman Called Fancy</i>	1951	Fogos Cruzados	Inglês		HATHI
<i>Primaveras perdidas</i>	Kathleen Harris	Edição Saraiva	1953	<i>No Other Love</i>		Coleção Rosa, v. 46	Inglês		HATHI
<i>Pelos caminhos da minha vida</i>	A.J. Cronin	José Olympio	1953	<i>Adventures in Two Worlds</i>	1952	Saragana, v. 52	Inglês		BPP
<i>Leon Morin, padre</i>	Béatrix Beck	José Olympio	1953	<i>Leon Morin, Prêtre</i>	1952		Francês		UNICAMP, BN
<i>As férias de Marionete</i>	Mathilde Alanic	José Olympio	1954	<i>Les Vacances De Guignollette</i>	1925	Menina e Moça	Francês		UNICAMP
<i>Algemas Partidas</i>	A.J. Cronin	José Olympio	1954	<i>Beyond This Place</i>	1950	Saragana, v. 43	Inglês		BPP, UFPR, UNICAMP,

<i>Uma estranha mulher</i>	A.J. Cronin	José Olympio	1954	<i>Gracie Lindsay</i>	1949	Saragana, v. 45	Inglês		BPP, UNICAMP
<i>Noites de vigília</i>	A.J. Cronin	José Olympio	1954 [4 ed.]	<i>Sisters/ Vigil In The Night</i>	1939	Saragana, v. 48	Inglês		BPP, UNICAMP
<i>A pequena refugiada</i>	Mme. Charles Perronet	José Olympio	1954	<i>Jeanne, Jeannette Et Jeanneton</i>	1876	Menina e Moça	Francês		BELTRAMIN, 2013, p. 82.
<i>O inevitável Sir Jerry</i>	Mad. H. Giraud	José Olympio	1954	<i>L'inevitable Sir Jerry</i>	1939	Menina e Moça, v. 10	Francês		BN
<i>A espada sarracena</i>	Franck Yerby	José Olympio	1957	<i>The Saracen Blade</i>	1952		Inglês		HATHI

Década de 1960									
TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORIA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>Clair de Lune: Biografia romanceada de Claude Debussy</i>	Pierre La Mure	Melhoramentos	1962	<i>Clair De Lune: A Novel About Claude Debussy</i>	1962		Francês		BPP, UFPR
<i>O segundo rosto: romance</i>	David Ely	José Olympio	1966	<i>Seconds</i>	1963		Inglês		BPP, UNICAMP
<i>A perigosa missão de Sir Jerry</i>	Mad. H. Giraud	José Olympio	1967	<i>La Périlleuse Mission Du Capitaine Jerry</i>	1940	Menina e Moça, v. 9	Francês		MINDLIN, BN
<i>Plantão Fatídico</i>	Laurence Oriol	José Olympio	1967	<i>L'interne De Service</i>	1966	Cadeira de Balanço, v. 1	Francês		UNICAMP, UFPR, BN
<i>O eterno marido e várias novelas</i>	Fiodor Dostoiévski	José Olympio	1967	<i>Vetchni Muj</i>	1870			Com Boris Schnaiderman	UFF
<i>A Excursão</i>	David Ely	José Olympio	1969	<i>The Tour</i>	1967	Cadeira de Balanço, v. 14	Inglês		BPP, BN

<i>Roma Imperial</i>	Moses Hadas	José Olympio	1969	<i>Imperial Rome</i>	1965	Biblioteca de História Universal (editora Life)	Inglês		BPP
----------------------	-------------	--------------	------	----------------------	------	---	--------	--	-----

Década de 1970

TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>O Mar</i>	Leonard Engel	José Olympio	1971	<i>The Sea</i>	1969		Inglês	Com Iolanda Vergueiro Steidel	UFPR
<i>A espionagem científica</i>	Jacques Bergier	José Olympio	1974	<i>L'espionnage Scientifique</i>	1973	Cadeira de Balanço, v. 22	Francês		BPP, UFPR
<i>Assim falou Sakharov</i>	Andrei D. Sakharov	José Olympio	1975	<i>Sakharok Speaks</i>	1974		Inglês		BPP
<i>Aposto no homem (o otimismo como um desafio)</i>	Robert Jungk	José Olympio	1978	<i>Paris Sur l'homme: (l'optimisme comme défi)</i>	1974		Francês	Com Antonieta Dias de Moraes	BPP

Década de 1980

TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>Formação de líderes</i>	Jose H. Prado Flores	Loyola	1980	<i>Formación de Líderes</i>			Espanhol		BN
<i>Alegria de dormir: ministério do sono e remédios para os que sofrem de insônia</i>	Shirley Motter Linde e Louis M. Savary	Loyola	1981	<i>The Joy of Sleep</i>	1980		Inglês		BN
<i>Formas dinâmicas de oração</i>	Louis M. Savary e Patricia H. Berne	Loyola	1981	<i>Prayerways</i>	1980		Inglês		BN

<i>Os sete pecados de cada dia e o que fazer para evitá-los</i>	Cecil Murphey	Loyola	1981	<i>Seven Daily Sins – and What to Do About Them</i>	1981	Coleção Renovação Carismática	Inglês		BN
<i>Conduzi meu povo. Manual para líderes Carismáticos</i>	Rev. Mons. Vincent M. Walsh	Loyola	1982	<i>Lead My People – Manual For Charismatic Leaders</i>	1980	Coleção Renovação Carismática	Inglês		BN
<i>Luz que ilumina as sombras</i>	Betty Tapscott	Loyola	1982	<i>Out of the Valley</i>	1980		Inglês		BN
<i>Deus primeiro: o que significa amor a Deus sobre todas as coisas</i>	Ken Wilson	Loyola	1982	<i>God First – What It Means to Love God Above All Things</i>	1980	Renovação Carismática	Inglês		BN
<i>Filhos e filhas de Deus: Nova identidade em Cristo</i>	Ken Wilson	Loyola	1982	<i>Sons and Daughters of God: Our Identity in Christ</i>	1981	Viver Como Um Cristão	Inglês		BN
<i>E os seus olhos se abriram: encontro com Jesus nos sacramentos</i>	Michael Scanian e Anne Therese Shields	Loyola	1982	<i>And Their Eyes Were Opened</i>	1976		Inglês		BN
<i>Ministério de cura para leigos</i>	Robert DeGrandis, S.S. J.	Loyola	1983	<i>Layme's Manual For The Healing Ministry</i>	1985		Inglês		BN
<i>Jesus, o forasteiro: reflexões sobre os Evangelhos</i>	Joseph G. Donders	Loyola	1983	<i>Jesus, the Stranger: Reflections on the Gospels</i>	1978		Inglês		BN
<i>O homem é aquilo que ele pensa</i>	James Allen	Pensamento	1984	<i>As A Man Thinketh</i>	1902		Inglês		BPP, UNICAMP
<i>O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos</i>	Salvador Carrillo Alday	Loyola	1984	<i>El Espíritu Santo Em La Iglesia De Los</i>			Espanhol		BN

				<i>Hechos De Los Apostoles</i>					
<i>Renovando todas as coisas: um convite à vida espiritual</i>	Henri J. M. Nouwen	Cultrix	1984	<i>Making All Things New</i>	1981		Inglês		BN
<i>Uma carta de consolação</i>	Henri J. M. Nouwen	Cultrix	1984	<i>A Letter of Consolation</i>	1982		Inglês		BN
<i>Voo livre: aprendendo os caminhos do espírito</i>	George T. Montague	Loyola	1984	<i>Riding The Wind: Learning The Ways of The Spirit</i>	1977		Inglês		BN
<i>A prática da direção espiritual</i>	William A. Barry e William J. Connolly	Loyola	1985	<i>The Practice of Spiritual Direction</i>	1982		Inglês		UNICAMP
<i>Eu, leprosa: a oração e a vida de Véronique</i>	Irmãos Jaccard [Raymond J. e Pierre J.]	Loyola	1985	<i>Avec Une Infinie Tendresse</i>		Pedra de Toque, v. 2	Francês		USP, BN
<i>O caminho do conhecimento interior: reflexões sobre os exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola</i>	Parmananda R. Divarkar	Loyola	1986	<i>The Path of Interior Knowledge</i>	1983		Inglês		UNICAMP, UFSC
<i>A Cura do eu interior</i>	Barbara Leahy Shlemon	Loyola	1986	<i>Healing the Hidden Self</i>	1982	Passos de Renovação	Inglês		BPP
<i>O dom da profecia</i>	Robert DeGrandis, S.S. J.	Loyola	1986	<i>The Gift of Prophecy</i>	1984		Inglês		UNICAMP
<i>Eu, colecionador de arco-íris</i>	Carlos G. Valles	Loyola	1987	<i>I Am Collecting Rainbows</i>	1984	Pedra de Toque, v.8	Inglês		BN
<i>Quem como Deus? Uma introdução à dimensão demoníaca do atendimento pastoral</i>	John Richards	Louva-a-Deus	1987	<i>But Deliver Us From Evil: An Introduction fo The Demonic Dimension Pastoral Care</i>	1974		Inglês		BN
<i>Tudo para ele</i>	Oswald Chambers	Betânia (BH)	1988	<i>My Ulmost for His Highest</i>	1924		Inglês		BPP, BN

<i>O Jovem Francisco</i>	Camilo E. Luquin	Loyola	1988	<i>El Joven Francisco</i>			Espanhol		BN
--------------------------	------------------	--------	------	---------------------------	--	--	----------	--	----

Década de 1990									
TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORIA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>Uma História Lamentável</i>	Fiodor Dostoiévski	Paz e Terra	1996 [2 ed.]			Leitura			USP, BN, UFRGS

Livros citados por ela em entrevistas, porém sem dados encontrados									
TÍTULO TRADUZIDO	AUTOR	EDITORIA	ANO BR	TÍTULO ORIGINAL	ANO	COLEÇÃO	IDIOMA	TRAD. CONJ.	LOCAL
<i>Milhão Perdido</i>	Edgar Wallace								ENTREVISTA JORNAL A MANHÃ
<i>Roma Antiga</i>									ENTREVISTA AO MIS
<i>A Matéria</i>	Ralph E. Lapp	Editora José Olympio				Biblioteca Científica Life	Inglês		ENTREVISTA AO MIS

FONTE: A autora (2023).

De acordo com a pesquisa realizada, a primeira tradução de Gulnara Lobato de Moraes Pereira que encontramos foi *O Mistério dos Irmãos Siameses*, de Ellery Queen, pseudônimo de Frederick Dannay e Manfred B. Lee Dannay. A tradução foi realizada do inglês e publicada pela Companhia Editora Nacional, em 1941, dentro da Coleção Para Todos.

Sabe-se, por meio da entrevista ao Museu da Imagem e do Som, que Gulnara começou a traduzir logo que Monteiro Lobato voltou dos Estados Unidos em 1931. Então, estima-se que ela já traduzia alguns anos antes desse primeiro registro encontrado. Em outra entrevista, para o Jornal *A Manhã* (Pereira, G., 1946, p.4), ela afirmou que sua primeira tradução foi *Milhão Perdido*, sobre a qual não encontramos mais informações.

A análise busca explorar alguns critérios presentes no inventário. Para tanto, está dividida da seguinte maneira: quantidade de traduções, editoras, coleções, idioma de partida, autores, cotradução e/ou revisão e gêneros literários. Espera-se que as informações sejam relevantes para compreendermos a importância do trabalho tradutório de Gulnara.

3.3.1 Quantidade de traduções

Decidimos iniciar pelo aspecto mais amplo, que é a quantidade de obras traduzidas publicadas em cada década. Assim, na década de 1940, foram publicadas 21 traduções. Nos anos de 1950, foram 15, contamos com o livro *Noites de Vigília*, o qual encontramos apenas em sua 4ª edição, publicado em 1954. Nas décadas de 1960 e 1970, a quantidade de traduções diminuiu consideravelmente, apenas sete e quatro, respectivamente.

Contudo, nos anos de 1980, foram publicadas 25 traduções, maior soma dentre as décadas pesquisadas. Por fim, na década de 1990, encontramos apenas o livro *Uma História Lamentável*, em sua 2ª edição.

No ano de falecimento de Gulnara, 1986, quatro novas obras traduzidas foram publicadas. Acredita-se que essas traduções foram realizadas nos últimos anos de vida e a publicação feita em data posterior.

De fato, percebemos uma grande oscilação na quantidade de traduções publicadas em cinco décadas, o que pode ser uma evidência de que existam mais livros traduzidos por ela.

3.3.2 Editoras

Em tantos anos traduzindo, era previsível que ela não permanecesse apenas em uma editora. Gulnara teve suas traduções publicadas por dez editoras.

A editora que mais publicou suas traduções foi a José Olympio, com 37 títulos; em seguida a Loyola, com 20, e a Companhia Editora Nacional, com 7 obras. Editoras como Pensamento, Saraiva e Cultrix foram responsáveis pela publicação de duas traduções cada; e Melhoramentos, Louva-a-Deus, Paz e Terra e Betânia (BH) contam com apenas uma tradução cada.

Sabe-se que ela iniciou pela Companhia Editora Nacional, com a orientação e revisão de Lobato. Por alguns anos, principalmente durante a década de 1940, ela fez traduções para duas editoras: Companhia Editora Nacional e José Olympio, como podemos confirmar por meio do inventário.

Dedicou-se quase que exclusivamente à José Olympio Editora entre os anos de 1947 e 1978. Nesse período, apenas cinco de suas traduções foram publicadas por outras editoras: em 1947, *Cara ou Coroa – Oliver Wiswell*, de Kenneth Roberts, pela Companhia Editora Nacional; *É fácil ser feliz*, de David Dunn, pela Editora Pensamento; *Primaveras Perdidas*, de Kathleen Harris, em 1953, e *A Morte de Ivan Ilitch / Amo e Servo*, de Leão Tolstói, ambas pela Edições Saraiva, em 1963; e, por fim, *Clair de Lune: Biografia romanceada de Claude Debussy*, pela Editora Melhoramentos, em 1962.

Sua última tradução para a José Olympio, de acordo com o nosso inventário, foi o livro *Aposto no homem (o otimismo como um desafio)*, de Robert Jungk, em 1978.

O último vínculo bem estabelecido de Gulnara foi com a Loyola. As traduções começaram em 1980 e seguiram até 1987, sendo quatro obras publicadas depois de sua morte.

3.3.3 Coleções

Uma característica do mercado editorial da época era que quase todas as editoras tinham coleções bem estabelecidas, como descrito na seção 1.3 desta dissertação, de modo que, muitos dos títulos apresentados no inventário eram componentes de alguma coleção. Percebemos uma forte presença de coleções direcionadas ao público feminino, algumas são citadas mais de uma vez: Biblioteca do Espírito Moderno e Biblioteca das Moças, da Companhia Editora Nacional; Menina e Moça, O Romance da Vida, Sagarana, Fogos Cruzados, Memórias, Diários e Confissões, todas da José Olympio Editora.

3.3.4 Idioma

Sobre os idiomas de partida de suas traduções, encontramos quatro: inglês, espanhol, francês e russo, com a predominância do inglês e do francês. Contabilizamos 46 traduções do inglês, 20 do francês e apenas 3 do espanhol. Não foi possível definir o idioma de partida de algumas obras.

Não é possível determinar quando ela abandonou um idioma para se dedicar a outro, pois os idiomas menos recorrentes aparecem muito bem distribuídos entre as traduções do inglês.

Não foram encontradas evidências suficientes para afirmarmos que as traduções dos autores russos realmente aconteceram a partir do idioma russo, o que justifica uma das lacunas presentes no quadro. Sobre a obra *Carlota Joaquina: a Rainha Intrigante*, de Marcus Cheke, não foi possível encontrar o título original e o idioma em que foi escrito nem em acervos digitais das bibliotecas consultadas nem nos sebos contatados, por isso as colunas que correspondem a essas informações estão em branco.

3.3.5 Autores

Quando pensamos em discutir os autores, o aspecto idioma reaparece, ajudando a compreender também a nacionalidade deles.

Mais uma questão importante diz respeito à quantidade de vezes que Gulnara traduziu o mesmo autor.

Do inglês, o nome recorrente é A. J. Cronin, autor escocês de romance idealista de crítica social. Gulnara traduziu cinco títulos, especialmente ficção, ficção doméstica, romance, suspense e autobiografia, todos na década de 1950. As obras são *Almas em Conflito*, publicada em 1951, *Pelos Caminhos da Minha Vida*, em 1953, e *Algemas Partidas, Uma Estranha Mulher e Noites de Vigília*, publicadas em 1954 pela José Olympio Editora.

A partir do francês, duas escritoras se destacam: Mad. H. Giraud, pseudônimo de Madeleine GélINET, com sete títulos da coleção do Sir Jerry, publicados entre os anos de 1947 e 1952 pela José Olympio; e George Sand, romancista francesa, com *A História da Minha Vida*, em cinco volumes, pela José Olympio entre os anos de 1945 e 1947.

Outros autores aparecem com recorrência menor. Ela verteu duas obras de cada um dos seguintes autores: Franck Yerby, Ken Wilson, David Ely, Robert DeGrandis, Henri J. M. Nouwen e Mme. Charles Peronnet, nome usado pela escritora Madame Louise Floquet Peronnet. Apenas as obras da escritora Mme. Ch. Peronnet foram traduzidas do francês; todas as obras dos demais autores citados acima partiram do inglês.

Constatamos que Gulnara traduziu mais homens do que mulheres: foram 40 homens e apenas 17 mulheres. Sobre mulheres, destacamos a autora Sarah Bernardt, com o livro *Ma Double Vie*. Sua primeira edição foi publicada em 1949 com o título em português *Memórias de Sarah Bernardt: minhas duas vidas*. Em 1988, esse livro foi publicado novamente, mas com um novo título: *Eu, Sarah Bernardt*. Essa obra ainda se encontra disponível para compra em fevereiro de 2024, em uma terceira edição. Ambas foram publicadas pela José Olympio Editora.

3.3.6 Gêneros Literários

O inventário nos permite conhecer os diversos gêneros literários que Gulnara traduziu. Destacamos alguns que foram recorrentes: biografia e memórias, como o livro *Memórias de Sarah Bernhardt: minhas duas vidas*, de Sarah Bernhardt; romance, como *Almas em Conflito*, de A.J. Cronin; literatura infantil francesa, com a coleção do

Sir Jerry, de Mad. H. Giraud; e, por fim, os livros com temática religiosa, como *Deus primeiro: o que significa amor a Deus sobre todas as coisas*, do escritor Ken Wilson.

Juntamente com diversos autores da literatura francesa e inglesa, encontramos nomes como Dostoiévski e Tolstói. Desses autores, Gulnara traduziu *O Eterno Marido e Várias Novelas e Uma História Lamentável*, de Dostoiévski, e *A morte de Ivan Ilitch/Amo e Servidor*, de Tolstói. Nenhum desses três livros foi consultado presencialmente, consideramos as informações disponíveis em acervos das bibliotecas das seguintes universidades: UNICAMP, UFF, USP, UFRGS e da Biblioteca Nacional. Assim, não foi possível encontrar algumas informações essenciais: o título e o idioma originais, bem como o seu idioma de partida para a tradução. Esses espaços permanecem em branco no quadro e, conseqüentemente, a discussão torna-se mais limitada.

Sobre o livro *A morte de Ivan Ilitch/Amo e Servidor*, de Tolstói, publicado pela Saraiva, segundo Bottman (2016, não paginado), a tradução é de 1948. A Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, preserva um fundo da José Olympio Editora, em que há uma nota redigida pela Editora Saraiva (BRASIL, 1980, não paginado) endereçada à José Olympio Editora e datada do ano de 1980, a qual comenta sobre essa tradução. A Saraiva afirma que a coleção Saraiva deixou de ser publicada em 1972 e, em 1980, quando essa nota foi escrita, os volumes se encontravam esgotados. Em seguida, a editora afirma não ter mais posse de quaisquer direitos sobre a tradução em questão, mas não faz menção à língua de partida. A transcrição completa do documento encontra-se no Anexo 15. Do ano de publicação até o momento que parou de ser publicada, totalizam 24 anos. A permanência desse livro por vários anos no mercado nos aponta um caminho de qualidade e de sucesso.

3.3.7 Cotradução

Das obras catalogadas nesta pesquisa, poucas foram feitas de maneira conjunta com outro tradutor: *Momento em Pekim*, realizada em parceria com Monteiro Lobato, em 1943; *O eterno marido e várias novelas*, com Boris Schnaiderman, em 1967; *O Mar*, com Iolanda Vergueiro Steidel, em 1971; e *Aposto no homem*, com Antonieta Dias de Moraes, em 1978.

Os livros *História da Civilização*: Parte 1, 2 e 3, publicados em 1943 e 1946, tiveram a revisão feita por Monteiro Lobato; este dado consta na folha de rosto das obras.

A análise nos permite concluir que, mesmo que ela tenha começado com o auxílio e a supervisão de Lobato e que suas primeiras traduções tenham sido publicadas pela Companhia Editora Nacional, Gulnara não se limitou apenas ao que seu tio ofertou. Ela buscou novas editoras, desenvolveu-se profissionalmente, traduziu em algumas línguas e um pouco de tudo: literatura infantil em francês, literatura clássica, *best-sellers*, biografias, memórias e ainda textos com temática religiosa, tornando-se assim uma tradutora com um número bastante expressivo de traduções.

3.4 Localização do seu nome nas edições publicadas

Outro ponto que contribui para demonstrar a presença de Gulnara no mercado editorial é a devida referência ao seu nome como tradutora nos livros que ela traduziu. O inventário listou diversas obras traduzidas por ela, porém, apresentar todas torna-se impossível, seja pela quantidade de livros ou pelo difícil acesso. A solução proposta é apresentar capas, frontispícios e fichas catalográficas de algumas obras de diferentes gêneros e editoras em ordem cronológica. As fotos são resultado da pesquisa na Biblioteca Pública do Paraná e na Biblioteca da Universidade Federal do Paraná. Algumas imagens foram enviadas pelos sebos.

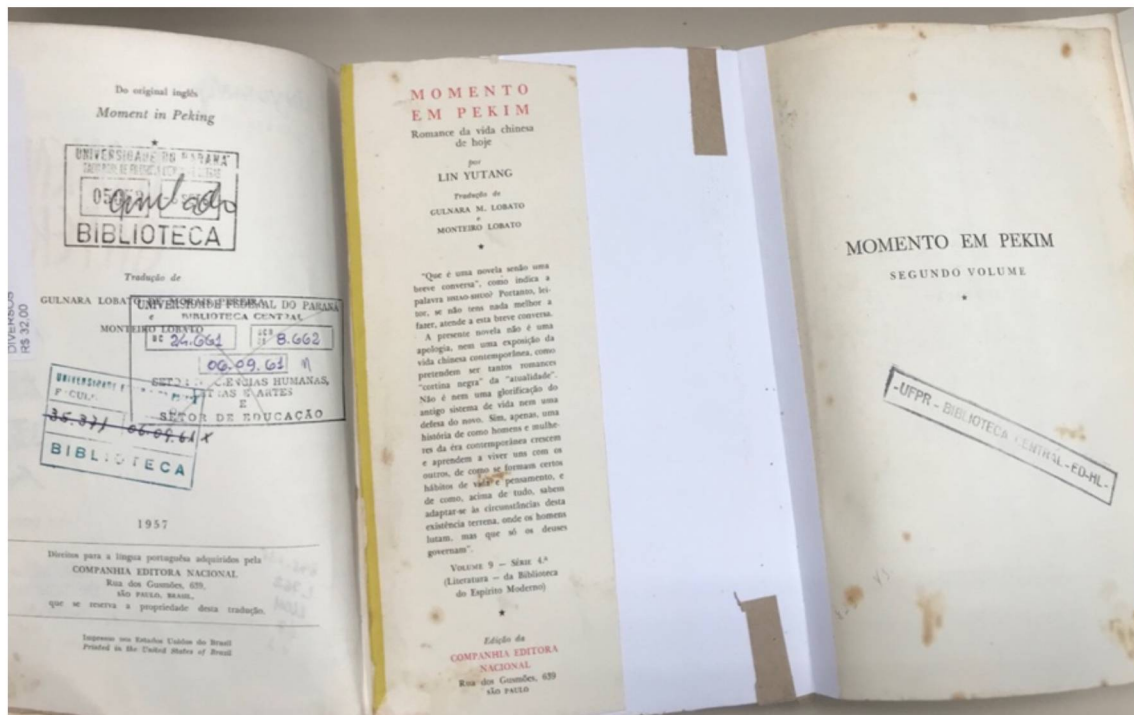
Em 1941, Gulnara traduziu *Momento em Pekim* com Monteiro Lobato, romance publicado em dois volumes pela Companhia Editora Nacional. Na capa (FIGURA 2) não há nenhuma informação que indique quem eram os tradutores. Seu nome consta na orelha do livro e na ficha catalográfica (FIGURA 3); mesmo que o carimbo da universidade esteja encobrindo-o, com um pouco de atenção, é possível lê-lo.

FIGURA 2 – CAPA DE MOMENTO EM PEKIM: ROMANCE DA VIDA CHINESA DE HOJE, DE LIN YUTANG



FONTE: A autora, a partir de exemplar da Biblioteca da UFPR (2022).

FIGURA 3 – FICHA CATALOGRÁFICA, ORELHA E FRONTISPÍCIO DOS LIVROS MOMENTO EM PEKIM



FONTE: A autora, a partir de exemplar da Biblioteca da UFPR (2022).

O livro *A Perigosa Missão de Sir Jerry*, escrito por Mad. H.-Giraud, pseudônimo de Madeleine Gélinet, autora francesa de livros infantis, foi publicado em 1952, pela José Olympio, dentro da coleção Menina e Moça. Como este é um dos livros em que a foto foi enviada por um sebo, não temos a foto da capa nem da ficha catalográfica, mas seu nome consta no frontispício (FIGURA 4), logo abaixo do nome da escritora. Trata-se de um reconhecimento simbólico de responsabilidade mais interessante do que o exemplo anterior.

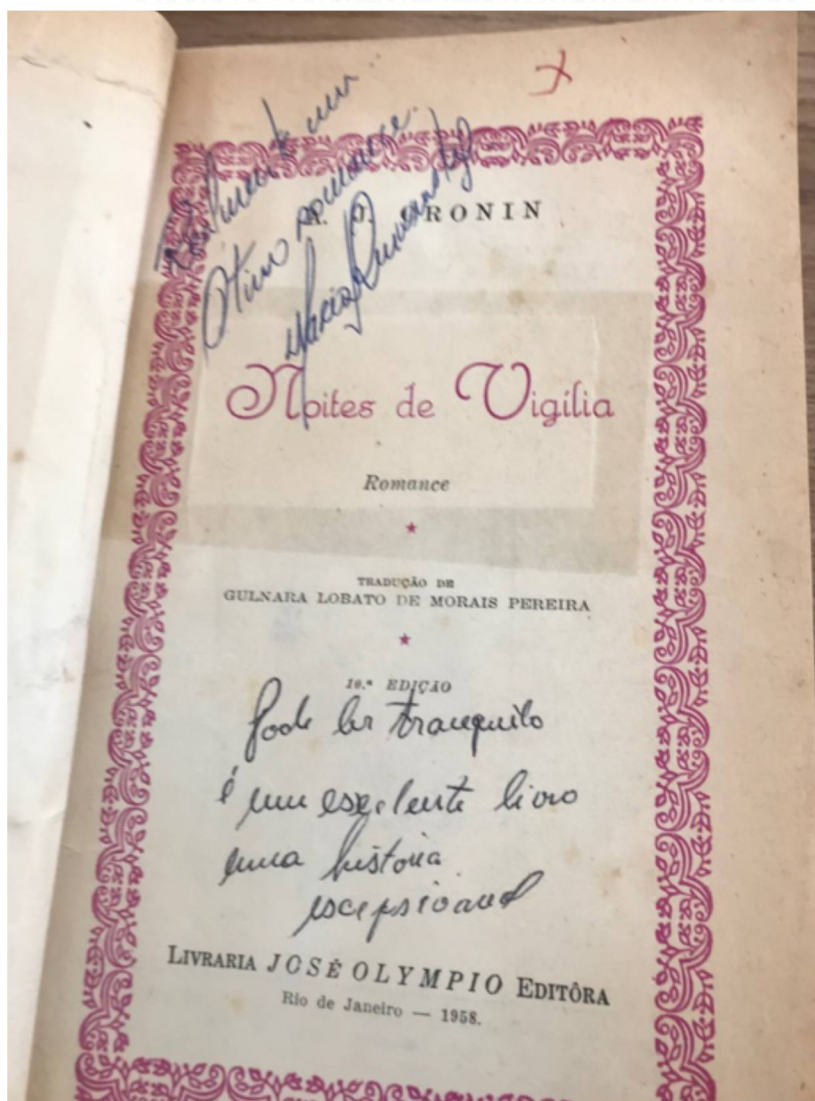
FIGURA 4 – FRONSTISPÍCIO DE *A PERIGOSA MISSÃO DE SIR JERRY*

FONTE: Fotografia por Mateus Gregório, Sebo Autônomo (2023).

Gulnara traduziu mais de uma vez o escritor A. J. Cronin, principalmente na década de 1950. Dentre as obras traduzidas por ela, destacamos o romance *Noites de Vigília*, publicado pela José Olympio, no início dos anos de 1950. No frontispício (FIGURA 5), vemos, além de uma dedicatória manuscrita, o seu nome referenciado

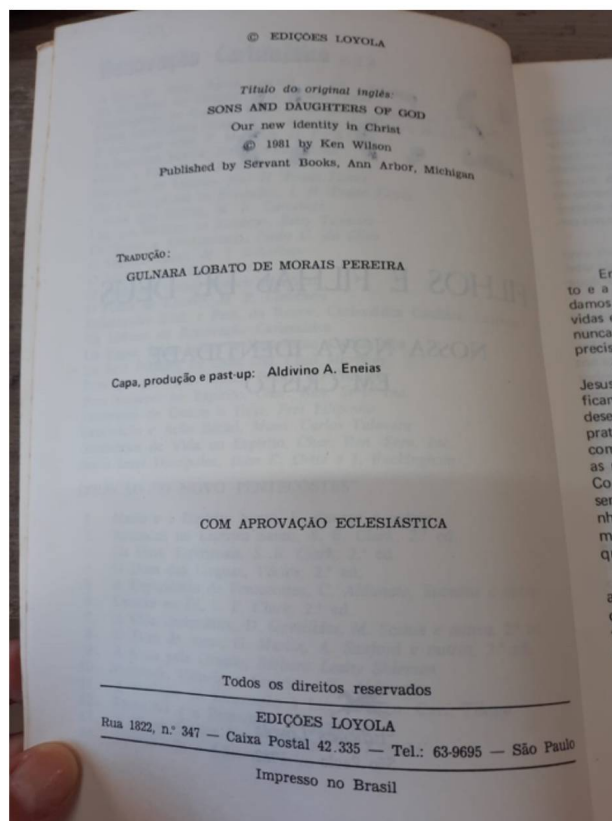
como tradutora no centro da página. Em nossas pesquisas, não encontramos a data da 1ª edição em português, mas sabemos que, em 1954, o livro estava em sua 4ª edição no Brasil. Esta edição fotografada é de 1958, quando o livro estava em sua 10ª edição.

FIGURA 5 – FRONSTISPÍCIO DE NOITES DE VIGÍLIA



FONTE: A autora, a partir de exemplar da Biblioteca da UFPR (2022).

Em 1981, o livro *Filhos e filhas de Deus: Nossa nova identidade em Cristo*, de Ken Wilson, é publicado pelas Edições Loyola. É a primeira tradução de Gulnara publicada por essa editora, e seu objeto de tradução passa a ser preferencialmente obras de temática religiosa. Nesse livro, seu nome consta apenas na ficha catalográfica (FIGURA 6). Não tivemos acesso à capa do livro.

FIGURA 6 – FICHA CATALOGRÁFICA E FRONSTISPÍCIO DE *FILHOS E FILHAS DE DEUS*

FONTE: Fotografia por Cristina, Casa Sebo (2023).

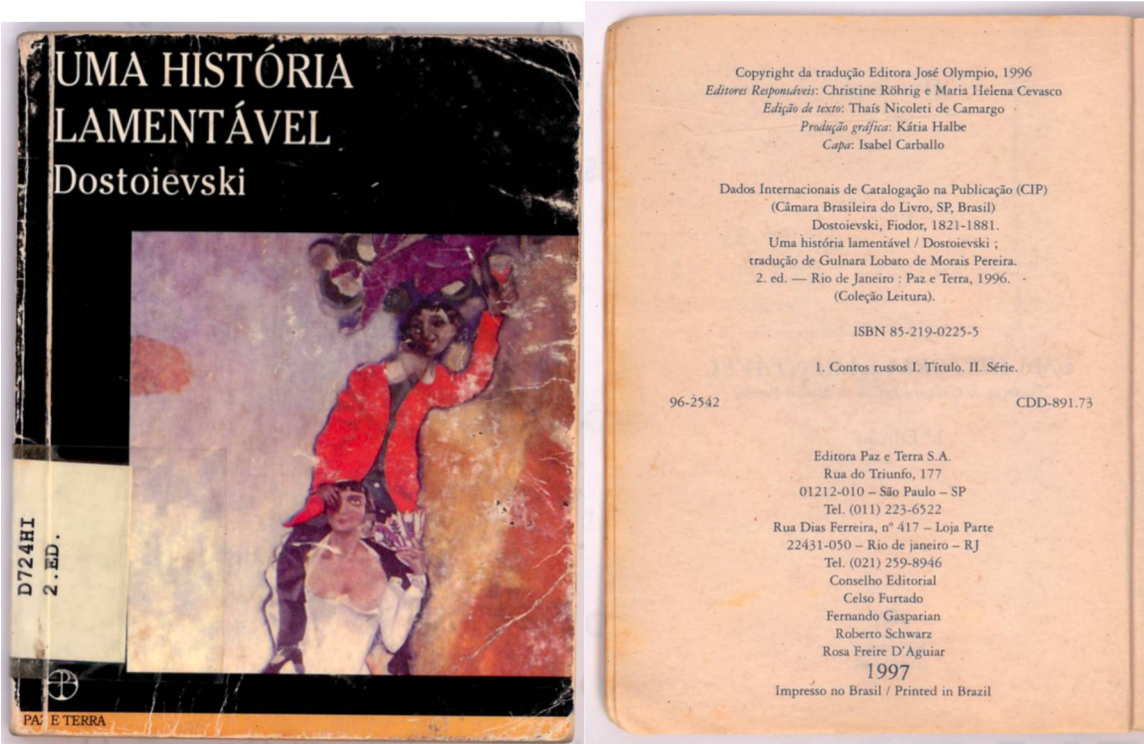
Em 1949, foi publicada a tradução de *Ma Double Vie*, a biografia de Sarah Bernhardt, pela José Olympio, com o título de *Memórias de Sarah Bernhardt: minhas duas vidas*. Muitos anos depois, em 1988, a obra foi reeditada com um novo título: *Eu, Sarah Bernhardt*. As fotos (FIGURA 7) a seguir foram fotografadas a partir da edição de 1988. Seu nome consta apenas no frontispício da obra.

FIGURA 7 – CAPA E FRONTISPÍCIO DE *EU, SARAH BERNHARDT*

FONTE: A autora, a partir de exemplar da Biblioteca Pública do Paraná (2022).

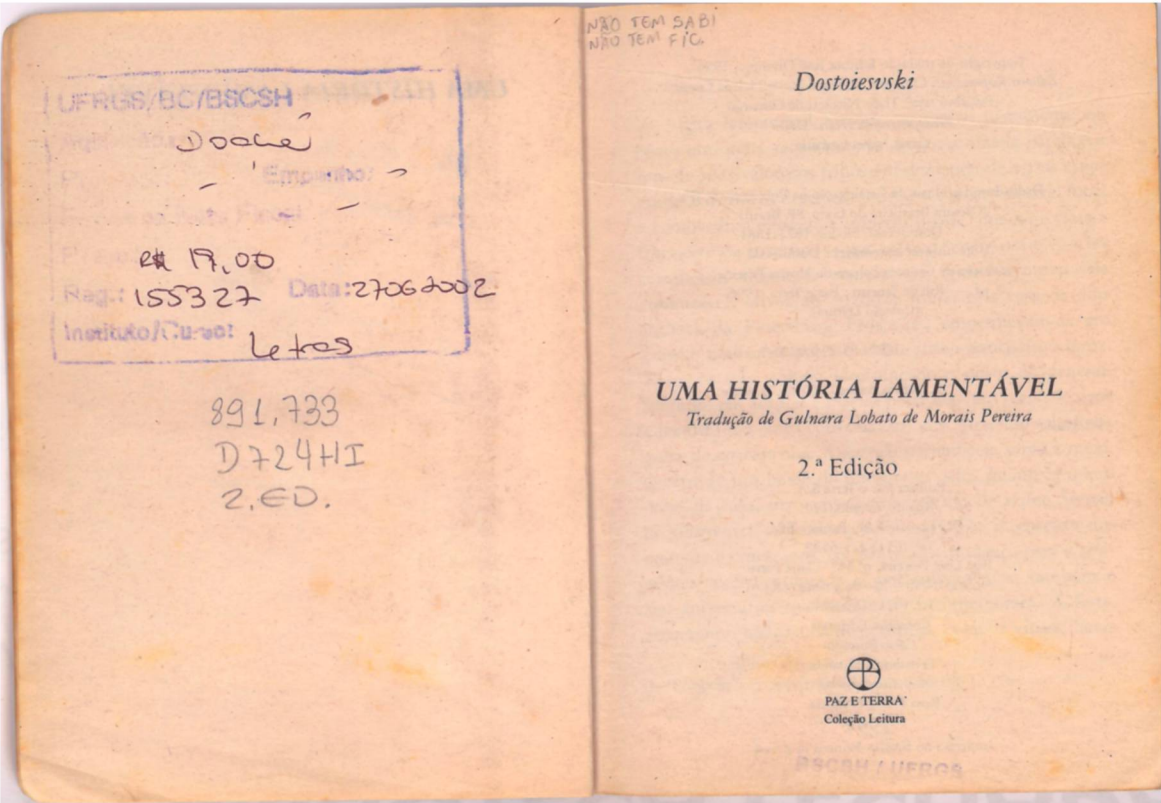
A última obra apresentada trata-se de um livro de um autor russo, Dostoiévski, contendo o conto *Uma História Lamentável*, publicado pela Editora Paz e Terra, em 1996, em 2ª edição. Seu nome aparece tanto na ficha catalográfica quanto no frontispício, mas não na capa. As imagens (FIGURAS 8 e 9) foram disponibilizadas pela biblioteca da UFRGS.

FIGURA 8 – CAPA E FICHA CATALOGRÁFICA DE *UMA HISTÓRIA LAMENTÁVEL*



FONTE: Biblioteca UFRGS (2024)

FIGURA 9 – FRONSTISPÍCIO DE *UMA HISTÓRIA LAMENTÁVEL*



FONTE: Biblioteca UFRGS (2024)

Diante das fotos apresentadas, as editoras José Olympio, Companhia Editora Nacional e Paz e Terra posicionam o nome de Gulnara em locais de maior destaque, como nos frontispícios ou nas orelhas dos livros, enquanto nas edições da Loyola, o nome da tradutora aparece apenas em letra menor na ficha catalográfica.

A apresentação dos elementos paratextuais como capa, ficha catalográfica e frontispício de alguns dos livros traduzidos por Gulnara vêm comprovar que seu nome não foi apagado no tempo; muito pelo contrário, foi devidamente referenciado de acordo com as práticas de cada editora. Além de simples registros editoriais, eles funcionam como provas que informam sobre sua atuação como tradutora e a localizam na história da tradução no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos poucos estudos sobre a presença e a atuação das mulheres nos campos da literatura e tradução no Brasil, almejou-se apresentar um perfil biográfico da tradutora Gulnara Lobato de Moraes Pereira, bem como um inventário com suas traduções em 50 anos de carreira.

Visando um melhor entendimento do percurso histórico da tradução no Brasil, descrevemos, a partir da chegada da Família Real, o desenvolvimento do mercado de livros, especialmente o da tradução. Destacando as principais editoras do século XIX e XX que publicaram traduções no Brasil, percebemos um hábito comum entre elas, a publicação de traduções em coleções. Quando possível, relacionamos a editora, a coleção e os nomes dos tradutores.

A partir desse aspecto, começamos a perceber alguns poucos nomes de mulheres que exerceram a atividade de tradução nesse intervalo de tempo, como Cecília Meireles, Rachel de Queiroz e Wanda Murgel de Castro, entre outras.

No capítulo seguinte, o foco foi a presença das mulheres na sociedade e, mais importante, nas editoras e traduções. Em poucas páginas, reunimos alguns nomes de tradutoras, demonstrando, assim, que há outras mulheres nesse recorte de tempo que realizaram traduções; Gulnara não foi a única, houve tantas outras junto dela.

No capítulo 3, foi apresentada a pesquisa sobre Gulnara: biografia, suas traduções e os materiais que nos auxiliaram na compreensão de quem ela era, como ela se envolveu com a tradução e quais foram seus trabalhos.

Construir a biografia dessa mulher não foi fácil, necessitou de inúmeras referências, ainda que não houvesse muitas informações disponíveis. O fio condutor inicial foi seu tio Monteiro Lobato; com o andamento da pesquisa, ficou claro que ele foi o mentor de Gulnara e seu incentivador. As cartas escritas por Lobato (1959) entre 1941 e 1943, reunidas em *Cartas Escolhidas*, comprovam essa relação e ainda demonstram a generosidade ímpar de Lobato com sua sobrinha.

Por outro lado, as correspondências escritas por ela que estão no Fundo Antônio Olavo Pereira, seu segundo marido, preservadas pela Universidade de Taubaté, descrevem as muitas faces de Gulnara. Uma mulher preocupada com os seus familiares, marido, filho, mãe e cunhado; e engajada em sua profissão, fazendo da tradução um assunto recorrente. Devido ao seu prestígio e bom trabalho, ela era

lembrada para realizar traduções para seus amigos, tinha influência para exprimir juízo de valor sobre as novas obras das coleções e também requeria aumentos de honorários.

Por meio da construção do inventário das obras traduzidas, obtivemos, como resultado, 76 traduções em 50 anos de atividade nessa profissão. Gulnara continuou a traduzir mesmo com os mais diversos acontecimentos históricos, como guerras mundiais, Ditadura Militar e mudanças econômicas.

Pelo inventário, concluímos que, muito além das 76 obras listadas, Gulnara traduziu obras originalmente escritas em inglês, francês, espanhol e russo (ainda que não possamos afirmar se ela traduziu diretamente desses idiomas, ou se usou uma tradução alheia como fonte), e diversos gêneros literários: *best-sellers*, como os escritos por A.J. Cronin; literatura infantojuvenil francesa, como a Série do Sir Jerry; biografias, como a obra escrita por Sarah Bernhardt; literatura russa, com autores como Tolstói e Dostoiévski; e livros com temática religiosa, com o autor Ken Wilson, demonstrando, assim, uma enorme adaptabilidade quanto aos diversos gêneros literários.

Por fim, faz-se necessário enaltecer o fato de, durante tantas décadas, Gulnara ter permanecido em atividade com publicações.

De maneira nenhuma os estudos sobre Gulnara e suas traduções se esgotam nesta dissertação; espera-se que mais pessoas se interessem por ela e pesquisem sobre suas traduções ou sobre outras mulheres que foram citadas em estudos anteriores.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. E. dos Santos. **Tradutoras brasileiras dos séculos XIX e XX**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 191, 2016.
- AMORIM, S. M. de. **Em busca de um Tempo Perdido**: Edição de literatura traduzida pela Editora Globo (1930 - 1950). São Paulo: Edusp; Com-arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2000.
- ARROYO, L. **Literatura Infantil Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- AZEVEDO, C. L.; CAMARGOS, M. M. R.; SACCHETTA, V. **Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- BELTRAMIN, A. O. dos Santos. **Representações de mulher na Coleção Menina e Moça e em *best sellers juvenis contemporâneos***: a formação de leitoras mirins. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 265. 2013.
- BIBLIOTECA Pública do Paraná. Disponível em: <http://www.pergamum.bpp.pr.gov.br/biblioteca/index.php>. Acesso em: 22 mai. 2022.
- BIGNOTTO, C. C. **Figuras de autor, figuras de editor**: as práticas editoriais de Monteiro Lobato. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BOTTMANN, D.; KARAM, S. A Coleção Amarela da Livraria do Globo (1931-1956). **Tradterm**, [S. l.], v. 30, p. 159-188, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/141829>. Acesso em: 7 mai. 2023.
- BOTTMANN, D. Lev Tolstoi no Brasil, 1900 – 1950. **Não gosto de plágio**, 2016. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2016/07/lev-tolstoi-no-brasil-1900-1950.html>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- BOTTMANN, D. Raposices e chacalices. **Não gosto de plágio**, 2009. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/2009/03/raposices-e-chacalices.html>. Acesso em: 1 fev. 2024.
- BRAGANÇA, A. (org.). **Rei do livro**: Francisco Alves na história do livro e da leitura no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói: Lihed/UFF, 2016.
- BRASIL. Biblioteca Universitária BU/UFSC. Disponível em: <https://pergamum.ufsc.br>. Acesso em: 25 mai. 2022.
- BRASIL. Catálogo das bibliotecas da UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bibliotecas/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. EDITORA SARAIVA. EDITORA SARAIVA (São Paulo). **Carta à Livraria José Olympio Editora sobre direitos em relação às traduções de Gulnara Lobato Pereira**. São Paulo: [s.n.], 1980. 01 doc. (01p.). Localização: Manuscritos - 81,05,01 nº 124.

BRASIL. Portal de busca integrada da USP. Disponível em: <https://www.buscaintegrada.usp.br/>. Acesso em: 30 jun. 2022.

BRASIL. Sistemas de bibliotecas da UFMG. Disponível em: <https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Sistemas de bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://acervus.unicamp.br>. Acesso em: 25. mai. 2022.

BRASIL. Sistemas de bibliotecas da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://app.uff.br/pergamum/catalogo/biblioteca/index.php>. Acesso em: 30 mai. 2022.

BRASIL. Sistemas de bibliotecas Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://acervo.ufpr.br>. Acesso em: 25. mai. 2022.

CAMARGOS, M. **Juca e Joyce**: memórias da neta de Monteiro Lobato. São Paulo: Moderna, 2007. (Série Imagem & texto). Depoimento de Joyce Campos Kornbluh a Marcia Camargos.

COLEÇÃO Ricardo Monteiro Lobato. **Museu Monteiro Lobato**. Disponível em: https://taubate.sp.gov.br/museummonteirolobato/acervo/iconoteca/?view_mode=cards&perpage=12&paged=1&order=ASC&orderby=meta_value&metakey=19&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_47&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=29&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN_ Acesso em: 20 jul. 2023.

CORREIA, A. M. Antonio Olavo Pereira: um estilizador sóbrio e intenso de dramas familiares. **São Paulo Review**. Disponível em: <http://saopauloreview.com.br/antonio-olavo-pereira-um-estilizador-sobrio-e-intenso-de-dramas-familiares/>. Acesso em: 30 jul. 2023.

D'ONOFRIO, S. C. T. **Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)**. Dissertação (Mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras) - Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

EL FAR, A. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 2006.

EL FAR, A. **Páginas de sensação**: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870 – 1924). São Paulo; Companhia das Letras, 2004.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). Disponível em:
https://acervo.bn.gov.br/sophia_web. Acesso em: 11 ago. 2023.

HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. 3.ed., 1 reimpr. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HAMILTON, N. **How to do biography**: A Primer. Cambridge, Massachusetts, London, England; Harvard University Press, 2008.

HATHI TRUST DIGITAL LIBRARY. **A Provisional Bibliography of United States Books Translated into Portuguese**. Washington, 1957. Disponível em:
<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015023470555&view=1up&seq=120&skinn=2021&q1=gulnara>. Acesso em: 20 ago. 2022.

KOSHIYAMA, A. M. **Monteiro Lobato**: intelectual, empresário, editor. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo; Editora Ática, 2019.

LAJOLO, M. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.

LOBATO, C. M. As mulheres da vida de Lobato. **Lobatocomvc**. Disponível em:
<https://www.lobato.com.vc/2022/03/as-mulheres-da-vida-de-lobato/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

LOBATO, M. **Prefácios e entrevistas**. São Paulo: Globo, 2009.

MALUF, M.; MOTT, M. L. Recônditos no mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**: Da Belle Époque à Era do rádio. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

MARTINS, M. R. Monteiro Lobato e os Estados Unidos: espectador, leitor, tradutor. **Revista USP**, [S. l.], n. 112, p. 19-28, 2017. Disponível em:
<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/129725>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MARTINS, M. R. O editor Monteiro Lobato e a ficção brasileira dos anos 1920. In: SIEBER, C.; MILTON, J.; SANTANA-DEZMANN, V. (Org.). **Monteiro Lobato: homem e livros**. Lünen - Alemanha: Oxalá Editora, p. 97-106, 2020.

MARTINS, M. R. O livro brasileiro nos anos 1920: aspectos gráficos e atuação dos escritores. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 29, n. 1, p. 218-236, 2020. Disponível em:
https://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15614. Acesso em: 10 jan. 2024.

MICELI, S. **Intelectuais à brasileira**. 1.ed. 4 reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA DO NASCIMENTO, M. V. Sobre a história da literatura e o silenciamento feminino: questões de crítica literária e de gênero. **Historiæ**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 283–301, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/5418>. Acesso em: 3 jan. 2024.

OLIVEIRA, M. C. C. de. **A cleptomania do tradutor: a tradução no Brasil na década de 40 do século XX**. 2008. Disponível em: <https://historiografiadatraducaobr.blogspot.com/2016/01/a-traducao-na-decada-de-1940.html>. Acesso em: 10 ago. 2023.

OLIVEIRA, M. C. C. Tradução & gênero: tradutoras brasileiras das décadas de 1930 e 1940. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. **Tradução e perspectiva teóricas e práticas**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PAES, J. P. **Tradução a ponte necessária**: aspectos e problemas da arte de traduzir. São Paulo: Ática, 1990.

PEREIRA, G. L. M.; Falam os Tradutores. **A manhã**. Rio de Janeiro, 11 ago. 1946, Letras e Artes, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=114774&pagfis=102>. Acesso em: 24 ago. 2023.

PEREIRA, G. L. M.; PEREIRA, A. O. Entrevista de Gunara Moraes Lobato Pereira e Antônio Olavo Pereira parte 1/2] at. [Entrevista concedida a] Marisa Lajolo e Nilce Santana Martins. **Museu da Imagem e do Som**, São Paulo, 4 out. 1982. Disponível em: <https://acervo.mis-sp.org.br/audio/entrevista-de-gunara-moraes-lobato-pereira-e-antonio-olavo-pereira-parte-12>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PEREIRA, L. M. L. Reflexões sobre história de vida, biografias e autobiografias. **História Oral**, [S. l.], v. 3, 2009. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/26>. Acesso em: 10 nov. 2023.

PINHEIRO, A. S. Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário. **I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <https://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br>. Acesso em: 10 abr. 2023.

PRIORE, M. Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 8. reimpr São Paulo, Editora Contexto, 2022.

PRIORE, M. Del. Biografia: quando o individuo encontra a história. **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/topoi/a/wjzgxRYmBc577pm4QqVfDtb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2023.

QUEM SOMOS. **Berlendis & Vertecchia**. Disponível em: <https://www.berlendis.com/editora.aspx>. Acesso em: 20 jan. 2024.

RODRIGUES, F. S.; OLIVEIRA, M. C. C. de. Mulheres tradutoras das décadas de 30 e 40 do século XX. **Principia: Caminhos da Iniciação Científica**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 9, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/principia/article/view/29853>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SABINO, F. Dito e feito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 nov. 1985. Primeiro caderno, nº 93.31. 104 e 105.

SANTOS, S. M. dos. Os escritores e a tradução na Editora Globo entre as décadas de 1930 e 1960. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 105-115, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/11457>. Acesso em: 5 mai. 2023.

SHUBERT, A. What do historians really think about biography?. **Letras de Hoje**, [S. l.], v. 53, n. 2, p. 196–202, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/31498>. Acesso em: 10 dez. 2023.

SIMON, S. **Gender in Translation**. London: Routledge, 1996.

SILVA, M. C. da. A Coleção Menina e Moça: entre o bom comportamento moral e a formação do gosto literário. **Currículo sem fronteira**, Brasil, v. 10, n.2, p. 91-105, Jul/Dez. 2010. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/a-colecao-menina-e-moca-entre-o-bom-comportamento-moral-e-a-formacao-do-gosto-literario>. Acesso em: 12 jun. 2023.

SORÁ, G. **Brasilianas**: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com – Arte, 2010.

TOLEDO, M. R. de A. A Companhia Editora Nacional e a política de editar coleções: entre a formação do leitor e o mercado de livros. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

TORRESINI, E. R. **Editora Globo**: Uma aventura editorial nos anos de 1930 e 1940. 2. ed. São Paulo: EDUSP/ Com-Arte, 2021.

TORRESINI, E. W. R. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

TRADUÇÕES e adaptações. **Monteiro Lobato**. Disponível em: <https://monteirolobato.com/obras-de-lobato/traducoes-e-adaptacoes/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

VERISSIMO, E. **Um certo Henrique Bertaso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VILLAÇA, A. C. **José Olympio**: o descobridor de escritores. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2001.

WYLER, L. **Línguas, poetas e bacharéis**: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TODOS AS REFERÊNCIAS PERTENCENTES AO: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira.

PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. Tremembé, 14 jan. 1946. 1 carta.

PEREIRA, G. L. M. [recibo]. Destinatário: José Olympio Editora. São Paulo, 5 fev. 1942. 1 recibo.

QUERIDA Gulnara, [Correspondência]. Destinatário: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro, 13 maio. 1976. 1 carta.

PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: Antônio Olavo Pereira. São Paulo, 14 maio. 1954. 1 carta.

PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. São Paulo, 10 set. 1963. 1 carta.

NOSSA Senhora do Retiro no Cenáculo. [Correspondência]. Destinatário: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro, 21 set. 1976. 1 carta.

PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. São Paulo, 27 nov. 1985. 1 carta.

PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. Tremembé, 28 nov. 1946. 1 carta.

PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: Jornal A Folha de São Paulo. São Paulo, 03 dez. 1985. 1 carta.

ANEXO 1 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 100-103, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição ou no documento consultado. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959), salvo indicação em contrário.]

3,4,1943

Gulnara:

Recebi sua carta de 31 e a conta. Fica V. creditada em 140\$ que terá quando vier. Não vale a pena mandar pelo banco. Também recebi a carta sobre as comidas do Silva Melo. Vá lendo sem pressa e assimilando, porque é o resultado de 30 anos de observação dum homem inteligente². Acho bom que venha quando aprontar o livro, para conversarmos sobre uma tradução grande que peguei e não quero fazer porque estou muito ocupado com os meus negócios da Argentina e posso passar para você. Trata-se duma obra em espanhol em 9 volumes³, de muitas gravuras e pouco texto - um total de 1300 págs, com 650 palavras cada uma. Tenho de entregar isso em 3 meses e pois sou forçado a distribuir o trabalho, fazendo eu apenas a revisão. O preço é 10\$, e espanhol é mais fácil do que inglês; mas há umas exigências cacetes, quanto a linhas, comprimento de linhas, etc. coisas, que só podem ser explicadas de viva voz.

Jeep não tem correspondência em português por tratar-se de coisa nova, criada agora; os próprios americanos batizaram-no com uma palavra nova, de criação uma soldadesca. Conserve o *jeep* entre aspas. E *releasing cord* pode traduzir como e o *harness* como ... Deixo em branco os espaços para botar as palavras a lápis, depois que o Charles da Livraria Civilização me der os termos técnicos adotados aqui. Ele é pára-quedista. Passarei por lá e verei.

² Refere-se a "Alimentação, Instinto e Cultura", do Professor Silva Melo, editado pela Livraria José Olímpio Editôra.

³ "O Mundo Pitoresco", editado pela Casa Jackson.

O Samuel⁴ convidou-me para jantar terça-feira, e lá me contaram as graças do Rodrigo⁵. Vi as ampliações das fotos tomadas dêle com o petiço. Uma está ótima. É bom que o Rodrigo admita que o Edgard está pescando com os anjinhos. A idéia é consoladora. Por falar em Rodrigo, incluo aqui um pedaço de página que salvei dum PICAPAU AMARELO que estive adaptando para a Argentina. Como lá não vai aparecer êsse trecho (que só a nós interessa), mando-o como recordação duma passagenzinha dêle que já anda esquecida.

No dia seguinte ao jantar samuelino êle telefonou-me para aparecer em seu escritório, e mostrou-me um tremendo Webster recém-recebido, última palavra no gênero mastodonte e que vai me oferecer quando estiver pronta a mesinha. Como o que prometeu a você, ficam dois na família. Não cultivo tristezas porque não vale a pena. Edgard não morreu. Foi "promovido" do estado sólido, que é estúpido, para o gasoso, muito mais interessante - e a estas horas há de estar lamentando a tolice dos que o choram. Obtive dêle, por intermédio duma médium particular, uma comunicação muito interessante e certa, que te mostrarei aqui.

Trabalho não te faltará. Se o Neves⁶ não tiver coisa melhor, você pegará o do Jackson - e por três meses estará garantida. Fazendo 10 páginas por dia, dêsses livros espanhóis, você produzirá 300 por mês - ou sejam 3 contos. E atrás dêsses trabalhos virão outros e tudo correrá pelo melhor no melhor dos mundos possíveis. O tudo é que não haja doenças - e para evitá-las está aí o Silva Melo com a sua ciência de comer quanta porcaria há no mundo.

Meus livros na Argentina vão de vento em pôpa. Já há 10 traduzidos, e os editôres querem traduzir e dar os 26 contratados ainda êste ano. Como vão as coisas, creio que em 944 poderei realizar o meu sonho: ir para lá, e de lá empreender uma sossegada viagem pelo Pacífico, Andes acima até o México, uma viagem sem pressa, parando em cada cidade o tempo que quiser - até enjoar e vendo sempre novas caras. As daqui já as conheço demais.

⁴ Samuel Ribeiro.

⁵ Filho de Gulnara, e neto de Monteiro Lobato.

⁶ Artur Neves, então revisor da Companhia Editôra Nacional

Escreva ao Neves sobre mais tradução e reclame o novo livro da Dupré⁷ e a História da Grécia. Ou fica para reclamá-los quando vier. O 1.º vol. da Grécia já está nas livrarias.

Aqui em casa tudo bem. Purezinha já melhorou muito dos desesperos, e atribuo isso a efeito não confessado da comunicação espírita. Rute e a gata na mesma de sempre. D. Nenê foi para o asilo. Jurandir pinta. A Joyce aprende francês - e só. A família está tão reduzida que cabe em duas linhas.

Adeus. Coragem, alegria, trabalho - e deixe correr o marfim. Tudo cicatriza, tudo se conserta - e tudo continua. Mas é preciso que haja saúde. Você viu por experiência própria a desgraça imensa que é falta de saúde. Adeus. Lembranças a Teca. O resto fica para aqui.

Do tio

JUCA

⁷ Madame Leandro Dupré, que acabara de publicar "Éramos Seis."

ANEXO 2 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 105, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição ou no documento consultado. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959), salvo indicação em contrário.]

S. Paulo, 30,8,1943

Gulnara:

Recebi a carta e fiquei sabendo da encrenca havida. Que maçada, hein? Enquanto há saúde, tudo se arruma; mas quando começam as doenças ... ando cansado de ver doenças na Família - a do Guilherme, a do Edgard, a do Heitor, e você agora com essa porcaria de sarampo misterioso ... Livre-se logo disso. Varra com êle. Diga-lhe que não tem graça nenhuma isso de andar dando em gente grande.

Mas como pela carta também fiquei sabendo que já está em convalescença, animo-me um pouco mais. O clima é bom, há sossêgo, e você tem Teca como enfermeira. Tôdas as condições de cura estão reunidas, inclusive a moral - a saúde do Rodrigo.

Quanto à tradução, o melhor é que me mande já o volume quase completo - nós completamos aqui, a Rute faz isso. Fica faltando o último, e êsse V. decidirá se pode ou não traduzir, e em caso afirmativo quando pode entregá-lo. Se não tiver ânimo, diga e também me devolva êsse último volume. No caso do Hugo o melhor é V., quando sarar, traduzir um capítulo e ver quanto tempo leva - e então com base nisso discutirei o preço na Editôra.

Bom, é o que há, por hoje, e aqui fico à espera de notícias melhores inclusive a do completo restabelecimento.

Do tio

JUCA

ANEXO 3 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 109-111, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

S. P. 7,10,1943

Gulnara:

Grande prazer nos deu aqui sua carta de 5, tão cheia de boas notícias quanto à melhora da saúde e os progressos do pimpolho. Vai êle virando gente e breve estará teu companheiro. A mim me agradou a carta por uma razão especialíssima: o estar muito bem feita, com tôdas as qualidades de estilo e desembaraço indispensáveis em que vai fazer vida, ou ganhá-la, com a arte de escrever E como você me atribui parte do sucesso, como professor prático que fui, dou-me os parabéns, porque ter uma discípula que entusiasma o mestre é a maior das recompensas e consôlo. Mas agradeça os dons ao Heitor, que foi quem te legou os jeitinhos que são o segredo de tudo. Sem essas qualidades inatas, ninguém faz nada nesse campo, por mais professôres que tenha. E vou mostrar essa carta ao Artur e ao Edgard Cavalheiro para que êles te tenham em alta consideração "como escritora" e te procurem quando quiserem boas traduções. Ligada assim às três maiores casas editôras do país, você terá sempre serviço bem pago e conveniente. Quando comparo o que ganha uma moça que tem "ótimo ordenado", com o que pode ganhar uma tradutora diligente, acho que tôdas as vantagens pendem para esta. Não está sujeita a prisão, ou a horários, pode residir onde lhe der na veneta. Ganha mais do que qualquer secretária. E beneficia-se com um lucro imaterial, mas valiosíssimo, que é o do nome que vai fazendo. Quantos mais livros aparecerem com teu nome como tradutora, mais pontos sobe você na bolsa das Cotações dos Valores Não-Materiais, e dum ponto em diante isso começa a *capitalizar-se*, isto é, a render. Falo com absoluto conhecimento da matéria. Persista e aplique-se e aperfeiçoe-se sempre em estilo que as vantagens são enormes. Ótimo que pegue o lote de George Sand. *Mulheres por mulheres sejam*

traduzidas. E o conselho último que dou é que nunca relaxe o serviço. *Faça sempre o melhor que possa*. No fim dêsse caminho é que fica a estação Triunfo.

Muito curioso o que me conta do *Raymond*. Vá tomando nota de tudo. Talvez venha revelação de valor – mas não abuse do espiritismo. Use mas não abuse. O uso e o abuso só é permitido no Mate Leão.

Antes do *Raymond* eu traduzi o "Rumo às Estrêlas" do Bradley, que é interessantíssimo. Conhece-o? Lá se ensina a boa técnica do Valentine, o grande médium.

Seria interessantíssimo pegar alguma manifestação do Edgard, do Guilherme e do Heitor – de gente de casa, identificável. Tente isso. E nunca deixe de escrever o relato fiel de tudo. Pode dar até livro.

Estou só em casa. Meu povo está às voltas com dois enterros - a mãe da Aldinha e a Sílvia Caldas.

O Artur recebeu o Hugo.

E que mais? O Jubileu... Ainda vai haver muita coisa, mas só depois que sair a grande edição do Jubileu – o Ônibus. E Taubaté acordou e andam lá planejando coisas. Consultaram-me que homenagem eu queria do Vale do Paraíba. "Que dêem o meu nome a um dos peixinhos dêsse rio", foi a resposta, por sugestão da Emília.

Pela Judite temos às vezes notícias daí, mas "imprecisas" e pouco "fidedignas."

Vou mandar para o Rodrigo "Fábulas", edição recente. Muito depressa estará êle lendo o vovô e entendendo. Ele tem por quem puxar.

Bom. Adeus. Lembranças dos ausentes e um abraço do

Tio

JUCA

ANEXO 4 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 111-113, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

[Ano atribuído pelo organizador da obra através de uma nota de rodapé.]

Gulnara:⁸

Recebi sua carta e segue a ordem pelo Banco Comercial.

O seu caso e o do Rodrigo terão feliz andamento, se você tiver o ânimo de ler dois livros que vou mandar, nos quais está tôda a sabedoria da vida sôbre como se deve viver. Um sôbre a alimentação - é dum grande médico brasileiro, Silva Melo, o que salvou o Fontoura da faca dos operadores (e da cova) apenas com a prescrição dum regime alimentar. O outro é americano. Se eu tivesse conhecido essas obras no comêço da minha vida, estaria ainda novo - e com o Guilherme e o Edgard vivos. Nós envelhecemos antes do tempo e morremos prematuramente só por estupidez - a estupidez da ignorância. Silva Melo levou a meditar o seu livro e a escrevê-lo durante 30 anos. E o tipo do sábio verdadeiro, porque há os sábios falsos, numerosíssimos.

Com o clima daí, a vida perto da natureza, a ausência dos venenos urbanos daqui, você e Rodrigo logo restauram a saúde e se habilitam a morrer centenários - caso V. leia o Silva Melo e lhe siga a filosofia alimentar. O segredo de tudo está em seguir as indicações do instinto e fugir do afastamento da natureza. O livro ensina isso. Eu resumo a teoria nestas palavras: *Comer o máximo possível de coisas cruas e vivas*. Por que é que um boi é tão forte e vive sem doenças, comendo só capim? Porque come o *capim vivo*, e há segredos ainda não descobertos na alimentação viva. Uma criança se desenvolve maravilhosamente ao peito da mãe porque ingere *leite vivo*. Um dia a ciência há de demonstrar que aquêle mesmo leite, depois que sai do seio e esfria, já não é a mesma coisa - já está morto. E mostrará que a fruta comida

⁸ Escrita em 1943.

debaixo da árvore é coisa muito diferente da fruta amanhecida e conservada na geladeira.

O mal da humanidade de hoje está em comer coisas mortas ou por terem passado pelo fogo ou mortas por demora de ingestão. Quem come cru e na hora, come as coisas ainda vivas - come vida - e não adoece e vive um século.

A ciência já descobriu as vitaminas. Quer dizer que está se aproximando da minha teoria. Mas há de descobrir mais coisas e por fim se convencerá que o segredo da vida é *alimentar-se de vida*. E então todos nós verificaremos o tremendo erro que é alimentar-nos quase exclusivamente com coisas mortas - frutas amanhecidas, leite que já não tem o calor-vida da vaca, e mil coisas que ou passam pelo fogo destruidor ou se destroem da mesma maneira no frio artificial das geladeiras.

Não pense em doenças. Crie Rodrigo como um animalzinho e trabalhe. Absorva-se. Alimentação viva e trabalho vocacional (isto é, o que nos dá prazer): essa é a única fórmula de felicidade biológica, da felicidade pessoal e felicidade social.

Ponha-se a traduzir, sem forçar a mão. Vá indo progressivamente. Comece com 5 páginas diárias, sempre à mesma hora para treinar o hábito, e vá subindo.

Pare quando o instinto cego lá dentro de você disser que é hora de parar - e ele diz isso sob forma de comêço de cansaço.

Dei à Rute os cartões e telegramas para a decifração.

Não mostrei sua carta à Purezinha para não agravar a aflição do aflito. Lá na editôra cuidarei de obter novas traduções - você não perca o pé na José Olímpio.

Andar a dois carrinhos é sábio.

Bom. É só. Vou sair para mandar a ordem.

Lembranças à Teca.

Do tio

JUCA

ANEXO 5 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 116-119, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

S. Paulo, 22, 10, 1943

Gulnara:

Grandes coisas contas. O Edgard revelado está bem consoante com o Edgard daqui - sempre céptico. E acho que o Nirvana é o verdadeiro clima dêle. Vá tomando nota de tudo. Quem sabe se o que você anda fazendo aí não é uma grande coisa? A gente nunca sabe. E o Hernâni também aparece? Bom Hernâni! Todos os dias me lembro dêle, porque há um cobrador do meu ônibus que é êle escarrado. O Guilherme, segundo tôdas as revelações, que em várias épocas me chegaram ao conhecimento, parece que está um graudinho lá do outro lado. É um "espírito de luz", diz a mulher do Moacir; e ela conta que todos os anos, em dia de aniversário de sua morte, êle aparece nas sessões do Moacir e faz uma prédica. Fui ouvi-lo êste ano. A mesma xaropada indigesta e sem sentido de tôdas as comunicações dadas por intermédio do Moacir.

Há médiuns que me lembram os péssimos tradutores, que reduzem o texto dos autores a uma salada absolutamente sem sentido. Todo médium é um tradutor, e assim como há os bons, como o Valentine que você vai conhecer no livro do Bradley⁹, há os infamérrimos. Ontem estive na livraria e dei ordem para a remessa para aí dum RUMO ÀS ESTRÊLAS. É de todos os livros espíritas que conheço, o mais interessante, como você verá. Veja se alguns daqueles camaradas que apareciam para o Valentine também se manifestam aí. Guilherme não era muito comunicativo em vida; e conserva-se assim no "au-de-lá." Mas aí com você quem é o médium? A Patinha?

O caso do Rodrigo nos assustou, e Purezinha soube agir com uma prontidão espantosa. Recebeu o telefonema, saiu, apesar de ser domingo, descobriu o remédio

⁹ "Rumo às estrêlas", traduzido por Monteiro Lobato, e editado pela Companhia Editôra Nacional.

pedido, e fêz que seguisse pelo 1.º trem. Purezinha é de admirável energia e diligência nas ocasiões de apuros. Ela gostou muito do retratinho - diz que está falando, e está realmente ótimo. Dificilmente êle terá outra fotografia melhor.

O plano da biblioteca-sítio é maravilhoso,¹⁰ e faz aos adultos e velhos lamentarem-se de não ser crianças de agora. As crianças de meu tempo nada tinham para ler. *Eu lia e relia dois ou três livros que eram os únicos existentes - um Menino Verde, um João Felpudo e um Robinson.*

Vou indagar da Royal e ver o que podes fazer. E bom que tenhas uma máquina de confiança e agüentadeira, porque irás ter sempre muito o que fazer com ela. O Artur vai sair da Editôra para dirigir uma Editorial e não está decidido ainda quem o vai substituir. Eu sinto muito, porque era um excelente rapaz e muito amigo.

Diga a êsse animal primo de Alberico¹¹ que eu não tenho casa editôra e portanto nada tenho com traduções. Como êsses diabos me amolam!

Já mandei os retratos pedidos, faço edições de minha cara, como faço edições de livros. Do último retrato tirei uma edição Fotolítica de 1000 exemplares. Não há como ter-se uma cara bonita!

O Olavo¹² é um excelente rapaz – uma das melhores coisas que andou lá pelos Campos do Jordão. Em geral quem era amigo do Edgard prestava. Ele era sincero e inimigo de gente de mau caráter. E o Guilherme, idem. Dá lembranças minhas a êle.

E adeus. Minha correspondência é enorme. Todos os dias, quatro, cinco, seis cartas. E com o tal de Jubileu, anda a aumentar.

Adeus

JUCA

¹⁰ Idéia de Urbano Pereira, que pretendia erguer em Taubaté uma original biblioteca infantil que lembrasse, no seu conjunto, o Sítio do Picapau Amarelo.

¹¹ Alberico Guimarães.

¹² Antônio Olavo Pereira, com quem Gulnara se casaria.

ANEXO 6 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 126-127, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).] [Data atribuída pelo organizador através de uma nota de rodapé.]

Gulnara:¹³

Recebi 10, tua carta - e ontem me chegou o volume do "Mundo Pitoresco" devolvido. Muito bem. Se está com o organismo abalado, o que tem a fazer é sarar, e o meio de sarar é o repouso sem preocupações na cabeça. Sare e depois conversaremos sobre traduções. Poderei arranjar as da Globo de Pôrto Alegre, bem pagas. Inda agora recusei uma a 15 cruzeiros a página - e podê-la-ia arranjar para você, se V. estivesse em condições. Portanto, mantenha-me ao par do seu estado de saúde e dos projetos.

Só ontem pude mandar os 1.500 cruzeiros pelo Banco Comercial. Ainda não recebi nada do Jackson. Só vou cobrá-lo depois de entregue todo o serviço - e felizmente falta apenas o volume que V. devolveu.

Talvez o Rodrigo haja herdado a musicalidade do Heitor. Eu que não lhe transmiti nada disso - Nasci um cavalo para a música - e 60 anos de vida na terra só serviram para acentuar a cavalência.

Sabe quem vai traduzir o tal volume de resto? Eu mesmo, porque se o dou a alguém a coisa pode eternizar-se e fico no ora e veja dos cobres. Na minha mecânica de 100 quilômetros por hora em 8 dias dou conta do volume.

Bom. Chega de prosa. Mil cuidados para a saúde, que é o grande bem da vida. Sem ela, nada, absolutamente nada vale um caracol. Ninguém aprendeu isso melhor que eu, com as terríveis experiências da família.

Adeus. Lembranças a Teca e ao galante neto.

Do tio

JUCA

¹³ Provavelmente de 1944.

ANEXO 7 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 149-151, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

[Data atribuída através de nota de rodapé. Acredita-se ser do ano de 1945, pois foi em setembro daquele ano que Lobato realizou uma cirurgia.]

Gulnara:¹⁴

Vim hoje para a máquina, mas sem saber se agüento até o fim. Isto de convalescer é ressuscitar. Tem que ir por partes. Uma como re-educação para a vida.

Recebi sua carta no Santa Rita¹⁵ Minha doença é rara: Cisto (ou quisto) no pulmão. Diz o médico que é congênito, mas à fôrça de tanto tossir pela vida em fora êle foi crescendo. A radiografia que o revelou mostra os contornos duma grande manga coração-de-boi - conhece? Contornos perfeitamente curvos, sinal de ar comprimido lá dentro. A radiografia tirada dias depois da operação mostra-o como uma fruta que vai murchando, encolhendo; os contornos curvos desaparecem, substituídos por uma linha irregular, como no desenho. E que a punção fêz cessar a pressão de ar do interior.

Bom. Era êsse cisto o que eu tinha e me ia cada vez mais diminuindo a capacidade respiratória do pulmão. Quanto mais êle crescia, mais me comprimia e me diminuia o pulmão. Daí o cansaço excessivo, a dispnéia depois de qualquer esforço sobretudo tosse.

Felizmente o médico que procurei radiografou e imediatamente viu o que eu tinha. Um anterior não havia enxergado coisa nenhuma. Jairo Ramos, é o meu médico. Excelente.

Para fazer a punção, porém, havia uma preliminar: verificar se eu tinha a pleura colada ou aderida ao pulmão. Se tivesse pleura sôlta, não podia fazer-se a punção,

¹⁴ Lobato fêz a operação descrita na carta supra em setembro de 1945.

¹⁵ Hospital Santa Rita.

porque pelo furinho que a sonda faria na pleura entraria ar e formar-se-ia um pneumotórax. A verificação da aderência da pleura foi feita por meio duma abertura profunda e corte de 10 centímetros duma costela. A pleura estava semi-aderida. Eles fizeram lá uma compressão durante 5 dias para completar a aderência e só então puncionaram. O ar chiou quando o punctur furou o cisto! E foi colocada uma sonda de borracha, um canudinho de 3 milímetros de diâmetro – e tenho de ficar com a extremidade da sonda para fora até que com o passar dos meses – cinco ou seis – a coisa lá por dentro se reacomode e o pulmão vitorioso volte a ocupar o espaço que o cisto intruso lhe tomou. Não há tratamento nenhum. E coisa que fica entregue às misteriosas técnicas do nosso organismo.

Sarei imediatamente da dispnéia, que já estava um horror, e hoje, 17 dias depois da punção, sinto-me regularmente bem disposto. Já foi uma grande coisa livrar-me da dispnéia; e se o pulmão aumentar um bocado que seja da sua capacidade respiratória, já está ótimo.

Eis, cara Gulnara, a misteriosa doença que cada um conta dum jeito, todos errados. Pergunte a Judite como é a coisa e você há de rir-se.

Quase caí na penicilina, porque há dias atrás apareceu um bocado de febre; mas cedeu com a sulfa.

Lá no hospital chegaram ainda não azedas, umas jabuticabas vindas daí e umas bolachinhas da Teca. Foi milagre da Judite, porque (dizem) jabuticabas mandadas pela Central os empregados as chupam já na estação de despacho, "porque não chega mesmo, por que perder isto?" Agradeça à Teca as bolachinhas.

Também recebi lá uns bolinhos de polvilho feitos pela D. Heloísa, e o Samuel levou sua bondade a ponto de me aparecer com uma dúzia de ovos frescos lá da sua chácara Lero-Lero.

Bom, Gulnara. Já dei notícias minhas e espero que o Olavo me traga pessoalmente as daí. Sei que tudo vai bem - e não há razão para que não continue a ser assim.

Adeus. Vou agora desenhar o cisto...

Do tio

JUCA

ANEXO 8 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 157-159, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

S. P. 8, 1, 1946

Gulnara:

Chegaram as cartas. Admirei-me do belo estilo do Rodrigo. Começou cedo. Está positivamente escritor ... E não podia ser de outro modo, pois tem muita gente por quem puxar. Estou sócio da Livraria Brasiliense e pois tem o neto uma casa editôra às ordens.

Vocês talvez não saibam, mas vivem num éden, em comparação com êste tumulto aqui. Nunca S. Paulo esteve tão incômodo, tão cheio, tão caro, tão bêsta. Se eu não fôsse uma árvore presa ao solo por mil raízes, mudava-me - mas como transplantar uma jabuticabeira velha?

A saúde voltou para a casa, depois da ameaça que fez o ano passado de despertar para sempre. Mas foi simples amuo. Sarei completamente. Ando comendo como dois frades e bastante serelepe. Às vezes até me esqueço de que passei dos sessenta... e há muito tempo... Ando a vadiar como um amanuense aposentado. Único serviço: rever provas das Obras Completas. E quando estou sem provas, pinto aquarelas. Nunca as pinteí tanto – não noto o menor progresso. Tal qual no xadrez. Quem não nasceu com o dom, chega até certo ponto e pára. Não vai por diante. E ainda há uns projetos na sacola: uma ida à Bahia, por amor aos cocos, e outras besteirinhas. Em suma, vivo – coisa de alguma importância para quem esteve ameaçado de morte. Os demais da casa, ótimos como sempre.

De espiritismo, nada. Meus médiuns aqui de casa fizeram greve contra o copo, e tive de parar com aquelas sessõezinhas tão interessantes. Não sei se você viu meu *compte-rendu*, mas é a coisa mais probante e convincente que possa existir - sobretudo para mim, que tomei as notas e mantive os meus receptores de olhos fechados. A hipótese de telepatia do subconsciente fica assim afastada, porque ainda

que haja transmissão de cérebro a cérebro, sem que a gente perceba, como essa transmissão pode ser grafada se a comunicação visual do médium com o alfabeto está interrompida?

Vou ver na Livraria Allan Kardec se há o tal livro que tanto te entusiasmou. Dada a tua inteligência e bom senso crítico, deve ser coisa séria. Mas o título realmente estraga-o. O que me enjoa nas obras espíritas é a eterna mistura de religião com metapsíquica. Outra razão para que preze ainda mais meu *compte-rendu*, porque os espíritos que se manifestaram em nosso copo devem ser todos ateus, ou cépticos da melhor marca. Não se lamentam, não fazem sermões – e por isso os aturei tanto tempo.

Não sei por que o Olavo não aparece por aqui em suas vindas a S. Paulo. Se êle soubesse como lhe queremos bem, não faltaria nunca. Passe-lhe um pito.

Quando Rodrigo estiver no ponto, quero que se divirta com o pessoalzinho do Picapau Amarelo. Para isso estou lhe reservando aqui uma coleção completa dos meus livros. Mas ainda é cedo. E êle poderá lê-los também em espanhol, pois já tenho quase todos impressos em Buenos Aires, com desenhos novos e muito boa apresentação. Para abrir-lhe o apetite, mando umas capas dos Hércules.¹⁶

Como vão as mangas? Ontem recebi uma caixa lá da Fazenda Chapadão, em Campinas. Sou para mangas como macaco é para bananas, e ontem tirei uma prova decisiva. Tomei meio litro de leite às 11 da noite e chupei 5 mangas, sendo umas delas coração-de-boi, e acordei esta manhã perfeitamente vivo.

Adeus. Muitas saudades à Teca e ao Olavo e um beijo ao neto.

Do amigo

LOBATO

¹⁶ “Os Doze Trabalhos de Hércules.”

ANEXO 9 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 179-180, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

[Carta sem indicação de data ou notas de rodapé, mas disposta no ano de 1946, entre as cartas de 24 de maio de 1946 e 02 de junho de 1946.]

Gulnara:

A velhice e os aborrecimentos andam a perturbar-me os miolos, de modo que ontem parece que eu disse a você, estúpidamente, uma porção de idiotices. Não me lembro de nada. Quando o Monstro Estupidez me empolga, quem fala é êle; e depois que êle se retira eu fico na situação do Moacir, que não sabe o que *espírito* fêz ou disse por intermédio dêle.

Mas o que a Estupidez disse devia ter sido coisas muito idiotas, porque o *aparelho*, apesar de não lembrar-se de nada, perdeu o sono, ouviu bater 3, 4, 5, horas da madrugada e passou o dia de hoje mal. O remédio é esta carta em que o aparelho se explique, se humilhe e te peça perdão do que sem querer fêz.

Só lamento que você e os outros não me hajam pôsto de lá para fora a pontapés – que era o que merecia um cretino da minha marca.

Compreenda e esqueça.

O tio varrido

JUCA

ANEXO 10 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 191-193, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

Buenos Aires, 7, 9, 1946

Gulnara:

Antes de partir para cá, mandei a V. uma carta de despedida, e em que falava do telefone. Não recebi resposta, nem sei se aí chegou. E daqui Purezinha tem mandado umas coisas para o Rodrigo. O ponchinho é uma moda do inverno muito corrente aqui. Nada mais engraçadinhas do que as crianças que nas manhãs de sol passeiam e brincam nos parques com os seus ponchitos. Rodrigo já está muito taludo para usá-lo - mas pode utilizar-se dêle num carnaval.

Nós aqui estamos num sossêgo infinito, gozando a ausência de filas e faltas duma coisa e outra. Eu me sinto tão bem que até me vêm remorsos de não estar, por solidariedade, sofrendo com a pobre gente do Brasil. Tôdas as cartas que recebemos trazem um trecho que parece saído da mesma fonte. "Aqui as coisas vão de mal a pior; agora falta mais isto e mais aquilo" – e a lamúria vai por aí além.

Vamos ter no dia 25 a "Semana Monteiro Lobato" no Harrods, que é um Mappin em ponto grande que há aqui, com exposição de todos os meus livros, cartazes, bonecos e representação de comédias extraídas dos livros. Essa semana vai repetir-se antes do Natal. E entre as duas semanas vamos ter a Exposição do Livro Brasileiro, promovida pela embaixada, de 20 de outubro a 20 de novembro, na qual o tal Lobato abafa a banca, pois se apresenta com 80 livros - as edições do Brasil e as traduções daqui e da Itália. Quer dizer que teu tio Juca entrou cá com o pé direito e vai indo muito bem.

Mas a grande delícia disto é ver-me (e a Purezinha também) livre de mil "Amigos" e penetras, e fãs, e admiradores, e parasitas de tôda ordem que já andavam abusando demais. Só os pedidos de prefácio ... Bem dizia o Maneco Lopes: "Livre-me Deus dos meus amigos, que dos inimigos me livrarei eu." Quanto a mim, tenho

uma gratidão imensa pelos meus inimigos, porque nunca me incomodaram - e já não posso dizer o mesmo dos amigos ...

Nunca consumimos tantas *mangerinas* como aqui e ótimas, como as do Rio, e sempre que descasco uma me vem a lembrança da chácara aí. Creio que só quando estive aí chupei tantas mangerinas como as tenho chupado aqui.

Uma coisa: por que vocês não botam no programa de vida um passeio a esta cidade, enquanto estamos aqui? Digo enquanto estamos aqui porque depois de 2 anos pretendo ir morar uns tempos no Chile, e ir subindo pela costa do Pacífico. A casa é grande, cabe um casal. O movimento de turistas daí para cá é crescente. A Calle Flórida que é a rua das compras elegantes, vive infestada de brasileiros. E rara é a semana em que não bate algum aqui em casa, apesar da dificuldade de descobrir meu endereço, pois qui não tenho telefone.

Bom, e como vai o Olavo? sempre firme? Rodrigo deve estar um *pibe* de bom tamanho e sabidíssimo. E Teca, naquela toadinha de sempre. Estou aqui, estou a ver essa sacra Família do Tinguá que teve a sorte de encontrar um refúgio donde assistir às calamidades que começam a desabar sôbre essa pátria sem jeito nem consêrto ...

Adeus, saudades à Teca e ao Olavo, do Tio

JUCA

ANEXO 11 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 226-227, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

S. Paulo, 30, 7, 1947

Gulnara:

Esta vai para saber notícias do clã, e também se o Rodrigo recebeu a coleção de livros que lhe mandei a tempo de chegar no dia de anos. Já há tempo de sobra para ter chegado, mesmo em se tratando de um correio tartaruga como o nosso.

A Joyce trouxe notícias da grande festa, e pintou-a com cores mágicas. A figurinha do Rodrigo aí entre vocês me faz lembrar certos meninos de literatura inglesa - o Little Lord Fountleroy, por exemplo. Que sairá dêle? E diz a Joyce que já está batendo seu papinho em inglês. Será ótimo que assimile o inglês de bem cedo. Ninguém mais vive sem essa língua.

Nós continuamos no ôlho da rua, e eu a pagar a imprevidência de não ter comprado casa. Agora devemos passar para um apartamento que o velho Caio Prado me ofereceu, em cima do 12.º andar do prédio onde funciona a Brasiliense, que é dêle. Mas será coisa provisória, por seis, oito meses, enquanto não acho casa. Já estou com o apartamento, mas a bagagem encrencou na alfândega de Santos.

A mania agora é a Palavra Cruzada. Rute e Marta palavraram na editôra a publicação de um livro com 100 problemas, e estão a organizá-los. A família não cuida de outra coisa – até Purezinha e até eu sempre que posso. É uma ocupação apaixonante.

E vocês aí? Que fazem e qual o programa?

Por que é que o Olavo não me procura quando vem a S. Paulo? Gosto tanto dêle, mas parece que êle não quer saber de mim...

Escrevi êste mês 20 livrinhos novos para um editor argentino, livrinhos de poucos textos e muito desenho colorido. Quer dizer que a galinha velha ainda põe

ovos - mas ovos pequenos - como acontece com as galinhas de penas quando vão ficando caducas.¹⁷

Adeus. Diga ao neto que me escreva quando receber a coleção. E muitas saudades a Teca.

Do tio

JUCA

¹⁷ São pequenas historietas que a Editorial Codex lançou em 1947. Livros de armar, na época novidade editorial. Eis alguns títulos: "*Uma Fada Moderna*", "*A Lampreia*", "*No Tempo de Nero*", "*A Casa da Emília*", "*O Centaurinho*", "*A Contagem dos Sacis*", etc.

ANEXO 12 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 240-242, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

S. P. 21, 11, 1947

Gulnara:

Veio a carta de 15. Rute, hoje a dona da casa, vai providenciar quanto à escrivaninha.

Ainda não tomei conhecimento da obra de Backer¹⁸, mas li sobre ela o livro do Zweig, e sei do enorme movimento que ela criou nos E.U.A. Mas aceito o que ela diz, porque estou convencido de que o espírito condiciona e molda o corpo. O corpo é um cavalo que o espírito faz para ter uma montaria em seu estágio terreno. Quando o cavalo se desgasta, fica muito lerdo, velho e perrengue, o espírito apeia - e é o que chamamos morte. Apeia e ou nunca mais monta, ou vai moldar outro cavalo, isto é, reencarnar-se. Mas se encontrar o livro da Backer, certo que o lerei. O movimento da Christian Science sempre me intrigou. Sabe que o melhor jornal dos E.U.A. é o dêles, em Boston? Onde encontrou você o livro dela?

Tenho ido tôdas as semanas a uma sessão muito interessante, e escrevi um prefácio a um livro espírita que vai aparecer... ¹⁹ Prefácio em que dou minhas idéias e vai decepcionar muita gente e entusiasmar outras, no relativo à idéia de Deus. Havendo jeito te mandarei, porque V. é uma menina inteligente.

Muito bem, com a reforma da casa. Estão vocês agora perfeitamente acomodados e se o rendimento tradutor não aumentar, em qualidade e quantidade, então, então, então... Nós aqui também estamos muito bem instalados. Um

¹⁸ Mary Eddy Backer.

¹⁹ Trata-se da obra de Pedro Granja - "Afimal, quem somos?." Um dos últimos e dos melhores prefácios que Monteiro Lobato escreveu.

apartamento único, sôbre o 12.º andar dum prédio exatamente da Rua Barão de Itapetininga, com um elevador só para nós, um *living* de 8 metros por 5... Diabo! Agora me lembro que V. já estêve aqui. Vê como falha a velhice? Por isso anda o espírito que há 65 anos cavalga êste cavalo ansioso por apear e jogar êste cavalo tão velho no monturo.

A 2.ª parte das minhas O. C. sai em dezembro e vou mandá-la para aí. É preciso que a estante do Rodrigo atente aos tantos centímetros de espaço que os 30 volumes do avô vão exigir. E essa estante deve ter uma folga para as mais coisas que o tal avô, apesar das tais Obras Completas ainda dará. No Brasil não há precisão de linguagem. Uma editôra dá Obras Completas dum sujeito e continua a dar coisas novas dêsse sujeito ...

Ótimas as fotos do Rodrigo na festa. Vê-se que êle sabe dormir perfeitamente – sempre coelhisticamente, com os dois dentinhos de fora. "Aproveito para mandar o seu retrato ..." diz V. e não entendo, porque não veio retrato nenhum. (Acabo de consultar a Purezinha e entendi. Não precisa mandar essa foto. Vamos ter o original da pintura aqui em casa, dispensamos as aproximações. O retrato está no Salão do Rio, para onde foi remetido depois de ganhar aqui a Grande Medalha de Prata.)

Creio que Olavo não tem vindo, pois não apareceu aqui e êle está proibido de vir a São Paulo e não chegar até cá.

Adeus. O papel estourou, e só dá para as saudades finais à Teca e Olavo e Rodrigo, e o abraço a você,

Do tio

JUCA

ANEXO 13 – CARTA DE LOBATO À GULNARA

LOBATO, M. **Cartas escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, p. 242-243, 1959.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada. As notas de rodapé são parte integrante do livro *Cartas Escolhidas* (1959).]

São Paulo, 14,12,1947

Gulnara:

Se eu não estivesse tão velho e capenga, ia estudar o caso da Backer. Mas é tarde. Além de que suponho que na Ciência Cristã a base de tudo é a mesma fé num Criador - base de tôdas as religiões monoteístas. E eu fiquei com Lavoisier: nada se cria, nada se destrói na natureza; tudo apenas se transforma. Se nada se cria, não houve criação, o Universo sempre existiu. E se não houve criação, não houve Criador com C maiúsculo - puro antropomorfismo. É como penso, e pois tenho medo de ler a Backer e ficar na mesma por não poder apoiar-me no que ela se apoiou: o Criador. Para mim o único caso de criação que conheço é a que o homem está fazendo de Deus. O homem está há milênios criando a figura ideal de Deus, à sua imagem e semelhança.

Mas deixemos isto que é muito longo e absolutamente estéril. Tenho as idéias que tenho apesar da tremenda massa de debates que enche as bibliotecas do mundo sôbre Deus, a divindade, etc. A teologia preocupou demais os homens e comeu-lhes uma tremenda quantidade de tempo, que se fôsse empregado em outras coisas talvez desse mais resultado. Em mim, o prodigioso esforço da teologia só serviu para me levar a uma conclusão oposta. Em vez de Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança, o homem está criando Deus à sua imagem e semelhança.

Cultive o seu jardim, não aperte demais o Rodrigo para aprender tantas coisas que foram da maior inutilidade para o avô e aguarde a chegada dos 17 volumes de Série Infantil. E aproveite o pavão, que quando está com penas novas e as abre em leque forma uma das coisas bonitas que há no mundo ornitológico. No Zoo, de Buenos Aires, os vi assim, e deslumbrei-me.

Chegou o retrato.

Esta semana o escultor Castellane fêz aqui no terraço o meu busto. Deve estar sendo fundido em bronze. Um bronze dura até que o fundam de novo. Se não fundirem o meu busto, esta minha feia cara vai durar ... quantos séculos?

Creio que vou para a Bahia na próxima semana. Vou assistir à estréia da "ópera" NARIZINHO, do musicista baiano Adroaldo...

Bom. Chega.

LOBATO

ANEXO 14 – ENTREVISTA DE GULNARA PARA O SUPLEMENTO DO JORNAL *A MANHÃ* EM 1946

PEREIRA, G. L. M. Falam os Tradutores. *A manhã*. Rio de Janeiro, 11 ago. 1946, Letras e Artes, p. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/114774/102>. Acesso em: 24 ago. 2023

[Na transcrição da entrevista que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

FALAM OS TRADUTORES

GULNARA LOBATO DE MORAIS PEREIRA ACHA QUE TRADUZIR É UMA PROFISSÃO IDEAL

Julgamos curioso e de interesse para o público, ouvir, em rápidas entrevistas, os que se vêm especializando em traduções, fazendo quase somente isso, entre nós. Fica implícito que só nos interessam os bons tradutores, pois os que têm por aí assinado toda sorte de disparates, deturpando o sentido da obra alheia e concorrendo para a deseducação do público, esses, de certo, não importam no caso.

Começamos hoje pela sra. Gulnara Lobato de Moraes Pereira, uma das figuras mais laboriosas no referido setor e cujas traduções primam pela fidelidade e a consciência literária.

– Só tem traduzido até agora?

– Só – responde-nos ela – Nunca escrevi obra original.

– E por que veio preferir esse gênero de atividade intelectual?

Ela não precisa pensar para responder:

– Por necessidade econômica. Comecei a traduzir e me dei no trabalho, não cuidando daí em diante de fazer outra coisa. Acho, aliás, que é a profissão ideal e talvez uma das mais ambicionadas no Brasil, atualmente...

– Como assim?

– Pois não concorda comigo: uma profissão em que se pode trabalhar em casa ou em qualquer outro lugar fazendo nós mesmos o nosso horário, livre de patrão ou de qualquer imposição incômoda.

– Quer dizer que gosta de traduzir?

– Imenso. Só desejava um cantinho para trabalhar sossegada, o que nem sempre é possível a uma dona de casa.

– Qual o primeiro livro que traduziu?

D. Gulnara pensa um instante. Não é possível lembrar assim de pronto, pois já transpôs para o nosso idioma mais de uma dezena deles.

– O primeiro? Sem dúvida foi o "*Milhão Perdido*", de Edgard Wallace.

– E qual aquele, em que se empenhou em mais prazer, cuja tradução lhe deu mais gratas emoções?

Ela reflete um pouco.

– Certamente a "*História de Minha Vida*", de George Sand, em que ainda estou trabalhando e também a "*Vida na Grécia*" de Will Durant.

– Como trabalha?

– À máquina, em composição entrelinhada. Não tenho horário regular, devido os meus afazeres domésticos, como já disse. Mas produzo em média vinte páginas datilografadas por dia.

– E sempre em contacto íntimo com pensamento alheio, nunca experimentou o desejo de escrever obra original?

– Na realidade, até hoje não escrevi, nem mesmo artigos ou páginas esparsas. Mas gostaria de produzir alguma coisa minha. Tenho, porém, uma grande desconfiança, acho que não sairá nada...

ANEXO 15 – CARTA EMITIDA EM NOME DA SARAIVA À JOSÉ OLYMPIO EDITORA TRATANDO DAS TRADUÇÕES DA OBRA DE LEÃO TOLSTÓI.

BRASIL. EDITORA SARAIVA. EDITORA SARAIVA (São Paulo). **Carta à Livraria José Olympio Editora sobre direitos em relação às traduções de Guinara Lobato Pereira.** São Paulo: [s.n.], 1980. 01 doc. (01p.). Localização: Manuscritos - 81,05,01 nº 124.

[Na transcrição do documento que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

São Paulo, 12 de junho de 1980

A Livraria José Olympio Editora

Nesta

Prezados senhores

Vimos pela presente declarar que as traduções de Gulnara Lobato Moraes Pereira das obras de Leon Tolstoi “A morte de Ivan e Amo e Servo” foram publicadas na Coleção Saraiva.

Informamos, ainda, que tal publicação se fez mediante autorização de V. Sas., específica para este fim.

Esclarecemos que a Coleção Saraiva deixou de ser publicada a partir de 1972 e que os volumes desta coleção referentes a essas obras encontram-se há muitos anos esgotados.

Exauriu-se, por completo, dessa forma, a utilização que tal autorização nos concedeu, não remanescendo para nós quaisquer direitos sobre a referida tradução.

Sem mais, subscrevemo-nos,

Atenciosamente

Saraiva S. A.

**ANEXO 16 – RECIBO DA TRADUÇÃO *MEMÓRIAS*, DE MARIA: GRÃ-DUQUESA
DA RÚSSIA EM FEVEREIRO DE 1942.**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [recibo]. Destinatário: José Olympio Editora. São Paulo, 5 fev. 1942. 1 recibo.

[Na transcrição do documento que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Primeiro parágrafo datiloscrito. Data e assinatura escritas à mão, sob a data há dois selos colados no meio da folha.]

-R\$- 2:821\$00

Recebi da Livraria José Olympio Editora a quantia supra de Dois contos oitocentos e vinte e um mil reis, pela tradução do livro “Memorias” de Maria, Grã-Duquesa da Russia.

Recebi

S. Paulo, 5 de Janeiro, digo Fevereiro de 1942

Gulnara de Moraes Lobato

**ANEXO 17 – CARTA DE GULNARA ENVIADA À ANTÔNIO OLAVO, EM 14 DE
MAIO DE 1954**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: Antônio Olavo Pereira. São Paulo, 14 maio. 1954. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datiloscrita, assinada à próprio punho. Com algumas pequenas correções.]

S. Paulo, 14/5/54

Meu Tolavo – Tua primeira cartinha chegou-me ante-ontem, trazendo o gordo cheque. Era para escrever ontem a você, mas tenho pegado firme no Cronin, a pedido do Daniel e quando chega à noite estou cansada. Daniel está amolado com a tua saída, pois diz que a serviçada no escritório está tremendo e a hora não era de passeios. Mas pediu-me que não dissesse nada a V. pois contras as ordens de Zezé nada adianta e falar no assunto seria comprar briga. Ontem à noite ele veio trazer-me os cobres do cheque e mandei uma cestinha de tangerina e xxxx bananas ouro de Tremembé para o Dan. A situação na casa dele não deve ter melhorado, pois Alice foi lá no domingo e encontrou a Diva lavando louça em prantos. A Elisa já anunciou que se retira no dia 4 de junho. A descrição do teu pesadelo com o Bucuca deixou-me arrepiada, a tal ponto que todas as vezes que releio tua carta pulo o trecho do sonho para não tornar a sofrer. Aqui vamos tocando nossa vidinha em torno do vazio que você deixou na casa. Fui ouvir a Marian Anderson com o Xózinho e me regalei. A mulher é um assombro e na parte dos “negro`s spirituals” atinge culminâncias magistrais. Rodrigo “sofreu” um pouco com as peças clássicas do programa, mas também gostou dos “spirituals”. São muito amáveis e as relações estão se estreitando. A Marianne convidou Rodrigo para um baile em casa dela, no domingo e R. ficou muito amigo do irmão dela. É bom, não acha? Sempre um contacto com gente civilizada é útil. As notas dele no Mackenzie continuam na casa dos nove aos dez. Só o que vai mal é a parte “capilar”. Ele continua derrubando cabelo e falei com o Nelson

para saber o que devíamos fazer. O N. mandou-o consultar um especialista de pele e este receitou uma série de 8 aplicações de ultra-violeta no couro cabeludo, sendo indispensável antes raspar a cabeça à escovinha para o U.V. atingir a pele. Rodrigo está inconsolável, mas vai fazer o tratamento. Deve começar segunda-feira. Coitado, tem uma paixão tão grande pela cabeleira e vai ter que pô-la abaixo. Faz pena. Bucuca vai bem, embora ligeiramente resfriado de novo, com a mudança de tempo. Mas continua com apetite e, tem dormido bem. Diz ele que é para V. trazer-lhe a caneta e “mais alguma coisa bonita que ache por aí” – palavras dele. Está em crise aguda de paixão pelo Persio, a despeito da tremenda oposição da Vó Teka. Uma destas manhãs discutiu horas com ela, fazendo a defesa de Persio com argumentos de gente grande. Mamãe ficou admirada com a maneira dele discutir. Hoje não houve aula e ele está aqui às voltas com uma ambulância infernal que me obrigou a comprar-lhe. Chegou ontem mais um caixote de laranjas da da chacará, à domicílio. Mas veio quase que só tangerinas. O buffet ainda não chegou. Fiquei contentíssima com a acumulada. Foi um régio presente e agora vou poder completar minhas compras de inverno. Preciso me por muito elegante para acompanhar V. dignamente. Estou morrendo de saudades tuas, maridinho passeador e agarrada com Sto. Antonio para ver ele encurta essa estadia aí pelo menos um pouco. Está fazendo hoje uma semana que V. partiu e bem que já podia ir pensando em voltar. Mas em sua carta nem toca nesse assunto. Queria demais que V. viesse com tempo de ir comigo ver pelo menos a peça do J. Berrault. Sòzinha não irei. Quero muito conhecer o teatro francês mas sem tuzinho não terá graça nenhuma. V. não imagina como me doi ir a qualquer lugar sem V. Sinto-me tão exquisita que nada me parece completo. O Barrault estreia no dia 26 deste mês com uma peça extraordinária de Tchecok “As Cerejeiras”. Veja se vem, sim, querido? Não olhe muito para as elegâncias das cariocas, mesmo que seja para me achar preferível a elas. Não tenho ciúmes, mas sou como o O. Tarquinio. Com o maridinho longe, depois das seis horas da tarde começo a acreditar em assombrações. Cuidado, pois meu anjo e quando as “vamps” passarem por ti, feche com força os olhos e pense na tua mulherzinha que te adora e não pode viver sem tuzinho. Interrompi para falar contigo. Não ha mesmo revogação para a sentença das duas semanas. Paciencia, muito paciência ... Vou falar agora com o Daniel depois de ter jogado duas partidas de xadrez com Rodrigo, das quais perdi uma e empatei a outra. Ontem ganhei uma. Mas o diabinho está jogando mesmo bem. Adeus, querido,

que preciso tocar o Cronin e não posso mais ficar te namorando. A notícia dos planos de Zezé deixou-me partida entre a tentação da viagem e a dor de deixar Tolavito e Xózinho, já não falando em Mamãe. Será que teremos coragem? O nome de creme é o Creme do Araxá fórmula do Dr. Antonio Aleixo, fabricado por Marçolla & Co. Vem em bisnaga. Se V. achar, pode comprar seis tubos. Já falei com Daniel e ele lamentou não ter ido contigo. E agora até domingo. Está um frio de rachar, hoje aqui e uma umidade dos diabos. Mamãe Xózinho e Tolavito te enviam beijos.

Da tua mulherzinha sempre apaixonada, Gulnara

ANEXO 18 – CARTA ENVIADA À GULNARA EM 13 DE MAIO DE 1976

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. QUERIDA Gulnara, [Correspondência]. Destinatário: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro, 13 maio. 1976. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta manuscrita, em papel de correspondência interna da editora José Olympio. Algumas palavras e a assinatura ilegíveis.]

13/5/76

Querida Gulnara,

Aí vai o famoso livro, *Pari sur l'homme*, que parece ser de fato muito importante. O prazo contratual para publicação está vencendo, pedimos portanto a você que traduza o mais ligeiro possível. O coronel [ilegível] entregou-me essas laudas, para seu uso, e encarregou-me de escrever-lhe o seguinte: estamos pagando Cr\$ 20,00 a lauda traduzida.

Desejando a você e a Antonio Olavo muita alegria e tranquilidade, despeço-me com um beijo carinhoso, a sua

[assinatura ilegível]

ANEXO 19 – CARTA ENVIADA À GULNARA EM 21 DE SETEMBRO DE 1976

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. NOSSA Senhora do Retiro no Cenáculo. [Correspondência]. Destinatário: Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro, 21 set. 1976. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datiloscrita em meia folha com texto frente e verso. Data e assinatura à mão. Lado esquerdo da folha há um cabeçalho]

NOSSA SENHORA DO RETIRO NO CENÁCULO

RUA PEREIRA DA SILVA, 135 – ZC - 01

LARANJEIRAS - TEL. 25-8133

RIO DE JANEIRO – GB

Ave Maria 21/9/76

Querida D. Gulanra,

É bom ter a ocasião de escrever-lhe de novo, e de pedir um favor. PeEduardo está precisando de uma boa tradução destas folhas. A terminologia sobre retiros dirigidos não será difícil para a senhora, e assim peço-lhe esta gentileza, quando possível. Foi a Ir. Izilda Penedo, de Cenáculo de Taboão que. Enviou-me a cópia, mas creio que a senhora poderia despachá-la logo para o Pe. Eduardo, sem passar pelo Cenáculo de Taboão, quando pronto. A caixa postal é 178, Osasco.

Primeramente, [sic] pensei em fazer uma tradução para pedir-lhe o favor de poli-la. Mas depois resolvi enviar o texto como no original, pois polir minha tradução seria mais difícil de que fazer a sua:

O dedo está já em boa condição? E as graças de reconciliação continuam pairar sobre o casal necessitado? Espero que sim. Continuo rezando aqui.

No dia 26 celebraremos 150 anos de nossa congregação. Será a festa da Santa Madre Teresa, e haverá uma Missa festiva na nossa capela às 18 horas para amigos e benfeitores. A senhora estará conosco em espírito, para que o Senhor a cumule de graças.

Os três grupos de oração que reúnem aqui semanalmente terão parte nas nossas celebrações. O Senhor tem sido muito generosa com graças nos 3 grupos. Louvamos o Seu santo nome!

Creio que D. Diva Campos estava em Lorena em fevereiro quando se realizou a reunião da Renovação. Ontem vi aqui no Cenáculo um doutor, Amaury Veloso, de: S. José dos Campos, que encontrei também em fevereiro na nossa reunião. É zeloso promotor da Renovação.

Aleluia e amém, por todos os dons do Senhor. Sua sempre grata

I. L. Lang

[trecho ilegível]

**ANEXO 20 – CARTA DE GULNARA AO JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 14 DE
JANEIRO DE 1946**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. Tremembé, 14 jan. 1946. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datiloscrita com algumas correções feitas à mão. Assinada à mão e a última linha, começando com 'E.T ...' também foi escrita à mão.]

Tremembé, 14/1/46.

Caro Zézé,

Nunca um presente em notas de quinhentos chegou tão oportunamente nesta casa como o que você me enviou na semana passada por intermédio de Athos. Não que estejamos em apuros financeiros, mas simplesmente porque nos metemos em altura cavalarias aquisitivas. De quinta-feira para cá houve uma verdadeira revolução em nossa vida. Principiou com uma reforma na cozinha e copa, numa tentativa de solução para o problema que foi a causa ultima guerra mundial: o espaço vital. E tal é a gravidade do nosso que estivemos a pique de dar razão a um dos maiores loucos e monstruosos aventureiros que já passaram pelo mundo: o famigerado Fuehrer. A falta de espaço por aqui é angustiante. Mamãe resolve o do quarto em que dorme com Rodrigo por mais da ilusão de ótica. Todo santo dia ela muda os moveis do lugar e tem realizado combinações tão infinitas e variadas como as do jogo de xadrez. A verdade é que ela se dá por satisfeita com isso e de tal modo tem feito a propaganda do processo que resolvemos tenta-lo na cozinha e copa. Para começar, tiramos a porta que abria do hall do telefone para a cozinha. A perspectiva melhorou. Em seguida trouxemos um móvel imenso da copa para a cozinha e levamos desta para aquela dois infinitamente [rasura] menores. Verificamos então que mamãe estava certa: a solução do nosso problema espacial só pode ser resolvido, no momento, pela ilusão de ótica. A cozinha melhorou cento por cento, como tambem a copa, onde não

havia antes espaço para uma pessoa locomover-se à vontade e hoje podem fazer uma reunião ...ministerial. Pois foi na copa que eu, Tolavo e Mamãe pensamos nos terrenos que faltam ao nosso quintal para completar a quadra e resolvemos adquiri-los. E em resultado estamos com uma escritura de 8 centos e 500 para ser passada até sabado proximo. Foi por quanto fechamos o negocio com o vizinho do meio. Não foi caro, tanto mais porque na transação saímos ganhando três ou quatro milheiros de tijolos e um e meio de telhas. O cercadinho do canto creio que nos será cedido por 3 contos e 500. E o grande, dos fundos, para cuja aquisição já entramos com 5 contos, é praticamente nosso. Com o dinheiro do último volume de George Sand, que estamos terminando, e mais o que nos acaba de chegar, somaremos 10 contos, -e suficiente para completar o pagamento do terreno maior. Para os outros, levantaremos um emprestimo com [rasura] Chiquito, conforme você nos sugeriu e ... autorizou, no valor de 15 contos, para ser amortizado bimestralmente em tres ou quatro parcelas, isto é, à medida que formos entregando as futuras traduções. E derrubando os muros, vamos montar uma granja em Vila Heloisa para xxxx criação de galinhas de raça. Os planos são pois mirabolantes e esperamos em Deus que dê tudo certo. Vamos passar as escrituras em nome de Pixóxó mas sem clausula de inaliabilidadde. Assim com certeza obteremos de dr. Samuel a da casa, conforme prometeu.

Altissimas”, portanto, na pacatíssima Vila Heloisa. Quando você aparecer vai nos encontrar senhores feudais de um quarteirão inteiro em Tremembé. Rodrigo está ancho com as novas cartas de proprietário e roxo para conversar com o tio Zezé a respeito delas. Ele arranjou uma folhinha para contar todas as noites quantos dias faltam ainda para o carnaval. Diz que você é meio “prometão” mas que de certo virá dessa vez. E|é e que todos desejamos. Nossa vida que já é tão boa se alegra ao infinito quando recebemos uma visita tão querida como a sua. Pena é que você não possa ainda trazer as crianças, pela maldita falta de acomodações. E não ha esperanças de reforma tão cedo. A companhia construtora de Taubaté está aceitando compromissos para ... 1947, e sem garantias de prazo. Se tivermos de fazer alguma coisa terá de ser com um dos “curiosos” daqui mesmo. E não sei se valerá a pena. Quando você vier conversaremos sobre isso. Nossa casa é um departamento de editora e como tal necessita estar bem aparelhada para receber o chefão e os chefinhos quando pretenderem descansar. Quem sabe se com o tempo cairá do céu

sobre Tremembé um construtor estrangeiro fugido da devastação europeia? Enquanto isso, iremos fazendo planos, que é uma das coisas melhores da vida.

Bem, Zezé. Aqui me despeço. A George está me olhando do seu silencio impresso e preciso voltar ao trabalho.

Muitissimo obrigada por me haver incluído na divisão que fez das acumuladas do dia de Reis. Faço votos para que Melchior, Baltazar e Gaspar continuem a inspirá-lo, pois santos cavaleiros que eram, saberão certamente muitíssimo em materia de turfe.

Quando tiver uma folga mande-nos noticias na sua caligrafia quase indecifrável e tão cara aos nossos olhos,

Tolavo, Mamãe e Pixóxó enviam-lhe abraços e muitas saudades.
Eu, toda a expressão de uma profunda amizade.

Gulnara

E.T. _ V. recebeu a sua mala? É bom mandar dizer, para a nossa tranquilidade.

G.

**ANEXO 21 – CARTA ENVIADA À JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 28 DE
NOVEMBRO DE 1946**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. Tremembé, 28 nov. 1946. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datiloscrita, com correções pontuais a caneta, e devido ao tempo não se conseguiu ver com clareza qual foi a alteração feita. Metade da segunda página da carta foi usada para redigir outra carta poucos dias depois.]

Tremembé, 28/11/46

Querido Zezé. - Seu cartãozinho acaba de chegar-me. Muito nos rimos com a carta do seu amigo e vim correndo à máquina felicita-lo pelo bom andamento das démarches. Estou vendo que não consigo apresentar a minha candidata a tempo, tão depressa estão andando as coisas. Peço todas as noites a Deus que te ajude a encontrar essa companheira tão desejada e que ela seja capaz de lhe dar a felicidade que você merece. Pela sua maneira de falar comigo ao telefone, mais do que propriamente pelas noticias vindas daí, sei que você vai melhorando dia a dia e vejo com profunda alegria aproximar-se a ultima das fatais semanas do seu calendário, que ha de ser, como as outras, riscadas para sempre com um traço negro [rasuras] – o ultimo “passopreto” do agourento bando que andou nublando esta ultima fase da sua vida. Bons ventos os levem!

Por aqui tudo vai correndo na toadinha de sempre, apenas com um redobrar de atividades “tradutoricas”. Os concertos na Vila Heloisa e no guarda-roupa do Tolavo obrigaram-nos a assumir compromissos com os quais não contávamos e só com muito trabalho conseguiremos entrar em 47 sem dívidas como sempre estivemos habituados a viver. Foram hoje os dois primeiros livrinhos da M. e Moça de nova serie, que traduzi, e estou com o terceiro por três dias apenas. São muito melhores do que os antigos e creio que vão melhorar muito a coleção. Só que são muito maiores do

que os da seria antiga, tanto que vim pedir a você para ver se nos paga um pouco mais. Os antigos têm cinquenta por cento a mais de gravuras e espaços em branco inseridos no texto do que os novos, logo, se por aqueles vocês têm pago 1.000 cruzeiros, podiam, num rasgo de fraternal camaradagem, chegar pelo menos a 1.[ilegível] 00. E como são livros de direitos definitivamente adquiridos pela casa, creio que não teriam prejuízo. Por 1.[ilegível] 00 eu empreitaria a tradução de todos os volumes que quisessem. Poderia entregar 3 volumes por mês. Negocio “batata”! Agora estou trabalhando de fato e nem me lembro mais que já fui uma senhora de pressão desabada. E por falar em tradução, enquanto escrevo, Tolavo foi a Taubaté buscar os cobres da “National Velvet” que chegaram ontem. O cheque chegou numa carta do Daniel. Fiquei muito satisfeita e grata a você por ter concedido o aumento que eu andava desejando no preço das minhas páginas. Você é um anjo.

Tolavo está me “cantando” para ir amanhã a S. Paulo de automovel com o Zé Fatto para voltar segunda-feira. O objetivo do Zé Fatto é a política, o do Tolavo é um jogo entre os paulistas e gaúchos. Eu já disse a Tolavo que a época não anda para passeios, mas ele está com tanta vontade, que não vou ter coragem de atrapalhar-lhe os planos. Com toda a certeza vai voltar de Taubaté com a viagem decidida. Ele queria que eu fosse também, mas resolvi deixar os meus passeios para o ano. Estamos contando certo com você aqui para o Natal. Pixoxó não pensa e não sonha com outra coisa e quer saber em que dia você pretende chegar. Mamãe está lhe mandando um carinhoso abraço. O Xózinho, um beijo. Saudade a todo o pessoal. Diga ao Daniel que recebi o Tagore e que muito obrigada. Ficou muito bonito o livro, mas foi realmente pena o retrato do autor não ter ficado no frontespício da capa. É um maravilhoso retrato!

Bem, Zezé, adeus. Um grande abraço muito saudoso da Gulnara

5/12/46

Não resisti ao convite do Tolavo e acompanhei-o a S. Paulo. Falei durante tres dias e tres noites seguidas e estou com o gorgomilo em pandarecos. Achei o pessoal todo em casa de d. Ritinha com saúde, empurrando a vida como é possível hoje em dia. Dos amigos, o que achei peor foi o Samuel. Almocei em casa dele no domingo e fiquei impressionada como o pessimismo que manifestou em conversa comigo. Diz estar

nas vascas da morte e que já não faz visitas com receio de morrer na casa alheia. Emagreceu quinze quilos e queixa-se de uma fadiga infinita. Fiquei com pena dele, e saí de lá filosofando sobre o relativíssimo valor do dinheiro.

Estamos desolados com a morte de Gabriel Monteiro. A politica desgraçou um homem de bem como raros havia hoje em dia entre nós.

Olhe: o pedido de aumento da tabela de tradução é para quando a casa se transformar em sociedade, pois então estará em melhores condições financeiras. Adeus. Até por cá. G.

**ANEXO 22 – CARTA ENVIADA À JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 10 DE
SETEMBRO DE 1963**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. São Paulo, 10 set. 1963. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datilografada, com diversas correções à mão. Assinada à mão.]

S. Paulo, 10/9/63

Zeze – Há muitos dias que ando com vontade de conversar com V. para lhe contar algo de sumamente extraordinário que me aconteceu, mas a luta final de Enciclopédia tem-me obrigado a um ritmo de trabalho tão absurdo, que quando deixo o escritório, quase todas as noites por volta de 1 ou 2 horas da madrugada (uma noite destas, para entregar a tempo o 1º Volume trabalhei até as 5 da manhã!) nem coragem para fazer as minhas orações noturnas encontro. O cansaço começa já a afetar-me os nervos e estou ansiosa por terminar logo com isto para tomar um fôlego. Os tais milhões estão me saindo mais caros do que eu imaginava. Ainda não assinei contrato com o Nogueira porque as transações com a D. Honorina também se arrastaram e, a despeito da eficiente mediação do Tolavo, parece que só esta semana deverão encerrar-me com a assinatura do novo contrato que fizeram. Por este contrato ela irá receber Cr\$800,00 por Coleção em vez de Cr.\$ 1.500,00 como rezava o contrato anterior e parece que a minha porcentagem será de Cr.\$ 1.500,00 a 1.700,00, portanto maior que a dela. Afinal de contas, quem acabou fazendo a Enciclopedia fui mesmo eu. Só depois de assinado o contrato dela, poderei firmar o meu. Assim que o fizer mandarei contar a V. Mas chega de falar em Enciclopedia e vamos à nossa conversa. Desejei muito que V. aparecesse por cá para que ela fosse de viva voz – tão mais gostosa. Mas V. não aparece e a vontade de transmitir ao irmão mais velho e mais querido uma coisa tão inesperada e maravilhosa como a que sucedeu venceu, finalmente, a cansaça e aqui estou para contar-lhe a sensacional história. E veja bem

– é uma história que só posso contar a quem me quer bem como V., a quem me conhece como V. e a quem acredita em mim como V. Qualquer outro, fora dessas condições, que a ouvir, dirá – coitada da Gulnara! A tal Enciclopédia deixou-a de miolo mole! E agora lá vai: V. soube que Noêmia, aquela irmã de D. Purezinha a quem queríamos como tia verdadeira – não só eu como o próprio Tolavo – foi encontrada morta no dia 20 de agosto p.p. Ela sofria de uma lesão cardíaca bastante grave e o médico lhe dera 10 anos de vida. Estava ela vivendo o oitavo ano dessa condenação quando a morte – a doce Irmã Morte – veio buscá-la piedosamente durante o sono. E lá se foi mais uma das nossas criaturas queridas para êsse outro Lado da vida que mais que nunca acredito agora ser o verdadeiro. Noêmia era uma criatura boníssima e embora possuísse uma espécie de alegria congênita que a levava a brincar com todos, a imitar tudo com excepcional graça, era profundamente infeliz em sua solidão de viúva sem filhos. Sua vida foi permanente dedicação aos animais. Por eles fazia os maiores sacrifícios, por eles sofria continuamente, inconformada com a maldade dos homens que carregam frangos de cabeça para baixo, que espancam os burros, que chucham os bois, que aprisionam os pássaros, que acorrentam os cães. Por causa do sofrimento dos bichos e das crianças achava difícil acreditar em Deus e não acreditando Nêle sentia um vazio enorme no próprio coração, pois desejaria compreendê-lo e amá-lo. Ultimamente procurávamos dar-lhe a máxima assistência em suas crises de depressão e era em nossa companhia, de modo especial na de Antonio Olavo, que ela se reanimava e voltava a ser a Noemia brincalhona de sempre. Às vezes passávamos pela casa dela, em Taubaté, nos nossos fins de semana e a encontrávamos abatidíssima, nervosa, falando em morrer – Antonio Olavo passava-lhe uns pitos, fazia-lhe uns agrados, insistíamos com ela para que fosse conosco para Tremembé e após alguma relutância a tristeza acabava passando e por um dia voltava a predominar nela o fundo alegre de sua natureza. Pois bem na madrugada do dia 20 tive um sonho terrível. Sonhei que houvera um tremendo desastre ferroviário em Taubaté ou Tremembé e que eu me achava diante dos destroços do trem acidentado, aflitíssima pois uma das vítimas era o nosso jardineiro da chácara com um ferimento nas pernas e Noemia gravemente atingida na cabeça. Não via mais no sonho que as ferragens retorcidas do trem, mas despertei preocupadíssima e impressionada de maneira profunda com o que teria acontecido a Noemia. Acordei Antonio Olavo e conte-lhe o sonho com todos os pormenores. Desci para o café com o coração

oprimido por terríveis pressentimentos. Não terminara ainda de tomar o leite quando o telefone tocou. Atendi-o e senti um baque no peito: a voz era de um cunhado de Noemia que reside aqui em S. Paulo e que nunca me telefona. Pensei: algo sucedeu mesmo com a Noemia. Mas como a pessoa que me falava estivesse calmo e perguntasse em tom natural por minha saúde, tive ainda esperanças de que tudo não [...] um instante o rosto dela. Foi então que o inesperado, o incrível, aconteceu. Ouvi um inconfundível sussurro de alguém que me dizia “Obrigada”. Não havia ninguém mais ali a não ser Antonio Olavo; ergui a cabeça e relanceei em torno um olhar perplexo. Quem agradecera o meu beijo de modo tão claro se não havia ali, ao alcance do meu ouvido, senão Antonio Olavo e Noemia? Fiquei um momento como que atordoada, procurei uma explicação para aquele agradecimento cochichado ao meu ouvido e acabei aceitando o inaceitável. Noemia falara comigo como se ainda estivesse viva. Fecharam o caixão dali a pouco e seguimos para o cemitério – eu levando comigo uma estranhíssima, indescritível impressão que não mais me deixava chorar. Noemia morta falara comigo como se viva estivesse. Não contei nada a ninguém e assisti ao sepultamento como se aquilo fosse uma espécie de sonho. Antonio Olavo segurava uma das alças do caixão e se distanciara de mim e só com ele poderia desabafar. Vi que mandaram abrir o caixão de novo e notei que ele tornara a despedir-se de Noêmia, desta vez com um beijo igual ao que eu lhe dera, mas continue calada na minha perplexidade. À saída do cemitério contei-lhe o que me acontecera. Ele me respondeu: “Agora você está vendo que / não há exagero quando digo que ouço os mortos. Pois saiba que quando o caixão estava saindo, ainda na sala, tornei a ouvir a voz de Noêmia, desta vez dizendo-me em tom de queixa: “V. não me deu um beijo!” Por isso quando abriram o caixão dei-lhe o beijo reclamado.” Aí está, Zezé, com. Todas as minúcias a minha história. Creia que de tudo o que vi, palpei, ouvi e senti, em matéria de fenômeno metapsíquico, foi êsse o fato que mais profundamente me impressionou. Até hoje não posso esquecer aquele “Obrigada” – soa-me até agora ao ouvido como uma Boa Nova, como a mais estupenda confirmação de crença que eu já possuía na vida do espírito. Agora eu sei que a morte não existe porque ouvi, com os meus ouvidos, o agradecimento de Noemia. Quando V. vier a S. Paulo acho que vou ter de contar tudo de novo a V. Acho que assim por carta, é mais difícil de acreditar.

Um abraço de muita saudade

Da Gulnara

P. S. – o livro de pássaros que V. mandou ao Tolavito vai “salvar-me” no capítulo dos “Passarinhos.” Vou ver se reproduzo algumas das fotos. Será que posso?

G.

**ANEXO 23 – CARTA ENVIADA A JOSÉ OLYMPIO NA DATA DE 27 DE
NOVEMBRO DE 1985**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: José Olympio. São Paulo, 27 nov. 1985. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datilografada, com pequenas correções à mão. Assinada a próprio punho.]

S. Paulo, 7 horas da manhã

de 27/11/ 85

Festa de N. S. das Graças

Meu querido Zezé - - São sete horas da manha. Quando Frei Sabiá começou a sua louvação de todas as madrugadas, já acordada, pensei: “O dia está amanhecendo e vou espiar o céu, para ver se, sem luneta, consigo entrever o famoso Halley, cuja beleza, mistérios e ameaças nos rondam uma vez mais.” Quando ele passou por nos pela última vez, há 75 anos, Edgard estava nascendo e Tio Juca o registrou como Edgard de Halley Monteiro Lobato. Talvez o nome não lhe tenha trazido sorte. Viveu pouco, fechado em desamores que em vão tentei vencer, morreu sem a esperança de fé que em vão tentei transmitir-lhe. E, hoje, quis conhecer o cometa que marcou o seu nome, mas o céu estava todo enrolado em névoas e vapores, a cidade parecia ter saído de uma sauna ou de um banho quente de imersão – aliás, tão necessário para amenizar os flagelos da estiagem malfazeja. Nada vi, pois, e estou aproveitando o silencio da madrugada para escrever a V. como prometi. Antes de começar esta carta, escrevi uns versos para Paulinha que, aos dozes anos, da noite para o dia, surge diante de mim transformada em mocinha. Ela é a nossa luz, sua meiguice, seu riso claro enchem os vazios do nosso apartamento e da nossa vida. Louvado seja Aquele que a criou!

Pois é, meu irmão. Vamos bater um papinho matutino, já que é tão difícil estarmos lado a lado e conversamos de viva voz.

A notícia de que V., finalmente, já caminha apoiado à velha e fiel bengala, foi uma alegria muito, muito grande, para nós. Já a esperávamos, é claro, mas pensávamos que ainda tardasse. Estávamos pensando em muletas e elas não foram precisas. V. conseguiu queimar uma dura etapa. Parabéns!

Conforme contei a V. pelo telefone, um dia destes Tolavo voltou do escritório sobraçando um grande quadro. Abriu o embrulho e vi uma bela gravura francesa em que S. José, o seu padrinho e padroeira de todas as famílias, ascendia ao céu como o Menino Jesus nos braços, por entre anjos e nuvens. Reconheci-o logo, pois o vira durante anos na parede da Editora, na Gusmões. No primeiro momento pensei: “Nosso quarto já tem as paredes forradas de quadros. Há a face pintada por mim, tão grande quanto pequena era a mão ousada que a pintou, há uma belíssima reprodução do Rosto do Santo Sudário que cuida de nossos filhos, de nossos netos, de V., do Tolavo e todos nós e me dá vivos sinais de seu amor. Onde colocar mais este S. José?” Mas a dúvida durou menos que um segundo e logo o Grande Santo estava entronizado como carinho sobre o criado-mudo do Tolavo e a oração diária que há tanto tempo lhe faço, uma oração em francês que a minha Madre Lang um dia me mandou, passei agora a fazê-la diante dele:

“Oh glorieux Saint Joseph, notre protecteur, écoutez ma prière et exaucez-la. Obtenez-moi de Dieu une sincère conversion e faites-mois sentir que c'est n'est pas em vain que j'ain mis em vous ma confiance.”

Enquanto escrevo, Tolavo ainda dorme. Ele continua excessivamente magro, mas tomando uma tonelada de remédios e sob orientação de um novo clínico geral muto bom, indicado por Rodrigo. Rodrigo comprou para ele uma caixa de Ginseng importada diretamente da China, com tais requintes de embalagem e promessa de tais milagres, que estamos com esperanças de que o nosso Tolavo ganhe com ela alguns quilinhos.

Estamos desejando muito voltar ao Rio para visitar V. e rever Tolavito. São por demais pesadas as saudades que temos dele. Mas recreio que o calor excessivo, sentido até mesmo aqui de forma excepcional, prejudique o Tolavo. Acho que será mais prudente esperarmos dias mais frescos.

Penso em V. todas as noites, agora, vendo o ‘Grande Sertão’ na Globo. O Avancini preparou um forte aperitivo para despertar o apetite para a leitura do livro

que a maioria das pessoas não enfrenta. O trabalho dele é respeitável. Acho que as imagens, a fotografia e o trabalho dos atores muito bom. Diz o produtor que ele não pretende nos dar mais do que 15% do livro. Ele deve estar com a razão. Mas acho que está valendo a pena. O segredo de Diadorim quebrado antecipadamente prejudica muito o interesse do romance, mas com o nome da bela Bruna diante do espectador não há outro jeito. Admirei muito a cena do pesadelo de Riobaldo, na sua febre de paixão e guerra, falando a fala enrolada e imitando o pipocar dos tiros de um típico sonâmbulo. Ontem ouvi o fim de um programa de crítica literária em que o comentarista, creio que se chama Kujavski, tinha nas mãos um exemplar do Grande Sertão da nossa edição e convidava os ouvintes a penetrar no mundo estranho e fabuloso da prosa Roseana e dizendo que ninguém que fizesse tal esforço se arrependeria. A terra de que tudo isso nasceu foi arada e semeada por V., José. Essa glória ninguém poderá roubar-lh'a. O famoso Roque Santeiro também me pegou. Tomei o bonde andando no meio da novela, pois havia anos que eu não me interessava mais por esse tipo de chantagem televisiva que nos é impingida. Andei quase desistindo de continuar a assistir as bandalheiras de Asa Branca, a meu ver um tanto excessivas para quem já vive num mundo tão pouco agradável. Mas acabei persistindo e agora estou achando melhor. Há grandes desempenhos, mas podia haver menos enchimento de linguiça. O clima do Grande Sertão é bem mais puro.

Em matéria de trabalho, do meu lado, terminei a tradução de uma tese de Teologia escrita por um jesuíta espanhol radicado no Brasil sobre o Discurso sobre Deus na Obra de um filósofo judeu contemporâneo que parece estar causando tremendos debates entre teólogos do mundo inteiro. Foram trezentas páginas, formato grande, maciças, impressas em tipos microscópicos que me obrigaram a trabalhar com fortes lentes para não me perder num verdadeiro labirinto de notas e citações em francês e espanhol. O autor escreve - diz o Tolavo que agora está revendo o meu trabalho - no estilo do Rui, com períodos tão longos que quando eu chegava ao fim de alguns deles, precisava voltar para procurar o sujeito dos verbos perdido pelo caminho. Ossos do ofício, seu Zezé! Mas um ofício tão amado que, por mais difícil e mal pago, é um grande apoio para a minha vida. Tolavo teimou em rever a tradução, pois até hoje não confia em mim como revisora ou auto-revisora - e está penando para chegar ao fim da empreitada. Enquanto não chega novo trabalho, faço versos se me vem inspiração, ilustro-os como posso, preparando um caderno especial para mostrar a V. o quanto

pode a força de um carinho. O caderninho da Abril que V. me deu para os “nossos” versos tem sido uma fonte de inspiração. Ando até pensando em tentar um livrinho infantil. Antonietinha (A. Dias de Moraes, consagrada escritora de histórias infantis e minha amiga de infância) anda pegando forte no meu pé e no do Tolavo para que façamos algo no gênero, para que saíamos do marasmo literário em que nos metemos. Vou ver se refundo duas historinhas que escrevi há anos para os netos e, se conseguir, procurarei uma editora menos ordinárias do que a famosa Donatela, que enterrou o meu ‘Menino Juca’ de quem eu tanto gostava. Tolavo também anda prometendo escrever as histórias dele. Mas é o maior campeão de promessas adiadas. Devia ter entrado para a política. Mas quem sabe se ainda sei algum coelho destes matos?

Andamos muito preocupados com a nossa Bebê. As últimas cartas dela chegam cada vez mais em tom de SOS. Não sabemos bem o que há com ela. Não está feliz. Está, antes, angustiada e parece que em dificuldades de vários tipos, desde o frio intenso de Portugal numa casa com calefação desligada pela ‘generosa’ proprietária em férias. Todos esses problemas, certamente, não serão resolvidos por nenhum de nós, mas por Aquele que tudo vê, tudo entende e tudo promete – o Único que nos pode reerguer, pois suas promessas jamais falharam e Ele disse: “Não temais. Eu estarei convosco todos os dias.”

Só Ele tem o controle de tudo e é a Ele que temos que entregar as coisas que não podemos resolver. Alguém disse que o impossível, nós podemos por vezes alcançar num instante. Milagres, demoram um pouquinho mais.

Vamos, pois, confiar, Zezé. Melhores tempos, certamente ainda virão para todos nós. Aída mandou-me uma lindíssima carta pelos meus 74 anos. Ainda não consegui escrever a ela, pois a resposta precisa estar à altura de tanto carinho. Entre todas as graças que peço ao Senhor, creio que a primeira, será a abertura dos canais de comunicação familiar há tanto tempo incompreensivelmente obstruídos. Conversar é preciso – mais que navegar!

Grande e saudoso abraço

Da sempre amiga-irmã,

Gulnara

P.E. Duplo abraço para a preciosa dupla Sebastiana/ Sebastiao.

G.

**ANEXO 24 – CARTA ENVIADA AO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO NA DATA
DE 3 DE DEZEMBRO DE 1985**

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA, Universidade de Taubaté. Fundo Antônio Olavo Pereira: Correspondências/ Gulnara Lobato Moraes Pereira. PEREIRA, G. L. M. [Correspondência]. Destinatário: Jornal *A Folha de São Paulo*. São Paulo, 03 dez. 1985. 1 carta.

[Na transcrição da carta que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

[Carta datiloscrita, com pequenas correções e assinaturas feitas à mão.]

S. Paulo, 3 de dezembro de 1985

À “Folha de S. Paulo”

“Painel do Leitor”

Sr. Redator: Li, na semana passada, em “Dito e Feito”, com a curiosidade que a boa prosa de Fernando Sabino sempre nos desperta acrescida de um interesse profissional, as considerações feitas aos erros das nossas traduções. Sou tradutora há mais de cinquenta anos e reconheço que minha classe não é, por vezes, das mais respeitáveis, quem sabe por ser, sem dúvida, a mais mal paga e a que maiores desafios tem que enfrentar. Acontece que, em meio à leitura, deparei com uma pequena referencia a Monteiro Lobato – tradutor – referência injusta a que, embora feita sob a ressalva de não estar afirmando nada, deixará por certo alguma sombra de dúvida ou suspeita em torno do nome de um brasileiro cuja honestidade, entre outros tantos valores públicos e inegáveis, chegou a leva-lo à prisão, da qual, aliás, só concordou em sair, doente e fraco, forçado pela família e pelos amigos, pois recusava-se a aceitar indulto sem ter cometido senão o crime de falar verdades. Acontece que Lobato foi meu tio, meu sogro, meu amigo, meu mestre dedicado, exigente e zeloso. Conheci-o, pois, muito bem. A ele devo a profissão que exerço desde os 21 anos e que, ainda hoje, aos 74, me apaixona e procuro honrar com o gosto e o senso de dever e seriedade que ele me transmitiu. Convivi com Lobato, o meu querido Tio Juca, na intimidade de nossa família e quero testemunhar a absoluta falta de fundamento da suspeita insinuada por Fernando Sabino. Entre tantas lições

deixadas por Monteiro Lobato aos brasileiros, acho que a maior e a mais nobre foi a do trabalho – contínuo, febril, rigorosamente honesto, cioso do nome que ele bem sabia que levava e já não lhe pertencia. No período de sua vida em que se dedicou mais intensamente ao ofício, meu tio começava a traduzir às 4 horas da manhã, todos os dias, e só quando completava a tarefa marcada – quase sempre 40 páginas! – levantava-se da máquina para ir tomar o seu prato de leite com farinha que lhe antecedia o almoço. Vi-o, vezes sem conta, pálido, enrolado no seu ‘robe’ de lã, nas frias manhãs paulistas ou de Campos do Jordão com os dedos das mãos morenas quase brancos e lívidos de tanto martelarem as teclas da sua máquina. Certamente não teria precisado viver cem anos para traduzir algumas dezenas de livros em tão acelerado ritmo. Quando a rever e assinar traduções alheias, posso afiançar que isso jamais aconteceu. Minhas traduções, desde a primeira, em 1931, ainda que revistas e orientadas inicialmente por ele, sempre foram assinadas por mim. Tive, sim, a honra de assinar com ele dois dos volumes da História da Civilização de Will Durant, os referentes à Grécia Antiga. Seu filho Edgard, com que fui casada em primeiras núpcias, traduziu muito poucos livros em sua breve vida e suas irmãs Ruth e Martha também, mas tudo o que eles traduziram foi por eles mesmos assinados. A suspeita veiculada desavisadamente por Fernando Sabino, é, pois, descabida e contra ela deixo o meu testemunho, sem que isso importe em nenhum ressentimento contra o seu autor.

Agradeço desde já à redação desse jornal a acolhida que, espero, me seja dada, e despeço-me cordialmente

Gulnara Lobato de Moraes Pereira

Gulnara Lobato de Moraes Pereira

ANEXO 25 – TEXTO DO FERNANDO SABINO PUBLICADO NO JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO*

SABINO, Fernando. Dito e feito. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 24 nov. 1985. Primeiro caderno, nº 93.31. 104 e 105.

[Na transcrição do documento que compõe este anexo, manteve-se a grafia das palavras e as marcas gráficas (itálico e aspas, por exemplo) como na edição consultada.]

UMA amiga, revoltada, me dá notícia da tradução para o português dos poemas de William Blake, lançada por uma editora brasileira, onde encontrou entre outras, as seguintes “infâmias” “pretty pretty robin” traduzido para “preto preto pardal”; “merry merry sparrow”, para “meigo meigo melro”, “little lamb” para “lambidinha” e assim por diante.

Este último exemplo me intrigou tanto, que recorri ao dicionário para ver que diabo de lambidinha era essa. Não tenho dúvida, “lamb” significa só cordeiro mesmo – deve ter sido alguma brincadeira do tradutor.

Resolvo ir ao próprio livro para conferir. O que é fácil, pois se trata de uma edição bilíngue. Encontro logo a lambidinha, o preto pardal, o meigo melro, e até uma leoa gentil. Mas tudo bem é uma tradução livre, uma transposição poética. E em poesia tudo se perdoa, cada um tem a sua e traduz como quer.

A NÃO ser que aconteça como aquele outro, que traduziu o que não quis, e teve de se valer de uma errata, certamente advertido por alguém que sabia português melhor do que ele. Ou do que ela – pois se trata de Elizabeth Bishop, que viveu longos anos no Brasil, mas era americana e, embora excelente poeta, não podia conhecer bem certas sutilezas da nossa língua. O seu equívoco, pois, na verdade é perdoável. O livro é “Quatro Poemas”, de Robert Lowell. O verso “A colored fairy tinkles blues”, que ela traduziu por “uma fada negra tilinta ‘blues’”, exigiu a seguinte errata: “na página 19, linha 4, em vez de ‘uma fada negra’, leia-se ‘um preto veado’”.

AH, traduções ... Os casos de infidelidade, convertidos em anedotário, são infindáveis, não há quem não cite um. Alguns já se tornaram clássicos, como o do telefonema que virou anel na frase “I’ll give you a ring”, ou o do Estado Maior que virou um general chamado Staff, na expressão “General Staff”. Houve mesmo um tradutor,

escritor afamado, que, passando para o português um livro de guerra, tanto usou e abusou do famoso general que, para justificar a sua presença em várias frentes de batalha pelo mundo, acrescentou uma frase por conta própria, afirmando que “e General Staff era um comandante tão extraordinário que parecia estar em vários lugares ao mesmo tempo”.

Não é invenção minha: Moacir Werneck de Castro, na época comentarista literário de um jornal, a cuja fina percepção não escapou essa tirada do conhecido tradutor, fez-lhe uma alusão em sua coluna, não sem malícia e verve, como no verso de Vinícius. Encontrando-o pouco depois na rua, recebeu dele uma sentida queixa e, sensível ele próprio aos ditames de boa convivência entre confrades, justificou-se educadamente, como é de seu feitio:

– Bem, não nego que haja um pouco de gozação no meu comentário, mas você também não pode negar a mancada na sua tradução.

Ao que o outro lhe apresentou este argumento irresponsável:

– Como é que você queria que eu traduzisse, se eu não sei inglês?

A VERDADE é que casos como esse não são raros, e muitas vezes se devem à existência de uma instituição que os editores se habituaram a chamar de “bragrinhos”: pequenos tradutores desconhecidos, em geral estudantes, que se valem do relativo conhecimento de algum idioma estrangeiro para desincumbir-se da tarefa que lhes transfere um tradutor de renome. E nem se veja nessa prática, mais generalizada do que se pensa, uma simples exploração do trabalho alheio, pois muitas vezes se inspira em motivação nobre: a de proporcionar uma ajuda a alguém necessitado, cujo nome, por si só, não basta para conseguir trabalho de tradução. E a remuneração desta costuma ser tão baixa, que acontece, não raro, acabar transferida na sua totalidade ao tradutor assim subempregado. Também não chega a constituir propriamente uma fraude literária, desde que a tradução se submeta a uma criteriosa revisão por aquele que vai assiná-la.

Não se pode afirmar que assim procedia um tradutor ilustre como Monteiro Lobato, por exemplo, mas já se calculou que ele teria de viver mais de cem anos para dar conta de todas as traduções que assinou.

E a pressuposta revisão de quem assina nem sempre é tão rigorosa quanto se espera. Como naquele caso do editor que reclamou do tradutor:

– Vê se toma mais cuidado com essas suas traduções! Dá ao menos uma lida, que diabo!

Tinha razão em reclamar, pois, logo nas primeiras páginas, havia esbarrado com a seguinte frase, em bom português:

“ – Eu te amo – borbulhou ela aos ouvidos dele.”

‘A RECÍPROCA é verdadeira: nas traduções de livros brasileiros que se publicam no estrangeiro, também costumam passar barbaridades, como é de se imaginar.

Eu mesmo já fui vítima de algumas – como a de ver, numa versão inglesa, por exemplo, um personagem meu que, em português se diz um romancista afirmando “I am a romantic”.

Imagino o que se passa com um Guimarães Rosa, cuja linguagem brasileira, mais rica e elaborada, pode der margem a desastrosos equívocos. Ou Jorge Amado que, por essas e outras, em geral, prefere nem saber o que fazem da sua obra em língua estrangeira. Segundo me contou, uma das poucas vezes em que se interessou, deu logo com algo que não constava do original: um personagem que seguia pela estrada carregando uma garrafa de aguardente. Custou a descobrir como aquela garrafa havia surgido, desde que o personagem, como o concebera ia seguindo pela estrada apenas “com sua botina ringideira”. Naturalmente, o tradutor devia ser bom era em espanhol e não em português, e daí a botina lhe ter soado como qualquer coisa parecida com “botella”, ou garrafa. E “ringideira”, em consequência, teria que ser uma espécie de aguardente.

PARA encerrar, só mesmo repetindo o admirável Paulo Rónai, mestre no assunto, ao citar Cervantes, para quem a tradução “é o avesso de uma tapeçaria”. Ou Goethe, também. Citado por ele, ao comparar os tradutores “aos alcoviteiros, que nos elogiam uma beldade meio velada como altamente digna de amor, e que excitam em nós uma curiosidade irresistível de conhecer o original”.

PASSADA a emoção das eleições, siga esta terrível verdade. Jânio Quadros acabou mesmo prefeito de São Paulo. Tudo bem. O povo assim o quis. Ou qui-lo. Seja feita a vontade do povo, que tem o governo que merece. Mas agora, esse mesmo povo de São Paulo abriu caminho para que ele ameace candidatar-se de novo à Presidência, tem a obrigação, diante do resto do Brasil, de lhe exigir, de uma vez por todas, a verdade sobre a renúncia. Afinal de contas, o que foi que houve? Um golpe? Um porre? Ou simplesmente uma compulsão irresistível do seu temperamento

arrebatado? Seja o que tenha sido, chegou a hora da verdade, sem forças terríveis (ou ocultas): todo presidente as enfrenta e nem por isso renuncia. Há 25 anos espero por esta satisfação que ele me deve e comigo, seis milhões de brasileiros. À exceção dos que morreram, esperando em vão.